

Universidade de Lisboa

Faculdade de Letras



Dois ensaios de M.S. Lourenço: estudo de variantes

Beatriz de Freitas de Sousa Camps

Tese de Mestrado em Crítica Textual

Lisboa

2013

Universidade de Lisboa

Faculdade de Letras



Dois ensaios de M.S. Lourenço: estudo de variantes

Beatriz de Freitas de Sousa Camps

Tese de Mestrado em Crítica Textual

Tese orientada pelo Prof. Doutor João Dionísio

Lisboa

2013

Resumo

Esta dissertação consiste num estudo sobre o processo de escrita dos ensaios «Duas semanas sem Yardley» e «Sombras sobre a mata ao fundo» de M. S. Lourenço. Com vista a traçar a história da criação dos dois textos, analisei os testemunhos textuais existentes seguindo uma ordem cronológica: manuscrito do autor, publicação jornalística, provas para a primeira edição, primeira e segunda edições.

Partindo dos métodos usados pela crítica genética e pela variantística italiana, procurei identificar as alterações introduzidas em cada testemunho e desse modo compreender o quadro geral das intervenções autorais que ditaram a transformação e (re)criação do texto ao longo do tempo.

crítica genética; variantística; M.S. Lourenço

Abstract

The purpose of this work is to study the writing process of the literary essays «Duas semanas sem Yardley» and «Sombras sobre a mata ao fundo», by M. S. Lourenço. In order to reconstruct the creative itinerary of these texts, I analyzed the document witnesses according to their chronological order: manuscript, newspaper publication, proofs for the first edition, the first and then the second editions.

The theoretical background of this study results from a blend of different traditions such as genetic criticism and 'variantistica'. I identified and studied the changes introduced in each testimony in the attempt of understanding the main authorial interventions and therefore the meaning of the text's reworking over time.

genetic criticism; 'variantistica'; M.S. Lourenço

Índice

Introdução.....	3
A crítica genética e a variantística italiana	5
Descrição de testemunhos	13
Manuscrito	13
Jornal <i>O Independente</i>	14
Provas tipográficas.....	16
Primeira edição	17
Segunda edição	18
Análise das variantes	21
Manuscrito.....	22
Jornal <i>O Independente</i>	35
Provas tipográficas	49
Segunda edição.....	59
Transcrições.....	67
Normas de transcrição.....	67
Manuscrito.....	69
Jornal <i>O Independente</i>	79
Primeira edição.....	88
Segunda edição.....	96
Conclusão	107
Bibliografia.....	109

Introdução

O presente trabalho visa reflectir sobre o processo criativo desenvolvido por M. S. Lourenço na elaboração dos ensaios «Duas semanas sem Yardley» e «Sombras sobre a mata ao fundo», títulos fixados pela segunda edição do livro *Os Degraus do Parnaso*¹. Como referido pelo autor numa entrevista dada a Miguel Tamen, foi na Áustria que escreveu os primeiros esboços². Os textos em questão foram publicados pela primeira vez, sob a designação de crónicas, no jornal *O Independente* em 19 de maio e 16 de junho de 1989. Posteriormente foram reunidos em livro publicado por aquela chancela em 1991. Onze anos passados, esta obra foi de novo editada, desta vez pela Assírio & Alvim. Em 2009, a mesma editora publica *O Caminho dos Pisões*, livro que reúne a obra literária do escritor e portanto também as duas edições em livro de *Os Degraus do Parnaso*.

O *corpus* deste trabalho é formado pelos manuscritos do autor, pelos ensaios publicados no jornal *O Independente*, pelas provas para a primeira edição e pelas duas edições em livro. Exclui-se *O Caminho dos Pisões* por nele não se terem introduzido alterações aos ensaios em estudo.

Os Degraus do Parnaso é um livro de ensaios que ocupa um lugar particular no percurso do seu autor, filósofo, poeta e ensaísta. O contributo de M.S. Lourenço reparte-se por várias áreas de estudo, destacando-se a filosofia, a sua área de formação e de intervenção profissional. Traduziu o *Tratado Lógico-Filosófico* e as *Investigações Filosóficas* de Ludwig Wittgenstein (Fundação Gulbenkian, 1987), escreveu *A Espontaneidade da Razão*, (Imprensa Nacional, 1986), *Teoria Clássica da Deedução* (Assírio & Alvim, 1991), concebeu *A Cultura da Subtileza* (Gradiva, 1995) e é o autor

¹ Sempre que nos referirmos aos ensaios em estudo, utilizaremos os títulos adoptados na segunda edição da obra *Os degraus do Parnaso*, excepto quando nos referirmos aos testemunhos em particular (nomeadamente na descrição e análise das variantes), caso em que utilizaremos os títulos adoptados em cada testemunho.

² «de novo na Europa, na paisagem dos Alpes austríacos, onde realizei a minha utopia musical e escrevi a seu propósito os primeiros esboços de *Os Degraus do Parnaso*». Cf. Tamen, Miguel, «Uma entrevista a M.S. Lourenço», p. 19.

de vários artigos publicados em *O Tempo e o Modo*, na *Revista da Faculdade de Letras* da Universidade de Lisboa, e na *Revista Portuguesa de Filosofia*.

Enquanto poeta e ensaísta publicou o seu primeiro livro pela Livraria Moraes Editores em 1960, *O Desequilibrista*, referido por Fernando Martinho como «título sintomático do seu gosto pela experimentação»³, seguindo-se *O Doge* (1962), *Ode a Upsala* (1964), *Arte Combinatória* (1971), *Wytham Abbey*, (1974). Também da sua autoria, *Pássaro Paradísico* (Perspectivas e Realidades, 1979), referido por Maria de Fátima Marinho como exemplo de uma das obras do autor com influências do surrealismo⁴.

Em 1991 publicou *Nada Brahma* (Assírio & Alvim) e *Os Degraus do Parnaso*, obra que segundo M.S. Lourenço constitui «uma reformulação narrativa de *Nada Brahma* e assim uma reafirmação do mesmo ideal»⁵. No mesmo ano, o autor foi galardoado com o Prémio D.Dinis Casa de Mateus, justamente pela obra *Os Degraus do Parnaso*. Sobre este trabalho, Miguel Tamen pronunciou-se, referindo desde logo que uma das reivindicações mais características ao longo do livro é a existência de um vínculo entre poesia e música⁶. Perante a dificuldade em classificar o género literário, e elogiando sintaxe e temáticas desta obra, Miguel Tamen opta por «*Biographia Literaria*»⁷. Do conjunto de ensaios literários que compõem este livro, dois constituem o nosso objecto de estudo.

O método adoptado na elaboração desta dissertação partiu dos conhecimentos doutrinados pela crítica genética e pela variantística italiana. Estas duas correntes, sobre as quais me debruçarei no primeiro capítulo da presente tese, nortearam-me na análise que fiz dos vários testemunhos. Deste modo, após um primeiro capítulo de enquadramento teórico, farei a descrição dos testemunhos que constituem o *corpus* deste trabalho para em seguida analisar as variantes encontradas nos dois ensaios.

³ Martinho, Fernando, *A literatura portuguesa do séc. XX.*, p. 28.

⁴ Marinho, Maria de Fátima, *O surrealismo em Portugal*, pp.292-294.

⁵ Contracapa da 1.ª edição de *Os Degraus do Parnaso*.

⁶ Tamen, Miguel, *Artigos Portugueses*, p.119.

⁷ Tamen, Miguel, «Os degraus do Parnaso» [crítica a '*Os Degraus do Parnaso*', de M. S. Lourenço], *Colóquio-Letras* n.º 127/128, p. 248.

A crítica genética e a variantística italiana

O presente estudo parte da premissa de que através da análise empírica dos manuscritos de trabalho do autor, bem como de outros testemunhos subsequentes da mesma obra, é possível apreender o método que orientou o escritor na actividade criadora.

O manuscrito é o objecto de trabalho primordial da crítica genética, área de estudos que procura compreender o processo de criação autoral, servindo-se para tal da análise de todos os dados presentes nos documentos de trabalho subsistentes. É no documento autógrafo, testemunho material mais próximo dos diferentes momentos de criação, que encontramos as primeiras frases e sucessivas emendas do autor.

A crítica genética é uma corrente de estudos desenvolvida em França desde a década de sessenta do século XX, época em que ganhou autonomia relativamente à filologia e à crítica textual. Não foi resultado de uma teoria, antes nasceu de uma experiência, desencadeada através da aquisição pela Biblioteca Nacional de França dos manuscritos de Henrich Heine. A equipa Heine surgiu 1968 com o objectivo de tratar os documentos autógrafos daquele autor e, confrontando-se pela primeira vez com os manuscritos, teve de desenvolver uma metodologia apropriada ao caso, que implicava identificar, classificar e descrever os autógrafos do autor alemão. Nesta altura outras disciplinas complementares ganharam visibilidade como a codicologia dos manuscritos modernos, que se dedicava à análise interna e externa do manuscrito; ou a paleografia, que contribuiu para a análise dos traços presentes no manuscrito, desse modo identificando a autoria, num primeiro momento, e, depois, tratando da dimensão temporal do processo de escrita de forma a distinguir as etapas da redacção. A diversidade dos elementos (signos gráficos, letras, emendas, desenhos) que compõem o manuscrito contribuiu pois para o desenvolvimento de disciplinas auxiliares da crítica genética.⁸

⁸ Hay, Louis, «Qu'est-ce que la critique génétique?».

A crítica genética não tem por escopo corrigir ou fixar o texto, mas dar a conhecer a sucessão das intervenções autorais no tempo. Nas palavras de Daniel Ferrer, a crítica genética tem mesmo o efeito de desestabilizar o texto, tanto assim que um dos artigos mais célebres de Louis Hay, um dos fundadores desta disciplina, se intitula «Le texte n'existe pas»⁹. O crítico parte da análise do manuscrito, concebendo o seu método através da generalização de um conjunto de observações concretas. Contudo, logo à partida o objecto de trabalho apresenta limitações. Refere Louis Hay que « la documentation la plus complète et la mieux conservée ne révèle jamais qu'une fraction des opérations mentales dont elle garde l'empreinte; la trace de l'écriture n'est pas l'écriture même». ¹⁰ Por exemplo, o manuscrito representa o início de um processo, mas isto não significa que o manuscrito marque de facto o início da criação. De acordo com o mesmo autor, o acto de criação pode começar em qualquer lugar e a qualquer momento, por isso:

L'origine première de l'écriture demeure souvent indiscernable (et parfois à l'écrivain lui-même); la critique ne peut la revendiquer comme point de départ. Il lui faut choisir un repère observable : l'instant où la plume touche le papier¹¹.

Pelo mesmo motivo, também outros legados de fase pré-redaccional poderão ser úteis ao crítico, como pequenas anotações ou esboços relacionados com a planificação da obra. Assim, a crítica genética não tem o seu material de estudo definido *a priori*.

Se no presente estudo o manuscrito é abordado no quadro da crítica genética, outros documentos são aqui também alvo de reflexão, o que convida à convocação de outra perspectiva. A análise de outros testemunhos conhecidos dos dois ensaios tornou-se obrigatória de forma a acompanhar uma sucessão tão alargada quanto possível das alterações autorais. Entramos assim num campo contíguo e complementar da Crítica Genética, o domínio da variantística italiana¹², corrente filha da Filologia, que acompanha a sucessão das variantes desde o manuscrito às edições subsequentes revistas pelo autor ¹³.

⁹ Ferrer, Daniel, «Les filiations divergentes: critique génétique et critique textuelle».

¹⁰ Hay, Louis, «"Le texte n'existe pas". Réflexions sur la critique génétique», pp. 147-158.

¹¹ Hay, Louis, «Qu'est-ce que la critique génétique?».

¹² Segre, Cesare, «Critique des variantes et critique génétique», p.30.

¹³ *ibidem*, p.31.

Importante será perceber em que medida é que estas duas áreas de estudos são de facto autónomas, uma vez que desde logo partilham um objecto de trabalho em comum, o manuscrito, e assim também a preocupação de compreender a obra artística como algo em movimento, não como um produto ou resultado estático. Vejamos então zonas de sobreposição e diferença nestas duas modalidades de abordar o texto moderno.

A crítica genética enfrentou obstáculos para se definir autonomamente no plano teórico, numa época impregnada pelo debate entre a crítica académica de tradição filológica e a nova crítica, de linha estruturalista, que reivindicava a autonomia do texto e a morte do autor¹⁴. Diz acerca disto Almuth Grésillon : «Les uns rapprochaient la critique génétique de la philologie, tandis que les autres la disaient issue du structuralisme triomphant»¹⁵.

Como sustenta Louis Hay a crítica genética não nasceu *ex nihilo*. A obra como algo em movimento fora já objecto de reflexão em obras do primeiro romantismo alemão. O autor refere a título exemplificativo autores como Novalis (1772-1801) que afirmava: «Les produits authentiques [de l'art] doivent reproduire leur propre production»; e Goethe (1749-1832) para quem a compreensão de uma obra implicaria conhecer o momento do seu nascimento: «On ne peut embrasser les ouvrages de la nature et de l'art lorsqu'ils sont achevés; il faut les saisir au vol, à l'état naissant, si l'ont veut parvenir à les comprendre»¹⁶.

Louis Hay refere Karl Lachmann, como o primeiro a aventurar-se numa edição crítica de um clássico moderno, Gothold Ephraim Lessing, em 1840. Porém, o manuscrito era usado unicamente como testemunho do texto e portanto ainda não adquirira a atenção que a crítica genética lhe daria.

Foi Friedrich Beissner, um medievalista alemão, o primeiro a aproximar-se de uma edição que reflectia a preocupação de dar a conhecer os diferentes momentos da criação do texto. Entre 1943 -1961, Beissner editou a obra completa de Friedrich Hölderlin, poeta do século XVIII, publicando em diferentes volumes cada manuscrito, com a reprodução do próprio manuscrito. Beissner partira da premissa de que a sucessão temporal das inscrições pode ser deduzida a partir da disposição espacial das mesmas¹⁷.

¹⁴ Barthes, Roland, «A morte do autor», pp. 49-53.

¹⁵ Grésillon, Almuth, «La critique génétique: origines et perspectives», p.35.

¹⁶ Hay, Louis, «Génese de la génétique».

¹⁷ Hay, Louis, «L'édition critique et la génétique dans la longue durée».

Este trabalho de edição foi criticado pelo facto de Beissner sujeitar a ordem de aparecimento das variantes à do texto fixado¹⁸. Para Louis Hay, porém, Beissner teve mérito ao ter em conta o carácter temporal do processo de escrita.

Segundo o mesmo autor, a mudança que se consolidaria nos terrenos da edição ficou sobretudo a dever-se a uma mudança estética operada pelos próprios escritores no início do século XX; e cita Valéry : «L'œuvre d'esprit n'existe qu'en acte» e ainda «Faire un poème c'est le poème»¹⁹.

Na mesma linha, no ensaio «Qu'est-ce que la critique génétique?», Louis Hay reclama que atribuir o nascimento da crítica genética à experiência vivida pela equipa Heine seria uma afirmação incompleta²⁰. Para o crescente fascínio ou interesse pela realização continuada de um texto muito contribuíram as mudanças nas práticas culturais dos escritores e da sociedade, nomeadamente através do aparecimento e disponibilização destes documentos em arquivos e bibliotecas públicas. A Biblioteca Nacional de França, por exemplo, desenvolveu uma política de aquisição de autógrafos apenas a partir da segunda metade do século XX. O contacto com o manuscrito e a sua análise cuidada permitiram o despertar da consciência para o valor literário deste documento, a consciência de que se estaria perante uma obra em processo. Desencadeou-se assim o aparecimento de um método indutivo aplicado ao texto; este método, partindo da análise de dados concretos, como os traços visíveis no documento autógrafo, procuraria atribuir-lhes um sentido. Este método implica porém algumas limitações ao nível de resultados interpretativos a que possamos chegar. Sabemos que, por um lado, a análise dos objectos materiais (como o suporte e os traços nele visíveis) permite-nos distinguir diferenças entre duas operações genéticas (como a adição de uma palavra ou a sua substituição por outra), por outro lado, a simples identificação de uma diferença não permite concluir que operações genéticas análogas obedecem a determinada causa ou lei de criação. Louis Hay reflecte sobre este assunto e adverte

¹⁸ Hans Zeller, no ensaio «L'édition génétique dans le domaine germanique moderne: origines et développements», considera Reinhold Backmann como o primeiro a elaborar os fundamentos teóricos e o primeiro projecto de edição genética. O autor distingue duas correntes da filologia editorial da literatura moderna alemã que se desenvolveram no início do séc. XX e critica o trabalho de Beissner; afirma que as concepções deste autor eram teleológicas, tanto que para ele as variantes tinham a função de comentário à versão definitiva da obra.

¹⁹ Hay, Louis, «L'édition critique et la génétique dans la longue durée».

²⁰ Hay, Louis, «Qu'est-ce que la critique génétique?».

que, na perspectiva da criação literária, a crítica genética não visa uma explicação, mas uma compreensão, ela procura não um mecanismo, mas um sentido²¹.

Preocupações comuns moveram os estudiosos da variantística italiana. De facto, em Itália, dado o grande número de autógrafos preservados, desde cedo os críticos se dedicaram ao estudo dos manuscritos, como os de Petrarca e os autógrafos de Boccaccio. De ambos se conservam duas redacções alógrafas datadas com correcções interlineares pelos respectivos autores. Já no século XVI, o processo genético das *Rimas* de Petrarca foi objecto de discussão, nomeadamente por Bonifacio Bembo. No mesmo século circularam várias redacções diferentes de *Orlando Furioso* de Ariosto, facto que interessou aos estudiosos e marcaria o ponto de partida do trabalho crítico, segundo Maria Teresa Giaveri²².

Como afirma Cesare Segre²³, a filologia italiana do século XVI fez mais do que inaugurar o estudo das variantes de autor. Em 1642, Federico Ubaldini publicou o manuscrito do *Canzoniere* de Petrarca com todas as suas correcções, emendas e lições alternativas. É talvez o primeiro exemplo de edição genética de um texto. Para além da influência da grande tradição crítica italiana, a variantística ou crítica das variantes muito ficou a dever à figura de Gianfranco Contini que, aliás, lhe deu o nome. Contini, como refere Maria Teresa Giaveri, serviu-se do léxico da filologia e transformou-o. O termo “variante” ganha um novo significado com a crítica variantística, pois esta não está interessada numa comparação pontual de melhoramentos locais, mas numa concepção mais alargada, apreendendo o sentido global do processo de melhoramento textual, a dinâmica de transformação textual.

A crítica das variantes foi aplicada e teorizada em Itália desde 1937, com o artigo de Contini «Come lavorava l’Ariosto». De acordo com Cesare Segre «Contini n’ a pas “inventé” la critique des variantes. Il représente le point d’aboutissement d’un travail séculaire, auquel il a fourni pourtant ses justifications théoriques»²⁴. Na recensão crítica à edição de “I frammenti autografi dell Orlando Furioso”, realizada por Santorre Debenedetti, Gianfranco Contini considerou serem duas as maneiras de interpretar a obra poética: uma estática, que considera a obra poética como um «valor» em si; e a

²¹ *Ibidem*.

²² Giaveri, Maria Teresa, «La critique génétique en Italie: Contini, Croce et l’étude des paperasses», p. 10.

²³ Segre, Cesare, «Critique des variantes et critique génétique», p. 32.

²⁴ *Ibidem*, p.33.

outra dinâmica, que a considera como uma eterna aproximação ao «valor». Benedetto Croce foi um dos seus críticos, afirmando que a verdadeira génese é «ideal» e não poderia ser percebida através das palavras. Para este autor a análise do manuscrito não permitiria mais do que perseguir uma ilusão da génese da obra, e afirma que estudar os rascunhos de uma obra é um trabalho desprovido de qualquer valor crítico²⁵. Esta perspectiva não vingou e, como refere C. Segre, desde 1937 que em Itália se alerta para o interesse das redacções sucessivas e das variantes de autor.²⁶

Desde essa data que se assiste ao aperfeiçoamento dos métodos usados na abordagem das variantes fruto do trabalho de Contini, à medida que se ia debruçando sobre diferentes autógrafos. Mas, como salienta Maria Teresa Giaveri, as páginas teóricas são raras, e cita Contini: «as teorias abstractas são apenas capazes de nos encher de orgulho e de nos dar uma falsa segurança».²⁷

Feito este relance, pode dizer-se, como refere a autora Teresa Giaveri no ensaio publicado na revista *Genesis*, que a crítica genética tomada em sentido lato teve dois inícios e duas identidades diferentes. Em Itália, a antiguidade e a subsistência da documentação autógrafa foi determinante para o estudo da criação literária. Em França, foi a renovação epistemológica que abriu uma dimensão diferente no debate crítico contemporâneo. A autora considera que a crítica variantística italiana foi precursora da crítica genética naquele país. Também Louis Hay reflecte sobre estas duas correntes. Para este autor, a crítica genética francesa partilha as mesmas referências literárias e a mesma concepção da génese. Contudo, quase tudo as separa. Os grandes filólogos franceses não se dedicaram ao estudo das obras modernas. A crítica genética teria assim nascido de um acaso.²⁸ Segre por sua vez, relativamente a esta questão, afirma que os estudos franceses sobre a génese dos textos e os estudos italianos sobre as variantes de autor representam dois domínios contíguos e complementares. Explica Segre que os termos utilizados pelas duas escolas reflectem diferenças reais no entendimento do seu objecto, mesmo que a distinção por vezes se confunda, considerando também haver interferências entre os dois domínios. De forma a evidenciar as diferenças, afirma: a crítica genética privilegia as transformações de conteúdos nomeadamente nos casos em

²⁵ Giaveri, Maria Teresa, «La critique en Italie: Contini, Croce et l'étude de paperasses».

²⁶ Segre, Cesare, *op. cit.*, p.33.

²⁷ G. Contini: «Le teorie astratte non sono buone che a gonfiarci di superbia, a darci una falsa sicurezza», *apud* Maria Teresa Giaveri, «La critique en Italie: Contini, Croce et l'étude de paperasses».

²⁸ Hay, Louis, «L'édition critique et la génétique dans la longue durée».

que é possível estudar a obra do escritor nas suas fases sucessivas. A crítica das variantes estuda, à partida, as variantes de um texto feitas durante ou após a sua redacção, visando melhorar o texto já consolidado. Muitas vezes as duas perspectivas podem suceder-se no estudo do mesmo texto já que podem subsistir, para as fases genéticas, o manuscrito em grande evolução, e para a fase da correcção minuciosa, as variantes de lição numa redacção final ou em edições sucessivamente revistas. É evidente que na primeira perspectiva, o que analisamos são os momentos em que a obra toma forma, enquanto na outra analisamos mudanças menores mas capazes de melhorar e precisar a significação. A crítica genética debruça-se sobre os manuscritos de trabalho, redacções e ensaios que precedem a forma definitiva e pública de texto literário, redacções ou reelaborações publicadas em sucessão; já a crítica das variantes trabalha perto do texto sobre os retoques que precedem imediatamente a sua passagem a limpo, a publicação ou reedição.²⁹

O discurso de Segre demonstra como a complementaridade das referidas correntes de estudo é proveitosa para um mais vasto conhecimento do nosso objecto de trabalho. Os testemunhos analisados para o estudo dos ensaios são vários e de natureza diversa. O método adoptado consiste na análise das variantes de autor, quer no manuscrito, quer entre os restantes testemunhos. Procurámos acompanhar as intervenções do autor desde a redacção do manuscrito até à reedição da obra e desse modo compreender o percurso global da criação.

Dado o que foi exposto, a presente dissertação é devedora da crítica genética na medida em que partiu da análise do manuscrito, documento que nos permite chegar mais perto do momento da criação. O facto de acompanharmos continuamente as variantes entre as várias publicações não deixa porém de reflectir influência da variantística italiana.

²⁹ Segre, Cesare, *op.cit.*, pp. 30-31.

Descrição de testemunhos

Dos dois ensaios que são objecto de reflexão neste trabalho conservam-se 6 testemunhos: um manuscrito, uma publicação periódica, as provas da primeira edição, a primeira e a segunda edições de *Os Degraus do Parnaso* e ainda *O Caminho dos Pisões*³⁰.

Manuscrito

Trata-se de um caderno de capa dura e cor azul, de folhas pautadas e em bom estado de conservação, com foliação contínua apógrafa. Uma etiqueta na capa diz: «NOTIZBUCH Ab Sommersemester 1984». A primeira data expressa neste caderno é 20/03/1984 (f. 2) e a última 27/04/1989 (f. 49v), mas M. S. Lourenço continuou com certeza a escrever neste suporte depois desta última data na medida em que uma carta sem data dirigida a Miguel Esteves Cardoso remontará a agosto de 1989, precisamente no momento em que enviou a sua última colaboração para o jornal *O Independente* no âmbito de *Os Degraus do Parnaso*, o ensaio «A linguagem universal». Foram usados diferentes instrumentos de escrita, nomeadamente canetas de tinta de várias cores.

Este caderno parece ser composto internamente por quatro partes essenciais:

A primeira, referente a actividades lectivas de M. S. Lourenço na Universidade de Innsbruck, ocupa parte substancial do suporte, f. 2-34 (foliação autógrafa: 1 a 10, nas f. 2 a 11). Os escritos aí registados, datados entre 20 de março de 1984 (f.2) e 9 de novembro de 1984 (f.34), versam sobre a matéria leccionada naquela universidade. Entre as f. 34 e 35 encontram-se vestígios de pelo menos quatro folhas, que foram arrancadas.

A segunda parte do caderno tem duas folhas. A f. 35 contém a indicação “Sommersemester | 1986” e a f. 36 e compreende apontamentos diarísticos.

³⁰ Como referi atrás, este último testemunho não foi tomado em consideração por nele não se introduzirem novas alterações aos textos em estudo.

A terceira parte é a mais longa e a mais relevante para este estudo. Entre a f. 37 e f. 84r encontramos alguns dos textos ensaísticos que viriam a ser publicados no jornal *O Independente* sob a designação geral “Os Degraus do Parnaso”. Dos 25 ensaios publicados no jornal, quinze encontram-se manuscritos neste caderno com paginação própria através de figuras rítmicas (♩, ♪♪, ♪♪♪, ♪♪♪♪). Há também um texto (f. 57) que talvez estivesse inicialmente programado para publicação na mesma série, mas que ficou mais breve do que o padrão da colaboração do jornal e permaneceu inédito. Além dos ensaios, esta zona do caderno contém a redacção de três cartas, duas dirigidas a Miguel Esteves Cardoso (49r, 84r) e outra endereçada a José Duarte (49v-50r). A primeira carta a Miguel Esteves Cardoso (22/04/89) diz respeito à surpresa por um dos textos (“Angústia em Viena num andar com vista”) não ter sido publicado quando estava previsto, a segunda (sem data) anuncia o fim da colaboração jornalística; a carta a José Duarte (27/04/89) responde à carta do destinatário acerca de questões musicais.

A quarta e última parte do caderno, que ocupa o verso da f. 84 e as f. 85 e 86, foi intitulada “O cálculo dos conceitos”. A extensão é ligeiramente inferior à dos textos reunidos na parte anterior, mas as páginas foram preparadas para a sua escrita da mesma maneira.

Jornal *O Independente*

Este semanário saía às sextas-feiras e foi publicado durante dezoito anos, entre 20 de maio de 1988 e 1 de setembro de 2006. Projecto nascido num período de normalização do regime democrático, de abertura à Europa e de crescimento económico, *O Independente* teve como primeiro director Miguel Esteves Cardoso e Paulo Portas como director-adjunto. Tal como fora definido nos estatutos do jornal, desde logo no número 0, *O Independente* assumia-se como uma voz política conservadora e de direita, democrata, liberal e defensora da tradição. Sendo uma publicação parcial, o semanário aproximou-se do público através de capas chamativas, títulos com jogos de palavras, mas sobretudo pela novidade do discurso, «[um] olhar

cínico sobre a política, [um]a linguagem irónica e arejada, que contrastava com a linguagem jornalística típica»³¹.

Para além de conteúdos relacionados com a política e vida económica, o semanário *O Independente* continha um caderno intitulado Vida3, onde se divulgavam ensaios e se escrevia sobre poesia, fotografia, arte. Entre os colaboradores daquele suplemento estavam, por exemplo, Vasco Pulido Valente, Manuel Graça Dias, João Miguel Fernandes Jorge, João Bénard da Costa, Miguel Esteves Cardoso, M. S. Lourenço, Joaquim Manuel Magalhães.

M.S. Lourenço colaborou com *O Independente* entre 20 de janeiro e 11 de agosto de 1989. Durante este período publicaram-se vinte e cinco crónicas num espaço no âmbito da série *Os Degraus do Parnaso*³². A análise do testemunho manuscrito demonstra que a ordem de publicação das crónicas no jornal seguiu a ordem da escrita no caderno. Em regra, a colaboração de M.S. Lourenço era semanal, embora por cinco vezes esta periodicidade não tenha sido mantida³³.

Do ponto de vista do código bibliográfico³⁴, as principais características desta colaboração n' *O Independente* são as seguintes: ao centro do cabeçalho há uma referência ao género textual – Crónica; no topo superior esquerdo da página, uma foto do autor, ladeada à direita pelo título da secção *Os Degraus do Parnaso* e pelo nome do autor. Os títulos dos ensaios precedem o texto e foram escritos em fontes de tamanho considerável («Em paisagem tropical alma branca missa preta» a : 13 mm; «Sobre uma profecia de Daniel» a: 15 mm). Ambos os textos, acompanhados por uma imagem (h 10 cm/ L 10 cm), distribuí-se por cinco colunas de tamanho desigual. Há também um destaque, impresso em fonte maior (a: 0,4 mm) do que a adoptada no corpo do texto (a: 0.2 mm), que antevê um aspecto do tema explorado no texto. Pelo conteúdo destes

³¹ Barradas, Maria Filomena, «O Independente perante Portugal: identidades em formação e reavaliação no final do século XX».

³² Apesar de no início esta colaboração ter saído sob o título “Os Degraus do Parnasso” (com dois ss), por certo devido ao facto de M. S. Lourenço assim registar o nome do monte mitológico no seu manuscrito, os últimos três ensaios saíram com o título corrigido (“Parnaso”). As publicações posteriores mantiveram a correcção.

³³ Não foram publicados ensaios nas seguintes datas: 24/03/89 ed. n.º 45, 21/04/89 ed. n.º 49 (M.S. Lourenço envia uma carta ao director da publicação a 22/04/89), 2/06/89 ed. n.º 55, 23/06/89 ed. n.º 58, 28/07/89 ed. n.º 63.

³⁴ Na obra *The textual condition*, p. 57, Jerome McGann explica que o significado, a intenção autoral, se transmite através quer dos códigos linguísticos quer dos bibliográficos, pelo que a disposição textual na página e outros elementos mais visuais são quase sempre da autoria do editor, havendo pois uma colaboração entre autor, revisor e editor.

destaques, não parece que a sua autoria deva ser atribuída a M.S. Lourenço, dada a diferença de estilo e o tom algo distanciados do conteúdo relativamente ao seguido no texto.

Provas tipográficas

Trata-se de um conjunto de fotocópias de 69 folhas impressas, nas quais apenas o rosto é utilizado; é constituído pelo índice, pelos ensaios publicados anteriormente no jornal *O Independente* e por uma fotografia do autor (que viria a ser publicada na contracapa do livro, com indicação do nome do fotógrafo, João Tabarra, e do tamanho que a reprodução na contracapa deveria ter, 4 cm).

Da análise das provas conclui-se que o testemunho está incompleto³⁵. De facto, o conjunto não inclui algumas folhas, cuja ausência pode ser detectada por intermédio de saltos na paginação. Das 69 páginas que pertencem ao conjunto, apenas 68 têm correspondência, isto é, vieram a integrar a primeira edição da obra. Como esta edição foi realizada em 105 páginas, ficam portanto a faltar 37 páginas. Não conseguimos apurar uma razão sólida para a ausência destas páginas. Em contrapartida as provas integram uma folha, numerada 72A, que foi inserida depois das folhas correspondentes ao ensaio «Duas Semanas Sem Yardley» e cujo texto, que não aparece na versão do jornal, foi considerado na edição em livro. Esta folha é uma A4 dactilografada com numeração e correcções autógrafas a tinta vermelha e verde.

As provas para a edição de uma obra podem apresentar um número variável de intervenções editoriais e autorais, consoante a fase da edição do livro em que são feitas e o tipo de relação que o autor mantém com o processo criativo. Neste caso, e restringindo a nossa análise apenas ao índice e às páginas das provas dos ensaios em estudo, verifica-se a existência de várias emendas registadas a cores diferentes – preto, vermelho e verde – que serão vestígios de três campanhas de revisão, feitas respectivamente pelo editor, pelo autor e novamente pelo editor.

Em cada momento de revisão foram feitas intervenções de nível diferentes. Primeiramente o revisor, Vasco Rosa, procedeu à correcção de gralhas e a uma

³⁵ Numeração das f. nas provas: [Índice], 7, 9, 10, 14, 17, 19, 21, 27, 29, 35, 39, 42, 43, 45, 46, 47-49, 50, 51, 53, 56, 58, 59, 61, 63-65, 66, 69, 70, 71-72, 72A, 73, 74, 75-77, 79-81, 82, 83-85, 87-89, 91-93, 94, 95-97, 98, 99-102, 103, 104-106, 107, 108, 110 (em itálico numeração manual, respeitante a páginas iniciais de ensaio).

normalização tipográfica e linguística. Por exemplo, através da indicação de que todas as citações entre aspas devem ser grafadas em redondo e corrigindo pontualmente o texto (ex.: «Sobre uma profecia de Daniel»: «tornava-se a breve trecho/ tornavam-se a breve trecho»; «tenham descoberto/ tenha descoberto»). Por sua vez o autor, que interveio a vermelho, para além de corrigir gralhas que escaparam ao editor, introduziu mudanças, algumas substantivas, tendo chegado a acrescentar, como disse antes, uma folha cujo conteúdo não fora publicado no jornal *O Independente*.

Uma das alterações feitas pelo editor foi a correcção no título corrente do livro *Os Degraus do Parnasso* para *Os Degraus do Parnaso* (cf. p. 72). A partir deste momento o título grafado erradamente não volta a aparecer (cf. nota 23).

As provas foram preparadas tendo por base o texto publicado no jornal *O Independente*. De facto, o estudo das variantes entre estes dois testemunhos permitiu-nos verificar a existência de erros introduzidos na publicação jornalística que foram reproduzidos nas provas, acabando alguns por ser corrigidos enquanto outros foram integrados no texto do livro. O índice da obra revela-nos que também a ordem escolhida para a seriação dos textos no livro fora a mesma adoptada pela publicação jornalística.

Primeira edição

Trata-se do livro publicado pelo jornal *O Independente* em Fevereiro de 1991, reunindo os ensaios publicados entre 20 de Janeiro e 11 de Agosto de 1989.

O livro é composto por um índice geral, pelos vinte e cinco ensaios e pelo índice dos nomes. A ordem dos textos respeita a mesma que vimos nas provas tipográficas, que por sua vez reproduz a seriação adoptada pelo jornal. Os ensaios ocupam entre quatro a cinco páginas cada um.

A capa do livro contém uma ilustração que consiste numa gravura feita por Aubrey Beardsley para a obra *Salome*, de Oscar Wilde, na versão inglesa de Alfred Douglas. Esta obra foi publicada pelas casas editoras de Londres e Boston, em 1894, e a

capa acabou por acolher outra versão da imagem adoptada nesta primeira edição de *Os degraus do Parnaso* ³⁶.

A contracapa foi preenchida com um texto sobre o significado de *Os Degraus do Parnaso* no contexto da obra do autor, bem como por uma pequena biografia e pela fotografia do autor. Esta última é acompanhada pelo nome do fotógrafo, João Tabarra, e reproduz o tamanho previsto e anotado por Vasco Rosa na fase de provas.

Segunda edição

A segunda edição da obra *Os Degraus do Parnaso* foi publicada no ano de 2002 pela editora Assírio & Alvim, que publicara em 1991 *Teoria Clássica da Dedução e Nada Braham* ³⁷. Trata-se do quinto e último testemunho estudado dos ensaios já referidos.

Relativamente à estrutura interna da obra, a segunda edição veio introduzir mudanças significativas, registando-se desde logo na página de rosto a menção a «edição integral». Dos vinte e cinco ensaios publicados na primeira edição, três foram suprimidos e acrescentaram-se sete.³⁸ Para além de uma maior extensão, o livro apresenta uma nova organização. O índice revela-nos uma composição tripartida da obra pelo que os vinte e nove ensaios foram deste modo reordenados e distribuídos por estas três partes: I. Atlas, II. Herbários, III. Rituais. A designação de cada uma das partes provém de um verso de Mallarmé, o qual foi registado mais adiante [p.9], na epígrafe³⁹ no mesmo livro. Na última secção foram integrados os ensaios em estudo, tendo os respectivos títulos sofrido alteração, à semelhança do que aconteceu com outros cinco ensaios.⁴⁰

No verso do ante-rosto foi reproduzida uma imagem da obra de teoria musical intitulada *Gradus ad Parnassum* publicada em 1725 por Johann Joseph Fux (1660-

³⁶ João Dionísio, «As escadas têm degraus».

³⁷ Na contra-capa da primeira edição de *Os Degraus do Parnaso*, 1991, M.S. Lourenço esclarece a relação entre estas duas obras ao referir que *Os Degraus do Parnaso* «consistem uma reformulação narrativa de Nada Brahma, e assim uma reafirmação do mesmo ideal».

³⁸ Os textos suprimidos na segunda edição foram: «Angústia em Viena num andar com vista», «Nihil sub sole novum» e «Juno e o Pavão»; acrescentaram-se: «Um templo no ouvido», «A harpa eólica», «Um sonho de Mallarmé», «A abelha do invisível», «Crise em verso em manhã de inverno», «O dia das duas Olgas» e «Ardente insónia em Innsbruck». João Dionísio, «As escadas têm Degraus».

³⁹ A epígrafe reproduz uma quadra retirada do poema «Prose pour des Esseintes», de Mallarmé.

⁴⁰ João Dionísio, «As escadas têm Degraus».

1741), compositor e teórico austríaco. A referida obra consiste num tratado sobre o contraponto e deu nome ao livro de ensaios de M.S. Lourenço por razões que o mesmo explica no texto «A Linguagem Universal». Para o autor, que defende a ideia de que a literatura é uma arte musical, há uma «correspondência entre, na prosa, o desenvolvimento simultâneo de temas diferentes mas relacionáveis e, no Contraponto, a condução simultânea de vozes diferentes»⁴¹.

A capa reproduz a pintura de Gustav Klimt *Pallas Athena*, 1898, obra que se encontra no Museu de História de Viena [Historisches Museum der Stadt Wien].⁴²

Cada ensaio ocupa entre cinco a sete páginas, sendo por isso a mancha de escrita menos densa do que a da primeira edição. Nesta segunda edição os textos são ainda estruturados num maior número de parágrafos.

⁴¹ M.S. Lourenço, 2.^a edição, p 71-72.

⁴² João Dionísio, «As escadas têm degraus».

Análise das variantes

Feita uma apresentação dos diferentes testemunhos onde se encontram os dois ensaios objecto de estudo, importa dizer que «Duas semanas sem *Yardley*» e «Sombras sobre a mata ao fundo» têm em comum o tempo e o espaço em que decorre a narrativa. Ambos retratam uma experiência em Angola no decurso da guerra colonial. A narrativa, feita no passado e na primeira pessoa, descreve os lugares e as paisagens, bem como alguns episódios do quotidiano vividos pelo escritor. A acção é por vezes intercalada com pequenas reflexões acerca das personagens e de temas suscitados pelo desenvolvimento da narrativa, tais como a religião ou a presença portuguesa em África. Em «Duas semanas sem *Yardley*», a acção decorre entre Luanda e Serra do Uíge. M.S. Lourenço escreve sobre a religião e a guerra, e a forma como esta é vivida pelos militares. Estes temas são desenvolvidos por intermédio das personagens retratadas pelo autor, tais como Paulo Espada, Major Capelo, Capitão Jorge Pais e outras. Em «Sombras sobre a mata ao fundo», a acção decorre num quartel no Alto Dange. O autor explora a relação estabelecida entre os militares e os indígenas que trabalhavam numa tonga de café localizada perto do quartel. Esta relação, ora pacífica ora turbulenta, suscita uma reflexão sobre a ressurreição e o desempenho dos militares.

A análise das variantes, que tem por base o estudo das emendas textuais presentes no manuscrito e o estudo das variantes entre testemunhos classificadas em categorias, permitirá tomar consciência de certos aspectos da criação verbal em M. S. Lourenço.

No que se refere ao manuscrito, começámos por estabelecer categorias temporais de emendas – mediata e imediata; dentro destas categorias recolhemos exemplos de operações de reescrita, como a supressão, adição, substituição e reordenação de palavras;⁴³ e procurámos perceber quais as razões que orientaram o escritor em cada

⁴³ Adoptamos as quatro categorias de variantes referidas por Alberto Blecua na obra *Manual de Crítica Textual*. Porém, há que distinguir os âmbitos em que as designadas categorias são aplicadas. Blecua elenca estas operações a propósito de um estudo sobre transmissão de texto e nesse sentido as considera como erros próprios do copista (*op.cit.*, pp. 20-30). Esta dissertação analisa a produção do texto pelo autor, pelo que as referidas operações são utilizadas para categorizar os tipos de intervenção autoral.

uma das alterações. Apenas neste testemunho, dado constituir um documento manuscrito, é útil a distinção entre emendas mediatas e imediatas⁴⁴.

Relativamente aos restantes testemunhos, analisei as variantes estabelecidas entre eles, servindo-me das mesmas categorias de operações de reescrita.

Manuscrito

Para uma melhor compreensão das variantes e dos mecanismos da escrita responsáveis pela introdução de variantes e de correcções no documento autógrafo, analisaremos em primeiro lugar a escrita no caderno.

Considerando a distribuição do texto ao longo de cada página do caderno onde foram redigidos os dois ensaios em análise, verificam-se algumas características comuns a ambos os textos e modos de empaginação. Assim, o autor serve-se de todas as linhas de cada página, as quais são preenchidas integralmente, com excepção da margem esquerda, reservando uma coluna destinada à numeração de linhas feita antes de redigido o texto. No ensaio «Em paisagem tropical alma branca missa preta» distinguem-se doze blocos de texto (fragmentos de texto geralmente correspondentes a parágrafos) escritos a diferentes cores, alternando-se o uso de tinta verde, azul, vermelha e castanha. Por seu turno, no ensaio «Sobre uma profecia de Daniel» são dez os blocos de escrita, os quais mais uma vez se distinguem pela alternância, neste caso, entre a tinta azul, verde e vermelha. O preenchimento da linha é acompanhado pelo uso algo frequente do espaço da entrelinha superior, destinado ao registo de correcções textuais. Em alguns casos, porém, as correcções ocupam as margens da página - superior, inferior e laterais -, bem como o verso da folha anterior àquela onde se inicia o ensaio. A escolha da margem a utilizar parece seguir um critério de maior proximidade ao lugar a corrigir, uma vez esgotado o espaço da entrelinha superior.

⁴⁴ Assim referido por Ivo Castro: «(...) duas categorias essencias de emenda textual: a mediata pode incidir sobre textos já impressos ou ainda na fase de manuscrito, enquanto a imediata é privativa do manuscrito (ou dactiloscrito)», introdução à edição genética e crítica de *Amor de Perdição*, p.71.

O processo de escrita adoptado por M. S. Lourenço distingue-se visualmente sobretudo pela singularidade do uso de várias cores para a redacção, pela numeração das linhas e paginação própria de cada ensaio, pelo uso de abreviaturas e sinais (círculos para assinalar palavras, números e chavetas para reordenar segmentos de frase). Estas características mostram-nos o manuscrito como algo heterogéneo construído em diferentes fases e revelam-nos que aquele documento de foro privado já seria trabalhado com o horizonte da publicação.

A página é preenchida de uma forma regular e cuidada, seguindo uma lógica linear⁴⁵. O texto desenvolve-se horizontalmente sobre a linha, reservando-se o espaço da entrelinha para acrescentos e correcções. A cor utilizada para a numeração de linhas e paginação de cada página dos ensaios é a mesma usada para a redacção do primeiro parágrafo da mesma página. Daqui se conclui que a preparação da página antecede, por norma, a redacção do texto (exceptua-se o caso da quarta página do ensaio «Em paisagem tropical alma branca missa preta»: enquanto a cor usada para a paginação é a mesma utilizada para a redacção do primeiro parágrafo, para a numeração das linhas M.S.Lourenço serviu-se da cor usada na preparação da página anterior) .

Quanto aos ensaios em estudo – «Sobre uma profecia de Daniel» e «Em paisagem tropical alma branca missa preta» –, verificamos que ambos têm uma extensão de quatro páginas, característica comum a outros também objecto de publicação posterior. Cada página tem um total de vinte e nove linhas, numeradas de cinco em cinco. Como assinalei atrás, a paginação ficou a cargo de uma figura rítmica, a semínima. Deste modo, a primeira página está encimada por uma semínima, a segunda por duas semínimas e assim sucessivamente.

O preenchimento da folha obedece portanto a um método, havendo em primeiro lugar um tempo para a preparação do próprio suporte, ao qual se segue a fase da redacção propriamente dita. O uso da cor, por sua vez, serve para representar cada etapa da redacção do texto, normalmente correspondente a um parágrafo, distinguindo-o, dessa forma, do parágrafo seguinte, bem como daquele que o antecede (registam-se quatro excepções nos ensaios em estudo, casos em que a mudança de cor não dá lugar a

⁴⁵ Escrita linear, por oposição à escrita tabular, referida por Almuth Grésillon, *Eléments de critique génétique – Lire les manuscrits modernes*, p.54. A escrita linear segue a orientação da linha, permitindo mais facilmente detectar a ordem de preenchimento da página: «Il suffit en quelque sorte de déchiffrer au fil de la lecture pour restituer le fil de l'écriture».

abertura de parágrafo; «Em paisagem tropical ...» : primeira página, linha 18; «Sobre uma profecia...»: terceira página, linhas 13 e 21, quarta página, linha 9). O título, por sua vez, é acrescentado em último lugar, após a redacção do ensaio, no espaço em branco do cabeçalho envolvente da semínima.

Por vezes o autor recorre ao uso de sinais, nomeadamente círculos, que dão conta de um lugar de dúvida de leitura acerca da palavra anteriormente escrita. Exemplificando, na linha 11 da primeira página do ensaio «Sobre uma profecia de Daniel», o autor desenhou um círculo à volta da palavra *lugar*. O círculo remete neste caso para a margem superior da folha, onde a palavra aparece novamente, agora escrita de forma mais legível. Um outro caso é o da linha 17 da segunda página de «Em paisagem tropical alma branca missa preta», onde o autor desenhou um círculo à volta da palavra *inevitável*. Esta contudo não foi reproduzida em mais nenhum testemunho, facto que contribui para a ideia da ilegibilidade das palavras rodeadas por círculos.

Na redacção dos ensaios o autor utilizou vários instrumentos de escrita de cor diferente. Este facto permite-nos desde logo reconhecer dois tipos de emendas: as registadas com a mesma cor do segmento de texto que visam alterar e outras assinaladas a uma cor diferente do segmento em que interferem, a mesma geralmente usada no parágrafo seguinte. Este segundo tipo, verificando-se frequentemente ao longo dos ensaios, permite-nos concluir que uma das operações essenciais durante o processo de escrita do autor é precisamente a releitura e eventual correcção de parte do texto já escrito. As variantes introduzidas após a releitura do segmento escrito são por isso designadas por variantes de leitura.

Na base da distinção entre variantes de leitura e variantes de escrita ou imediatas está o lapso de tempo que ocorre entre a primeira redacção e a sua revisão. Segue-se aqui a orientação de Almuth Grésillon, mencionada na obra *Éléments de critique génétique*⁴⁶, para quem a variante imediata será aquela tendencialmente registada na mesma linha, também designada variante de escrita na medida em que é realizada no momento de criação: «variante immédiate, dont un synonyme est variante d'écriture, terme qui signifie que la variante intervient au fil de la plume»; diferentemente, a variante mediata, podendo ocupar o espaço entre linhas, a margem ou outro suporte destinado à reescrita de uma fracção do texto, realiza-se num momento diferente da

⁴⁶ Grésillon, Almuth, *Éléments de critique génétique – Lire les manuscrits modernes*, pp. 69-70.

redacção, implicando pois uma leitura e reflexão sobre o já escrito: «Dans la mesure où l'on peut tenir pour certain que la variante fait suite à la lecture du brouillon par le scripteur, on parle alors également de variantes de lecture». As emendas daqui resultantes não serão propriamente alterações fruto do primeiro jacto de escrita, senão do acto de uma releitura parcial ou de todo o texto.

Se podemos afirmar que uma emenda feita com uma cor diferente do parágrafo onde intervém consiste muito provavelmente numa emenda mediata, não podemos porém concluir que todas as emendas feitas com a mesma cor dizem respeito a emendas imediatas. A título de exemplo, segue-se a apresentação de um exemplo de emenda mediata registada na mesma cor do parágrafo onde intervém. Retomando os passos do escritor, este iniciou a redacção do primeiro parágrafo (linhas 1 a 8) do ensaio «Em paisagem tropical alma branca missa preta» a tinta azul; na linha 9, abriu um novo parágrafo (linhas 9 a 22) onde se serviu de duas cores diferentes – vermelho e verde. Após a redacção deste segundo parágrafo, seguiu-se um momento de releitura de toda a página, o qual deu lugar a algumas alterações registadas a tinta verde. Na linha 10, encontramos o seguinte: «⁵Lelo, <nessa altura> [↑em toda a cidade] a única <possibilidade de comprar discos, para o meu> [↑ </*e/> loja de música, onde <onde> com um [↑<pequeno>][→ abreviado] catálogo» . Com excepção da palavra *pequeno*, que foi registada a verde, todas as outras foram redigidas a vermelho. Concluímos portanto que houve dois momentos diferentes de revisão, um redigido a verde, após a conclusão do segundo parágrafo, e outro posterior, registado a vermelho, provavelmente após a conclusão do último parágrafo da mesma página, que, escrito a vermelho, se estendeu até à primeira linha da página seguinte.

As emendas mais frequentes ao longo dos ensaios são as mediatas. Ocupam geralmente o espaço da entrelinha superior, podendo também ser encontradas nas margens ou mesmo noutras páginas para onde são remetidas através de sinais.

Entre as emendas mediatas podemos identificar como sendo as mais comuns as que correspondem a operações de substituição de palavras. Este fenómeno implica a supressão de um segmento de texto ou palavra, que é anulado pelo autor, e a adição de um segmento alternativo que o substitui, geralmente registado na entrelinha superior. O segundo tipo mais frequente de emenda mediata é a adição de palavras ou de pontuação. Já a supressão, só por si, de palavras ou pontuação revela-se uma operação de menor

frequência, uma vez que normalmente o segmento anulado surge acompanhado de uma nova adição, enquadrando-se por isso na categoria das emendas por substituição de palavras. A emenda mediata menos frequente é a reordenação, que consiste na alteração da ordem de palavras na frase, sem que haja anulação de qualquer uma das delas. Esta é registada através do uso de chavetas e de números sobre cada palavra, que indicam a nova ordem a seguir.

As emendas mediatas que correpondem geralmente a operações de adição e substituição de palavras visam frequentemente clarificar uma ideia ou introduzir precisão no passo redigido de início. Por exemplo, e reportando-nos à primeira página do ensaio «Sobre uma profecia de Daniel», na linha 13, podemos ler: «⁷pela vista magestática que tinha <das> [↑para as] montanhas dos Dembos». De facto, pelo contexto desenvolvido ao longo do parágrafo era já possível perceber que a vista magestática dizia respeito àquela que o observador, que se encontrava no acampamento no topo de uma montanha no Alto Dange, tinha para as montanhas dos Dembos. A substituição de palavras veio clarificar o significado antes ambíguo a uma primeira leitura. Assim também na linha 28, o autor veio introduzir a seguinte alteração: «²⁹durante <os meses> [↑alg. tempo] da minha permanência no Alto Dange vim a usufruir da intimidade <com> [↑de] Jorge Pais». A substituição «<os meses> [↑alg. tempo]» explica-se pelo facto de a medida do tempo da permanência naquela localidade não ter sido igual para o escritor e para o capitão Jorge Pais. Como se refere mais à frente no mesmo parágrafo, «Ao fim de quatro semanas, (...) Jorge Pais foi acometido de uma doença ainda mais difusa, de uma angústia tão profunda que teve de ser evacuado para Luanda». Concluimos que a substituição de palavras veio introduzir uma coerência temporal que a primeira versão deixara em aberto.

No mesmo ensaio, encontramos outro exemplo de substituição de palavras que conferiu uma maior precisão temporal. Na linha 21 da segunda página, podemos ler: «fomos um[a] <dia> [↑manhã] surpreendidos». O escritor começou por redigir a verde «fomos um dia surpreendidos»; depois de concluir aquele parágrafo, e antes de iniciar a redacção do parágrafo seguinte onde se serviu da cor vermelha, procedeu à revisão do segmento já escrito, fazendo algumas alterações, entre as quais a substituição da palavra *dia* por *manhã*, o que implicou a alteração do artigo que a precedia. Embora a substituição de uma palavra, enquanto operação mediata, seja normalmente circunscrita

a um ou dois termos, pode implicar mudanças noutros elementos da frase por razões de concordância gramatical.

Vejamos agora alguns exemplos de operações de adição de palavras que constituem ainda emendas mediatas. Na segunda página do mesmo ensaio, a adição de uma palavra na frase: «²⁶As minhas patrulhas tinham assim um curso & um desfecho sem acontecimentos – e logo [↑grande] significado militar». A palavra *grande* foi acrescentada a tinta vermelha (a mesma utilizada no parágrafo seguinte) na entrelinha superior posteriormente à redacção daquele parágrafo (que foi redigido a verde)⁴⁷. A adição daquele adjectivo restritivo alterou o sentido da anterior expressão, conferindo maior rigor à ideia transmitida e aproximando-se da ideia que o autor terá tentado desde o primeiro momento expressar. A frase em questão surge como conclusão de uma ideia que abrisse o mesmo parágrafo «²⁴Não foi para mim e para os nossos soldados um tempo particularmente difícil (...)». A expressão «sem grande significado militar» está assim contextualizada por um início de parágrafo que descreve rotinas e a «primordial e extáctica paisagem circundante» e contrasta com o desenvolvimento da narrativa que se regista a partir daí.

Outro exemplo que pode ilustrar a adição de palavras enquanto operação mediata, é o seguinte caso, registado na primeira página do ensaio «Sobre uma profecia de Daniel», e que se integra no já referido parágrafo acerca da vista para as montanhas dos Dembos: «⁷Mas uma vez lá em cima era-se [↑amplamente] recompensado pela vista magestática». Neste caso, a introdução daquele advérbio de modo na entrelinha vem introduzir já não uma precisão de conteúdo ou clarificação de uma ideia, senão a ênfase dada à vista «magestática».

Quando procede à reordenação das palavras na frase, o autor serve-se de números e chavetas. Cada palavra recebe um número no espaço da entrelinha superior, número que vai determinar a nova posição que a palavra ocupará na frase. Exemplificando, relativamente ao ensaio «Em paisagem tropical alma branca missa preta», na linha 9 da quarta página podemos ler:

⁴⁷ A redacção da frase foi feita a tinta verde e integra-se no bloco de texto escrito com a mesma cor com extensão compreendida entre a linha 11 da segunda página e a linha 4 da terceira página. Este bloco corresponde a um único parágrafo e contém emendas registadas a verde e a vermelho.

40 Os pormenores da operação recebi do Major Capelo no seu gabinete

À luz da numeração o texto passa a ler-se da seguinte forma: «Recebi do Major Capelo os pormenores da operação no seu gabinete». Os números e chavetas foram grafados a vermelho, a mesma cor utilizada em todo aquele parágrafo (linhas 9 a 15 da página 4) e na revisão do último parágrafo daquela página. A reordenação das palavras consiste pois numa emenda mediata, feita provavelmente após a redacção do parágrafo onde se integra e num momento de releitura a que o autor procedeu antes de iniciar o parágrafo seguinte, redigido a tinta verde com todas as emendas feitas naquela cor. Outro exemplo de reordenação através da numeração é o encontrado na redacção da última frase do mesmo ensaio, que se inicia na página 4 e se prolonga até à página 5:

< & †> [↑ Desapare]||cido por completo o sol <, > /: \ [↑a noite &] o nevoeiro
 <descia[↑m] agora sobre a pequena cidade> [↑<tinham> agora começa<do> /va\] [.]

Neste caso, a reordenação surge num contexto de revisão de todo o parágrafo. Este foi redigido a tinta castanha, com as emendas feitas na mesma cor e a vermelho, a cor usada neste exemplo de reordenação. A frase deve agora ler-se da seguinte forma: «(...) desaparecido por completo o sol: começava agora a noite e o nevoeiro.»

Relativamente às emendas imediatas, estas são fruto de uma narrativa construída passo a passo. A página mostra uma alternância entre um texto corrido, claro e pouco emendado, e segmentos muito reescritos. Algumas frases da narrativa causaram mais dúvida ao autor na hora da redacção. Consideramos como emendas imediatas aquelas «feitas em curso de escrita, quando ainda não estão concluídas a frase ou a palavra, e a página se acha limpa e devoluta para a direita e para baixo»⁴⁸.

Este tipo de emendas é normalmente registado na própria linha, após uma rasura ou sobrepondo-se a ela; e dá lugar a operações de três ordens: anulação de uma palavra, seguida da correcção na mesma linha; anulação de uma palavra e subsequente registo da correcção na entrelinha superior, havendo por vezes lugar a um movimento descendente

⁴⁸ Castro, Ivo, Introdução à edição crítica e genética de *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco, p.73.

quando a palavra que substitui a anulada é de maior extensão⁴⁹; sobreposição da correcção sobre a palavra ou parte da palavra anulada.

A localização da emenda imediata na entrelinha superior ou sobrepondo-se à palavra a substituir é frequente no manuscrito de M. S. Lourenço, diferentemente do que, de acordo com Almuth Grésillon, é mais usual, a inserção à direita do segmento anulado⁵⁰.

Por vezes, o autor opta por outra palavra quase imediatamente, procedendo à anulação da já escrita, e escrevendo a palavra alternativa na entrelinha superior. O seguinte caso foi retirado do ensaio «Sobre uma profecia de Daniel», p. 2, linha 19: «era organizada pelo <grande> [<magní>][<fico>] [↑esmagador] rio Suege». O autor começou por escrever : [a paisagem circundante (...)] «era organizada pelo grande»; arrepende-se, anula *grande* e escreve *magnífico* na entrelinha, sendo que as duas últimas sílabas *-fico* foram registadas na linha, havendo portanto um movimento descendente desde a entrelinha até à linha; posteriormente, ao rever todo o parágrafo, o escritor anulou *magnífico* e escreve por cima, a vermelho, *esmagador*.

Outra operação recorrente é a substituição do ponto final pela vírgula, revelando-nos casos em que o autor decidiu prolongar uma frase, para clarificar uma ideia ou desenvolver um raciocínio. Assim, no ensaio «Em paisagem tropical alma branca missa preta» encontramos dois casos logo na primeira página; o primeiro, na linha 5:

³ o Padre Luís Mendes (...) lamentar o facto de se ter perdido o/ hábito de <designar>[↑usar] o nome completo da cidade de Luanda, q era precisamente S./ Paulo de Luanda, e se ter passado a usar a forma abreviada “Luanda”<.>/\ sem mais referência – e logo sem <†> [↑†] a permanência – do Apóstolo dos Gentios: ⁴“ É como/ se tirassem a cabeça à cidade” dizia o P^e Luís [↑Mendes,]

⁴⁹ Este movimento descendente é o mesmo encontrado nos manuscritos de Camilo e documentado por Ivo Castro: Camilo inscreve a emenda imediata na entrelinha sobre o segmento riscado e «quando a emenda entrelinhada é mais extensa que o segmento riscado, a partir de certo ponto deixa de ter texto subjacente; então a emenda inflecte e desce à linha, onde prossegue», Introdução à edição crítica e genética de *Amor de Perdição*, p.78.

⁵⁰ Grésillon, Almuth, *Éléments de Critique Génétique*, p. 246, *apud* Ivo Castro, *Amor de Perdição*, p. 78. Ivo Castro refere nesta obra a teorização de Alfredo Stussi que «se adequa ao caso de Camilo tão perfeitamente que parece ter examinado os seus manuscritos»; para este autor, a variante imediata pode também situar-se na entrelinha, por cima do segmento riscado, ocupando o espaço típico das variantes mediatas, p.79.

Neste caso, a frase prolonga-se depois da referência à forma abreviada “Luanda”, enriquecendo a informação sobre o nome da cidade e a posição do Padre Luís Mendes. Na linha 26, outro exemplo:

¹³ Não deixei de levar comigo dois/ dos seus desenhos <.>/\ justamente sobre motivos piscatórios na baía de Luanda <.>/\ / ou mais exactamente [↑um] sobre <o>/a\<s corpos> [↑parte] superior dos corpos <dos> <↑ semi> <-nus> [↑dos] <†> /índig\enas e o segundo/ sobre um torso apenas de um pescador<.>/\ ¹⁴<o>/<n>o\ qual [↑desenho] acabei por oferecer ao </*com/> [↑major] coman=// dante da unidade a <qual> /q\ a nossa Companhia <veio> [↑teve] a incumbência de reforçar.

Por três vezes o autor decidiu-se pelo prolongamento da frase, substituindo a vírgula pelo ponto final, e assim explicou detalhadamente o conteúdo dos dois desenhos e acrescentou nova informação - «o qual desenho acabei por oferecer ao major comandante da unidade a que a nossa Companhia teve a incumbência de reforçar». Foi esta nova informação que permitiu articular este parágrafo e o próximo.

O exemplo que se segue, retirado do ensaio «Sobre uma profecia de Daniel», mostra um tipo de emenda imediata tratada por Ivo Castro na edição genética e crítica de *Amor de Perdição*. Na linha 25 da segunda página podemos ler: <o> /a\ <silêncio> continuidade inquebrável do silêncio; neste caso, o escritor começou por escrever «o silêncio», para logo a seguir optar por alterar para «a continuidade inquebrável do silêncio», mudança que obrigou à correcção do artigo definido. Neste caso o segmento anulado acabou por ser recuperado pelo autor. Trata-se de um caso de projecção, assim o designa Ivo Castro⁵¹, definindo-o como a operação em que o «segmento é riscado e fica suspenso, enquanto entram na frase novos elementos, após o que ele retomado». Outro exemplo de projecção, encontrado no ensaio «Em paisagem tropical alma branca missa preta», primeira página, linha 12, é o seguinte: q\ conheci o <escultor> [↑hoje] abundantemente conhecido escultor <José>.

Cumpram ainda tratar um problema suscitado pela análise simultânea dos dois ensaios manuscritos. Para além de partilharem o tema, os ensaios têm em comum um segmento de texto, registando-se apenas algumas variantes. Observando o caderno

⁵¹ Castro, Ivo, Introdução à edição crítica e genética de *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco, pp.79-80.

manuscrito, apercebemo-nos de que o texto comum registado no segundo ensaio contém duas únicas emendas registadas na entrelinha. Este dado é relevante na medida em que são raros os lugares do texto manuscrito que apresentam tão poucas emendas, facto que se pode explicar por tal segmento ter por base um outro texto já escrito.

A repetição daquela parte do texto no segundo ensaio pode justificar-se pelo facto de não ter chegado a ser publicada no jornal enquanto elemento integrante do primeiro ensaio. Assim, no quadro que se segue, a coluna da esquerda contém o texto manuscrito que foi suprimido na versão jornalística, com excepção do primeiro período, que foi publicado.

A coluna da esquerda contém o texto escrito escrito em primeiro lugar, a segunda o texto escrito posteriormente no mesmo caderno:

<p>Em paisagem tropical alma branca missa preta</p> <p>§²⁹Foi nesse café q, durante os dois meses da minha permanência na cidade,/ verdadeiramente vim a conhecer Jorge Pais, ³⁰o capitão da minha companhia & a/ pessoa com quem, por assim dizer, tive q partilhar a minha experiência do novo mundo/ à nossa volta. ³¹Ao princípio o café “Coimbra” deve ter sido como qualquer dos ca=/ fés da província à volta & dentro desta da cidade universitária os proprietários do qual certamente emigra=/ ram desta parte de Portugal, ³²mas as circunstâncias da guerra tinham agora conduzido/ a um completo corte com todas as convenções da vida e do comportamento de café. No/ Café “Coimbra” a imagem dominante da mesa de café era a espingarda Mauser ou</p>	<p>Sobre uma profecia de Daniel</p> <p>§¹⁶Foi neste quartel q, durante alg. tempo da minha permanência no Alto Dange, vim a/ usufruir da intimidade de Jorge Pais, o comandante da minha companhia & a pessoa com// quem, por assim dizer, tive q partilhar a minha experiência do mundo da guerra à nossa volta. ¹⁷O/ capitão Jorge Pais não era, em princípio, um defensor de Angola portuguesa. Não era na/ verdade um defensor de causa alguma, era um homem sem causas, parcialmente perdido para a/ realidade exterior à sua família, ¹⁸cujas vicissitudes o tinham conduzido a uma forma mixta de me=/ lancolia & ansiedade q lhe tinha valido o sarcástico epíteton ornans de “capitão sem medo”. ¹⁹A/ sua história pessoal não era invulgar e, como ele me</p>
---	---

<p>espingarda / metralhadora Uzi sobre a mesa, q os militares e os civis q frequentavam o “Coimbra” depositavam sobre a mesa,³³ numa intenção de repouso nunca alcançado, uma / vez q era impossível deixar de falar sobre a guerra & logo de deixar de sentir a sua / garra.</p> <p>³⁴O Capitão Jorge Pais não era um defensor, em princípio, de Angola portuguesa. / Não era na verdade um defensor de causa alguma, era um homem sem causas, / parcialmente perdido para a realidade exterior à sua família, cujas vicissitudes tinham / conduzido a uma tal perturbação da atenção, a uma tal incapacidade de concentra= / ção, q lhe tendo sido benevolmente atribuído o epíteton ornans de “capitão sem cabeça”./</p> <p>³⁵A sua história pessoal não era invulgar e, como ele me contou, a sua profissão na / Infantaria teria sido tolerável sem a guerra, sem um casamento sem filhos, / sem a sua mulher, ³⁶Maria Emília, há já dez anos em tratamento psiquiátrico & / sem quaisquer perspectivas de êxito ou de melhoras consideráveis.</p>	<p>contou, a sua profissão na Infantaria teria sido / tolerável sem a guerra, sem um casamento sem filhos,²⁰ sem a sua mulher há já dez anos em trata= / mento psiquiátrico, e sem quaisquer perspectivas de êxito ou de melhoras consideráveis.</p>
--	---

O segmento de texto riscado é exclusivo do ensaio «Em paisagem tropical alma branca missa preta». Este fragmento foi registado na terceira página (linhas 11-19) daquele ensaio e na margem esquerda acompanha-o uma seta de cor azul e em sentido descendente. A seta poderá significar o trecho a não repetir na redacção do ensaio «Sobre uma profecia de Daniel», escrito posteriormente; de facto, para além de delimitar com precisão o fragmento não transcrito para o segundo ensaio, a seta foi

registada a azul, a mesma cor usada na redacção da parte do texto repetida naquele ensaio.

O segmento riscado integra a parte do texto manuscrito que não foi publicada no jornal, acabando por ser recuperada pelas provas para a primeira edição, através da anexação de uma folha dactilografada pelo autor. Esta folha contém a parte do texto correspondente (efectuaram-se poucas alterações) à que no manuscrito se compreende entre: «Ao princípio o café “Coimbra” (...)» e «(...) o labirinto que tinha sido construído à sua volta» (linhas 11-29 da terceira página e linha 1 da quarta página). O segmento comum aos ensaios contém variantes. Algumas justificam-se pela necessidade de adaptar o texto ao parágrafo que o precede:

Em paisagem tropical alma branca missa preta	Sobre uma profecia de Daniel
²⁹ Foi nesse café q, durante os dois meses da minha permanência na cidade,	¹⁶ Foi neste quartel q, durante alg. tempo da minha permanência no Alto Dange
Parágrafo anterior: ²⁸ Esta cerimónia da missa de domingo só terminava verdadeiramente quando o capelão da Igreja/ de S. João Baptista se despedia dos oficiais, os quais logo a seguir à continência seguia, como/ eu segui nesse dia, para o café local.	Parágrafo anterior: ¹⁴ Este depósito dava/ origem a um pequeno ritual que todos/ os dias, quatro vezes por dia, o cabo/ de serviço e os trabalhadores indíge-/ nas, descalços, sem qualquer roupa/ da cintura para cima e muito pouca da/ cintura para baixo, tinham de cele-/ brar: ¹⁵ o depósito e a contagem das/ catanas, os trabalhadores em fila/ indiana, depositando ou levantando a/ sua catana, o cabo de dia a fazer a/ contagem./

Na frase da coluna da direita refere-se «quartel», precisamente porque no parágrafo anterior se expõe o ritual de depósito das catanas dos trabalhadores da tonga, que tinha lugar no quartel. A referência temporal foi alterada para «algum tempo» e no

manuscrito encontrámos uma versão intermédia: «¹⁶Foi neste quartel q, durante <os meses> [↑alg. tempo] da minha permanência».

As variantes que se sequeem podem resultar de um lapso do acto de cópia ou de um acto intencional. No primeiro caso do quadro, a expressão «em princípio» ocupa lugares diferentes da frase. A versão do primeiro ensaio seria a adoptada na folha anexada pelo escritor em revisão de provas para a primeira edição, a versão da segunda coluna foi assim publicada no jornal e mais tarde fixada na primeira edição. O mesmo se aplica ao segundo caso, onde o nome da mulher do capitão ora é referido ora é omitido.

Em paisagem tropical alma branca missa preta	Sobre uma profecia de Daniel
³⁴ O Capitão Jorge Pais não era um defensor, em princípio, de Angola portuguesa.	¹⁷ O capitão Jorge Pais não era, em princípio, um defensor de Angola portuguesa.
sem a sua mulher, ³⁶ Maria Emília, há já dez anos em tratamento psiquiátrico	²⁰ sem a sua mulher há já dez anos em trata= / mento psiquiátrico

No caso seguinte, o texto da coluna direita foi fixado em ambos os ensaios embora em momentos diferentes. A folha anexada pelo autor em sede de revisão de provas consagrou assim o texto destinado a integrar o segundo ensaio.

Em paisagem tropical alma branca missa preta	Sobre uma profecia de Daniel
³⁴ cujas vicissitudes tinham / conduzido a uma tal perturbação da atenção, a uma tal incapacidade de concentra= / ção, q lhe tendo sido benevolmente atribuído o epíteton ornans de “capitão sem cabeça”./	¹⁸ cujas vicissitudes o tinham conduzido a uma forma mixta de me= / lancolia & ansiedade q lhe tinha valido o sarcástico epíteton ornans de “capitão sem medo”.

A variante «capitão sem medo» acabou por expor um sentido diferente daquele conseguido pelo autor aquando da escrita do primeiro ensaio. Na segunda página deste

ensaio (linhas 21-24), o autor refere parte da Primeira Epístola de S. Paulo aos Coríntios lida pelo major Capelo:

“Sigam-me, como eu segui Cristo/ Recordem-me em todas as coisas e conservem o q eu vos ensinei / Mas quero q saibam q a cabeça de cada homem é Cristo e q a cabeça da mulher é o homem e q a cabeça de Cristo é Deus /.”

A expressão «capitão sem cabeça» vinha no seguimento desta citação bíblica e com ela transparecia a ideia de que o capitão não tinha fé. A mesma ideia fora vincada na frase: ³⁷«A sua presença na missa <de> /do\ domingo era apenas uma extensão dos seus deveres & não uma forma de encontrar <alívio> [↑uma] saída para o labirinto q tinha sido construído à sua// volta.» Esta frase foi escrita na mesma página (linhas 26-27), terminando na quarta página, e faz parte do segmento de texto que não foi publicado no jornal. A expressão «capitão sem medo» fixada no texto do ensaio «Sobre uma profecia de Daniel» salienta ironicamente (como o próprio autor o refere ao precedê-la do qualificativo «sarcástico») a cobardia do capitão que, como referido pouco adiante na mesma página, o levaria a ser evacuado para Luanda.

Jornal *O Independente*

Na observação do que sucedeu ao texto dos dois ensaios entre a redacção manuscrita e as versões que saíram no jornal *O Independente*, há variantes a que não daremos atenção por se tratar de gralhas do jornal. Poderão apenas ser úteis na medida em que influenciaram ou não o testemunho seguinte, nomeadamente as provas para a primeira edição.

As variantes gráficas encontradas justificam-se pela necessidade de adaptação do texto ao estilo tipográfico jornalístico. Assim, o & comercial, que faz parte do estilo privado do escritor, foi substituído sistematicamente por e; as palavras estrangeiras e nomes de obras foram grafados em itálico. Uniformizou-se o uso da maiúscula, de acordo com a ortografia vigente.

De um modo geral, a versão do jornal veio rectificar as incorrecções ortográficas existentes no manuscrito, nomeadamente através da correcção da acentuação, que, quando mal utilizada, pode ocasionar a alteração dos tempos verbais e

in correcções sintácticas. Observemos dois casos retirados do ensaio «Sobre uma profecia de Daniel»:

Manuscrito	Jornal
³⁴ E chego assim <u>aquela</u> tarde em q fiquei com/o médico na sala	E chego/ assim <u>àquela</u> tarde em que fiquei com/ o médico na sala
³⁶ & analisando o facto com o médico <u>chegamos</u> à con=/ clusão q deve tratar dos trabalhadores	e/ analisando o facto com o médico/ <u>chegámos</u> à conclusão que se deve/ tratar dos trabalhadores.

No segundo caso, a variante introduzida pelo jornal parece constituir uma correcção indevida, já que a mudança do tempo verbal implicaria consequentemente a alteração da outra forma verbal presente na frase, nomeadamente a substituição de «deve» por «devia». Esta correcção acabaria por ser feita em sede de revisão de provas.

Também a expressão *ter que* foi substituída por *ter de* nos casos em que se pretendia exprimir um sentido de necessidade, dever ou obrigação.

Um erro interessante na medida em que se relaciona directamente com a formação do escritor é o relativo ao nome de um catálogo de música disponível na livraria Lello, em Luanda. No ensaio «Em paisagem tropical alma branca missa preta», segundo parágrafo, podemos ler:

Manuscrito	Jornal
<†> §Depois da missa [↑do P Luís Mendes] o meu destino era invariavelmente a pequena <†> livraria/ Lelo, <nessa altura> [↑em toda a cidade] a única <possibilidade de comprar discos, para o meu> [↑ </e/> loja de música, onde <onde> com um [↑<pequeno>][→ abreviado] catálogo Swan/ era possível fazer encomendas	Depois da missa do padre Luís/ Mendes o meu destino era invaria-/ velmente a pequena livraria Lello,/ em toda a cidade, e por consequên-/ cia em toda a província de Ango-/ la, a única loja de música onde,/ por meio de um abreviado catá-/ logo Swann, era possível fazer en-/ comendas

O nome do catálogo foi alterado: *Swan* deu lugar a *Swann*, mas nenhum deles parece ser, à luz do efeito de real procurado, o certo. A encomenda de alguma gravação da *Salomé* de Strauss, a que se refere o texto do ensaio, poderia ser feita através da consulta, não da *Swan* (conhecida etiqueta discográfica americana) ou *Swann* (onde talvez se possa ver interferência da personagem proustiana), mas sim do catálogo organizado por William Schwann, inicialmente centrado na música clássica.

Por vezes o lançamento de alternativas não incluiu a eliminação da primeira redacção, mas nestes casos foi sempre a variante posterior a ser adoptada. Por exemplo, no ensaio «Sobre uma profecia de Daniel» (sublinhados meus): ⁴⁶ «quando subitamente me apercebi da existência dos de cadáveres do lado de fora da vedação, os cadáveres dos indígenas mortos no assalto» – a palavra *dos* foi substituída por *de*, não chegando a ser anulada pelo autor. Um caso semelhante, embora menos claro, encontra-se no ensaio «Em paisagem tropical alma branca missa preta»:

Manuscrito	Jornal
de> [↑por parte de] muitos <dos> militares <q , con> [↑os quais] acabada a guerra, regressam/ ao cepticismo burguês [↑da classe média] <de considerarem > [↑voltam a considerar] a alma & o seu destino último como um/ <tema sem signi> [↑questão sem sentido].	por parte de/ muitos militares, os quais, aca-/ bada a guerra, regressam ao cep-/ ticismo da classe média, e voltam/ a considerar a alma e o seu destino/ último como uma questão destituí-/ da de/ sentido

O escritor começou por registar a tinta verde a palavra *burguês* e uma vez concluído o parágrafo reviu o segmento escrito e fez algumas emendas, entre as quais o registo a vermelho de *da classe média* na entrelinha superior a *burguês*. Esta nova expressão parece-nos ter sido registada em alternativa à primeira, que não chegou contudo a ser anulada. A versão do *Independente* adoptou a alternativa na entrelinha superior.

A operação de supressão de palavras é frequente e revela diferentes causas. No caso que se segue, retirado do ensaio «Sobre uma profecia de Daniel», a supressão do

segmento parece ter sido involuntária, já que a repetição da expressão «não era» em frases sucessivas pode ter desencadeado um erro durante o acto de leitura e conseqüentemente na cópia. Por outro lado, o segmento em questão, que integra a parte comum a ambos os ensaios manuscritos (referida previamente na análise das variantes do manuscrito), foi recuperado pelo autor em revisão de provas para a primeira edição do ensaio «A neblina cai sobre a serra»; facto que mostra como o autor não quererá ter suprimido o segmento em questão.

Manuscrito	Jornal
¹⁷ O capitão Jorge Pais não era, em princípio, um defensor de Angola portuguesa. Não era na verdade um defensor de causa alguma.	O capitão Jorge Pais não era, em princípio, um defensor de causa alguma.

Neste caso, o segmento *um defensor de Angola portuguesa. Não era na verdade* não foi transposto para o jornal. A versão jornalística acabou por concentrar os dois períodos, suprimindo uma ideia.

Outro fenómeno que pode ter desencadeado a supressão é a dificuldade de leitura de uma ou mais palavras. Assim parece ter ocorrido, no ensaio «Sobre uma profecia de Daniel», nos seguintes casos:

Manuscrito	Jornal
⁵¹ e foi dele q ouvi † pela primeira vez	foi dele que ouvi, pela primeira vez
⁵⁴ Os outros † começaram a gritar	Os outros começaram a gritar

Em ambos os exemplos, a mesma palavra que considerámos ilegível não foi repetida no texto do jornal.

Para além da supressão de palavras indevidamente repetidas, verificam-se alguns casos de omissões de palavras que, apesar de correctamente escritas, podem ter sido consideradas desnecessárias, visto serem depreensíveis pelo contexto. Trata-se já não de uma correcção gramatical, mas de economia estilística. Vejamos dois exemplos retirados do ensaio «Em paisagem tropical alma branca missa preta» (sublinho os termos omitidos):

Manuscrito	Jornal
³ hábito de usar o nome completo da cidade de Luanda, q era precisamente S. Paulo de Luanda, e se ter passado a usar a forma abreviada “ <u>Luanda</u> ”	hábito de usar o nome completo da cidade de Luanda, que era precisamente São Paulo de Luanda, e se ter passado a usar a forma abreviada
²⁸ oficiais, os quais logo a seguir à continência seguia[m], como eu <u>seguí</u> nesse dia, para o café local	oficiais, que logo a seguir à continência seguiam, como eu nesse dia, para o café local

Uma causa diferente para a supressão de palavras é a situação verificada no ensaio «Em paisagem tropical alma branca missa preta». Aqui trata-se já não de uma palavra, mas de um fragmento de texto bastante significativo em termos de extensão, correspondendo a cerca de um terço da página manuscrita. Sabemos que cada ensaio ocupa cinco colunas, de tamanho desigual, na versão jornalística. Uma vez ultrapassado aquele limite, porque o jornal não tem capacidade para texto mais extenso, é necessário proceder a um corte. A parte compreendida entre «³¹Ao princípio o café Coimbra (...)» e «³⁷ (...)o labirinto que tinha sido construído à sua volta» manuscrita na terceira página daquele ensaio foi suprimida na versão jornalística. Segue-se a versão manuscrita:

²⁹Foi nesse café q, durante os dois meses da minha permanência na cidade,/ verdadeiramente vim a conhecer Jorge Pais, ³⁰o capitão da minha companhia & a/ pessoa com quem, por assim dizer, tive q partilhar a minha experiência do novo mundo/ à nossa volta. ³¹Ao princípio o café “Coimbra” deve ter sido como qualquer dos ca=/ fés da província à volta & dentro desta da cidade universitária os proprietários do qual certamente emigra=/ ram desta parte de Portugal, ³²mas as circunstâncias da guerra tinham agora conduzido/ a um completo corte com todas as convenções da vida e do comportamento de café. No/ Café “Coimbra” a imagem dominante da mesa de café era a espingarda Mauser ou espingarda-/ metralhadora Uzi sobre a mesa, q os militares e os civis q frequentavam o/ “Coimbra” depositavam sobre a mesa, ³³numa intenção de repouso nunca alcançado, uma/ vez q era impossível deixar de falar sobre a guerra & logo de deixar de sentir a sua/ garra. ³⁴O Capitão Jorge Pais não era um defensor, em princípio, de Angola portuguesa./ Não era na verdade um defensor de causa alguma, era um homem sem causas,/ parcialmente perdido para a realidade exterior à sua família, cujas vicissitudes tinham / conduzido a

uma tal perturbação da atenção, a uma tal incapacidade de concentra= ção, q lhe tinha sido benevolmente atribuído o epíteton ornans de “capitão sem cabeça”./ ³⁵A sua história pessoal não era invulgar e, como ele me contou, a sua profissão na/ Infantaria teria sido tolerável sem a guerra, sem um casamento sem filhos,/ sem a sua mulher, ³⁶Maria Emília, há já dez anos em tratamento psiquiátrico &/ sem quaisquer perspectivas de êxito ou de melhoras consideráveis. ³⁷A sua/ presença na missa do domingo era apenas uma extensão dos seus deveres & não uma/ forma de encontrar uma saída para o labirinto q tinha sido construído à sua// volta./

§³⁸Vergada sob o peso das suas circunstâncias, a alma do Capitão Pais [...]

O segmento de texto suprimido foi mais tarde recuperado pelas provas ainda que com algumas alterações. Relativamente ao conteúdo suprimido, verificamos que se perdem as referências à história do café Coimbra e seu ambiente, bem como parte da descrição do capitão Pais. A escolha do segmento residiu certamente na compreensão de que o mesmo não seria imprescindível para que a mensagem essencial fosse transmitida. O ensaio versa sobre o quotidiano dos soldados e os lugares que estes frequentam , nomeadamente o quartel, a Igreja de S. João Baptista do Uíge e o café local. Para além de uma percepção geral acerca do ambiente vivido em Luanda, o autor debruça-se sobre as relações que mantém com outras personagens da sua história, designadamente o Padre Luís Mendes, o escultor Paulo Espada, o major Capelo e o capitão Pais. Dois episódios em particular sobressaem neste ensaio: a leitura bíblica realizada pelo major Capelo e o relato que este faz sobre a tática do alferes Teles de ataque às sanzalas. Estes dois momentos relacionam-se, realçando a forma distante com que o major Capelo desempenha os seus deveres militares. O texto termina precisamente com o major Capelo a queixar-se de que a after shave Yardley não tinha chegado.

O segmento suprimido não implica nenhuma mudança de sentido do que se observa no resto do ensaio. O café Coimbra não deixa de ser referido diversas vezes, inclusive através do destaque jornalístico onde se pode ler: «No Café Coimbra, no Uíge, a imagem dominante era a espingarda Mauser sobre a mesa de café», informação que fazia parte do segmento cortado. A história pessoal do capitão Pais é abreviada , sem que contudo se perca o essencial da caracterização da personagem, referindo-se «o seu medo» e «a voz rouca e a garganta seca» com que deu a conhecer ao autor a necessidade de subir à serra e fazer lá uma patrulha de dois dias.

Outra das categorias de variantes a tratar é a da adição de palavras. Esta operação contribuiu em alguns casos para uma maior fluência do discurso e favorecimento de uma melhor compreensão do texto, através do acrescento de informação provavelmente considerada, pelo autor, em falta na versão manuscrita. Quanto ao conteúdo da nova informação integrada nos ensaios, podemos distinguir entre aquele referente a matéria factual, mais partilhável, e um conteúdo de pendor subjectivista, directamente relacionado com a visão e o estilo do autor.

A informação objectiva acrescentada permite por vezes uma melhor compreensão do contexto da acção narrada. Vejamos o seguinte exemplo, retirado do ensaio «Sobre uma profecia de Daniel»:

Manuscrito	Jornal
⁵³ e disse-lhe q os portugueses tinham q se ir embora, q estava escrito/ no livro q ele trazia na mão	e disse-lhe/ que os portugueses tinham que se ir/ embora, que estava escrito na Bíblia,/ no livro que ele trazia na mão

A versão de *O Independente* destaca outro elemento relevante que esteve presente na tentativa de diálogo entre indígenas e soldados. Já em linhas anteriores fora feita referência às Bíblias e restante espólio dos indígenas mortos, aquando da descoberta dos cadáveres. Ao transportar a informação da Bíblia para o relato da situação de confronto entre os portugueses armados e os indígenas com Bíblias na mão, o autor acaba por vincar uma ideia diferente da anterior oposição entre portugueses armados e indígenas desarmados. A presença da religião e o que esta representa para os soldados é um tema recorrente ao longo dos dois ensaios. Também «Em paisagem tropical alma branca missa preta» M. S. Lourenço reflecte sobre o lugar que a religião ocupa entre os soldados quando diz: «¹⁸É de resto a iminência da morte em combate que explica o retorno à religião da infância por parte de muitos militares, os quais, acabada a guerra, regressam ao cepticismo da classe média e voltam a considerar a alma e o seu destino último como algo destituído de sentido»; e no mesmo ensaio, relativamente ao capitão da sua companhia: «³⁷A sua presença na missa de domingo era apenas uma extensão dos seus deveres e não uma forma de encontrar uma saída para

fora do labirinto que se tinha fechado à sua volta».⁵² A religião surge ora como imposição ora como rotina ou forma de combater a incompreensão e o medo da guerra. O facto de a narrativa mostrar os indígenas com exemplares da Bíblia evidencia, a par dos outros momentos referidos, a omnipresença da religião católica e o papel que esta desempenhou na orientação de condutas.

Também no ensaio «Em paisagem tropical alma branca missa preta» encontramos momentos onde a informação acrescentada na versão do jornal acaba por, mais uma vez, clarificar a acção descrita como, por exemplo, no seguinte caso:

Manuscrito	Jornal
[↑e sugeriu ao] meu capitão q < †> [↑a necessidade] de/ [←em] breve subir à Serra, uma vez q os cabecilhas do terrorismo <se /*encontrava/> [↑se /*esconderiam/] <lá>. todos lá.	e sugeriu ao meu capitão a necessidade de em breve subir à serra <u>e fazer uma batida</u> , uma vez que todos os cabecilhas do terrorismo se tinham escondido lá

Assim como no caso anterior, este acrescento poderia ser depreendido pelo leitor, na medida em que este desempenha um papel activo na compreensão do texto, cabendo-lhe articular os diversos momentos do texto. Contudo, o escritor optou por esclarecer explicitamente o leitor. O acrescento de «e fazer uma batida» corresponde ao preenchimento de um espaço deixado para a interpretação do leitor na versão anterior. Este poderia depreender, dado o contexto de guerra, que a operação de subir à serra implicaria precisamente percorrê-la, procurando os cabecilhas do terrorismo. Porque o discurso do escritor não pode ser exaustivo, há sempre uma margem de interpretação confiada ao leitor, que deve preencher os espaços vazios através da imaginação interpretativa. Assim foi dito por Umberto Eco, na obra *Lector in Fabula*, «um texto pretende deixar ao leitor a iniciativa interpretativa, ainda que habitualmente deseje ser interpretado com uma margem suficiente de univocidade. Um texto quer que alguém o ajude a funcionar»⁵³. No trecho em apreço, o escritor ajuda enfaticamente o leitor.

⁵² Este trecho foi redigido no manuscrito, suprimido no jornal e recuperado pelas provas para a primeira edição.

⁵³ Eco, Umberto, *Leitura do texto literário: Lector in Fabula*, p.55.

Por outro lado, a informação de carácter subjectivo não contribui tanto para a definição da sequência da narrativa, mas para a compreensão da visão do autor acerca de alguns factos. Atente-se nos seguintes exemplos, ambos retirados do ensaio «Sobre uma profecia de Daniel»:

Manuscrito	Jornal
⁷ Mas uma vez lá em cima era-se [↑amplamente] recompensado pela vista magestática q se/ tinha <das> [↑para as] montanhas dos Dembos, <a nascente> [↑do lado poente], ⁸ & <da imagem> [↑pela visão] pastoral <de> [↑das] tongas de ca/fé	⁷ Mas uma vez/ lá em cima era-se amplamente recom-/ pensado pela vista majestática que se/ tinha para as montanhas dos Dembos,/ do lado poente, ⁸ e pela visão pastoral e/ inocente das tongas de café

A circunstância de o autor acrescentar o qualificativo *inocente* pouco acrescenta à acção da narrativa, mas revela uma interpretação própria do autor. A palavra *inocente* exalta a ingenuidade e inofensividade das tongas de café, por um lado, e anuncia o contraste com a descrição que se faz adiante no mesmo ensaio do assalto dos indígenas.

Manuscrito	Jornal
²¹ Ao fim de quatro/ semanas d<o>/e\ isolamento total no Alto Dange ²² [↑J. Pais] foi acometido de uma depressão [↑tão] profunda <&>/q\ teve q ser eva=/ cuado para Luanda	²¹ Ao fim/ de quatro semanas do, para ele,/ angustiante silêncio do Alto Dange, e /na perspectiva de ter que comandar/ um ataque a uma posição nos cumes/ de Zemba, ²² Jorge Pais foi acometido/ de uma doença ainda mais difusa, de/ uma angústia tão profunda que teve/ de ser evacuado para Luanda.

Neste caso foram acrescentadas informações de duas ordens. Assim, a referência *e na perspectiva de ter que comandar um ataque a uma posição nos cumes de Zemba* constitui aquilo que designámos por matéria objectiva, contribuindo para a melhor

compreensão da narrativa pelo leitor, nomeadamente a razão para a depressão ou angústia que atacou o capitão Jorge Pais. Mais importante para outro tipo de considerações, por outro lado, a referência à *doença ainda mais difusa* consiste numa clara manifestação de ordem subjectiva, que surge na sequência de: «¹⁷era um homem/ sem causas, parcialmente perdido/ para a realidade exterior à sua fa-/mília, ¹⁸cujas vicissitudes o tinham/ conduzido a uma forma difusa de/ melancolia e ansiedade, a qual lhe/ tinha valido o sarcástico *epiteton/ ornans* de «capitão sem medo» ». A informação acrescentada, que deve ser interpretada conjuntamente com a descrição feita da personagem, revela a convicção pessoal do narrador acerca do estado de saúde do capitão.

Também o acrescento de *para ele* se compreende na sequência da anterior referência: ¹⁹«A sua/ história pessoal não era invulgar e,/ como ele me contou ». Neste caso a informação revela que os dados revelados pelo escritor lhe foram relatados pelo próprio capitão.

Por último, vejamos alguns exemplos de adição, retirados do ensaio «Em paisagem tropical alma branca missa preta», que contribuíram para a maior fluência do texto:

Manuscrito	Jornal
³¹ & a perspectiva de morrer aos 35 anos	e, assim, a perspectiva de morrer aos 35 anos
³⁷ E começando a subir	E começando agora a subir

«Assim» e «agora» são marcadores textuais que ajudam à progressão lógica e temporal e assim ao encadeamento das frases do texto. A adição destas palavras permite uma mais nítida marcação do tempo da narrativa.

Outra das operações de reescrita responsável pela introdução de variantes é a substituição de palavras. As razões que suscitaram este fenómeno foram várias: a busca de um discurso mais claro, de um maior grau de pormenorização conseguido ou a rectificação de um conteúdo.

No ensaio «Em paisagem tropical alma branca missa preta», a mudança dos tempos verbais permitiu distinguir a cronologia de acções parcialmente simultâneas,

nomeadamente através do uso do pretérito perfeito composto, dos pretéritos mais-que-perfeito e imperfeito, através dos quais é transmitida a acção narrada. A alteração dos tempos verbais confere assim um efeito de distanciamento entre o tempo da redacção e o tempo da narrativa.

Manuscrito	Jornal
³⁴ A tonga da firma Almeida & Filhos tinha sido atacada na véspera e um dos trabalhadores morreu no ataque e os restantes agora recusam-se a trabalhar o café	A tonga da firma Almeida & Filhos tinha sido atacada na véspera, um dos trabalhadores morrerá no ataque, e os restantes recusavam-se agora a trabalhar o café

No ensaio «Sobre uma profecia de Daniel», encontramos dois casos em que a substituição de palavras resultou numa descrição mais detalhada de um conteúdo (sublinhados meus):

Manuscrito	Jornal
²⁶ experiência de união com a primordial & extática paisagem <u>circundante</u>	numa experiência de união com a primordial e estática <u>paisagem dos Dembos</u>
⁵⁷ dando mais uma volta ao <u>quartel</u>	dando mais uma volta ao <u>arame farpado</u>

No primeiro caso, a versão do jornal contextualiza geograficamente o local da narrativa. M.S. Lourenço descrevera logo no primeiro parágrafo a paisagem circundante: ⁷ «vista majestática que se/ tinha para as montanhas dos Dembos,/ do lado poente, ⁸e pela visão pastoral e/ inocente das tongas de café, já do/ lado nordeste, em direcção a um para/ nós indefinido Congo». A substituição por *paisagem dos Dembos* acentua a referência ao laço criado com o lugar descrito.

No segundo exemplo, o quartel ganha uma nova designação, a de arame farpado. Esta substituição constitui uma figura de estilo, a sinédoque, na medida em que o arame farpado, a parte, determina agora o todo, que é o quartel. A nova designação dá ênfase a uma realidade diferente de quartel. O uso de arame farpado enaltece a preocupação de

se proteger perante o exterior e explica o motivo que justificou a «mais uma volta» dada àquela construção.

Também em «Em paisagem tropical alma branca missa preta», outro exemplo revela a maior concretização que transparece na versão de *O Independente*:

Manuscrito	Jornal
¹³ Não deixei de levar comigo dois dos seus desenhos, justamente sobre motivos piscatórios na baía de Luanda	¹³ Não deixei de levar comigo dois dos seus desenhos, justamente sobre os homens e o seu trabalho na baía de Luanda.

Ainda no mesmo ensaio, encontramos uma aparente correcção a um aspecto da versão manuscrita, conservando-se a correcção em todas as versões seguintes:

Manuscrito	Jornal
²⁰ no domingo q se seguiu à minha chegada, na missa das doze lá estava	no domingo que se sucedeu à minha chegada, na missa das dez lá estava

No caso seguinte, retirado do ensaio «Em paisagem tropical alma branca missa preta», a substituição implicou mais uma vez uma alteração no conteúdo do texto:

Manuscrito	Jornal
²¹ o inevitável major Capelo	o já calvo major Capelo

O qualificativo *inevitável* desaparece, dando lugar a *o já calvo major Capelo*. A justificação para a alteração pode dever-se ao facto de o autor ter tido dúvida relativamente à pertinência daquela palavra. Isto porque no manuscrito a mesma foi assinalada com um círculo em seu redor, marca que interpretamos como sendo de dúvida em relação a uma palavra. Um caso semelhante ocorre no ensaio «Sobre uma profecia de Daniel», onde o escritor desenha um círculo à volta de uma palavra, a qual é reescrita na margem superior junto a um novo círculo.

Outro tipo de intervenção a nível de conteúdo foi feita curiosamente a propósito de uma citação, no ensaio «Sobre uma profecia de Daniel». Num momento de descrição

da paisagem, o escritor revela-nos a presença das ruínas de um edifício que teria pertencido a uma missão de padres canadianos adventistas. Fazia parte deste edifício uma pequena capela, cujo altar tinha gravada a profecia de Daniel:

Manuscrito	Jornal
³² Quanto ao q deve ter sido o altar/ tinha sido gravado a profecia de Daniel “o teu povo e a tua cidade têm setenta semanas/ para acabar com a transgressão, para acabar com o pecado, para passar da iniquidade à recon= /ciliação”.	³² No que deve ter sido o/ altar tinha sido gravada a profecia de/ Daniel: «E muitos dos que dormem no/ pó da terra serão acordados, alguns/ para a vida eterna, outros para uma/ vergonha e um desprezo sem fim».

As duas citações correspondem a dois momentos diferentes do Livro Profético de Daniel, do Antigo Testamento. A primeira citação, escrita no manuscrito, corresponde ao capítulo 9:24 e consiste numa mensagem em que se apela à reconciliação do povo. A segunda citação corresponde ao capítulo 12:2 e consiste numa mensagem de esperança destinada ao povo judeu perseguido numa época e contexto em concreto, época em que a Palestina era dominada por Antíoco IV Epífanes (174-164 a.C.), que procurou impor a cultura helénica em todo império (Palestina, Síria e Mesopotâmia). O autor de Livro de Daniel apela aos crentes perseguidos que mantenham a fé e anuncia a iminente intervenção divina para salvação do povo. A mensagem gravada no altar apelava ao crente perseguido para manter a fé e assim aceder à vida eterna. Esta citação, por referenciar a vida eterna, parece articular-se tematicamente com o fim do ensaio, onde se reflecte precisamente sobre a ressurreição.

Consideramos agora os casos de duas variantes que se prendem com a natureza da matéria a revelar. O primeiro consiste numa operação de substituição desencadeada por uma preocupação de garantir o anonimato de um amigo do autor. No ensaio «Em paisagem tropical alma branca missa preta», o escritor refere-se a um amigo escultor que conhecera na livraria Lello: ⁶ «o hoje abun- / dantemente conhecido escultor/ Paulo Espada» (jornal *O Independente*). Não é este o nome que aparece na versão manuscrita e já nessa altura M. S. Lourenço ponderava a hipótese de omitir o nome verdadeiro, o do artista plástico José Rodrigues, e o substituir por um outro. De facto, no manuscrito

aquele nome foi cancelado, não chegando porém a registar-se qualquer outro em alternativa.

O segundo caso ilustra uma operação de supressão que pode ser explicada pela mudança de intenção do autor acerca da informação a revelar. No ensaio «Sobre uma profecia de Daniel», M. S.Lourenço escrevera na versão manuscrita: ⁵⁸ «O médico era ateu & não acreditava na ressurreição dos mortos»; no jornal foi registado: «O nosso médico não acreditava na ressurreição dos mortos», deixando de se fazer referência à descrença do médico. Contextualizando a afirmação, esta enquadra-se no fim do ensaio e precede uma citação de um comentário do médico:

«⁵⁸O nosso médico não acreditava/ na ressurreição dos mortos. Só que-/ brou o silêncio quando chegou a/ noite, para me dizer: ⁵⁹« *Não acredito/ na ressurreição dos mortos, mas/ agora vejo que é uma ideia justa.*» (jornal *O Independente*)

Ao escrever «O nosso médico não acreditava na ressurreição dos mortos», o autor preparou o texto para introduzir a citação do médico, permitindo uma articulação entre a citação e a frase que a precede e não visou espelhar a sua convicção acerca da religiosidade da pessoa em causa. A supressão de «era ateu» permitiu exactamente isso.

As variantes introduzidas no jornal foram por vezes responsáveis por uma simplificação da estrutura frásica, conseguindo-se assim uma maior clareza discursiva. Vejamos dois exemplos retirados do ensaio «Em paisagem tropical alma branca missa preta»:

Manuscrito	Jornal
³ lamentar o facto de se ter perdido o hábito	lamentar a perda do hábito
⁷ em virtude de uns ligeiros ferimento e † na cabeça q tinha sofrido, durante um ataque	em virtude de uns ligeiros ferimentos que tinha sofrido na cabeça, durante um ataque

Se o primeiro caso exemplifica uma operação de simplificação da frase, o segundo constitui um exemplo onde a reordenação das palavras na frase permitiu resolver ambiguidades que uma primeira leitura poderia levantar. Assim, o autor começou por escrever *em virtude de uns ligeiros ferimentos e † na cabeça que tinha*

sofrido durante um ataque; ao reler o texto, colocou uma vírgula separando verbo e locução temporal. Na versão jornalística os elementos da frase foram reordenados, de acordo com a ordem natural da frase, verbo e complemento.

Provas tipográficas

Como dissemos atrás, a análise das provas permite-nos detectar três momentos de revisão: num primeiro momento as provas foram corrigidas a preto por Vasco Rosa; posteriormente foram remetidas ao autor, que corrigiu a vermelho e acrescentou uma página dactilografada; a última intervenção coube novamente ao revisor, que interveio a verde e assinalou a necessidade de integrar a página dactilografada e uniformizar graficamente alguns aspectos do texto.

As provas para a primeira edição tiveram por base o texto do jornal *O Independente*. Assim se conclui pelas variantes comuns a apenas estes testemunhos.

As variantes comuns ao jornal e às provas constituem erros comuns conjuntivos. Falamos em erros porque se desviam da lição do autor. De acordo com Alberto Blecua, o erro comum define-se como aquele que dois ou mais testemunhos não poderiam ter cometido independentemente; distingue-se erro comum conjuntivo do erro comum separativo: o erro comum conjuntivo é «aquel error que dos o más testimonios no han podido cometer independentimiente»; o erro comum separativo, «aquel error que un copista no puede advertir ni, por lo tanto, subsanar por conjetura o con ayuda de otros manuscritos»⁵⁴.

Verifica-se que as provas repetiram gralhas e erros introduzidos pelo jornal, mais tarde revistos por Vasco Rosa e pelo autor. Os casos seguintes foram retirados do ensaio «Sobre uma profecia de Daniel» e mostram as variantes registadas no jornal, provas e revisão de provas (na terceira coluna um *R* indica intervenção do revisor, um *A* indica a intervenção do autor; sublinhados meus):

O Independente	Provas	Revisão de provas
³ vales <u>esparssamente</u> cobertos de um capim de	vales <u>esparssamente</u> cobertos de um capim de	R vales <u>esparssamente</u> cobertos de um capim de

⁵⁴ Blecua, Alberto, *Manuel de crítica textual*, pp. 50-53.

meio metro de altura	meio metro de altura	meio metro de altura
²⁶ experiência de união com a primordial e <u>estática</u> paisagem dos Dembos	experiência de união com a primordial e <u>estática</u> paisagem dos Dembos	A experiência de união com a primordial e <u>extática</u> paisagem dos Dembos
⁴² a fim de <u>contar</u> a fuga aos assaltantes e de impedir um contra-ataque	a fim de <u>contar</u> a fuga aos assaltantes e de impedir um contra-ataque.	R a fim de <u>conter</u> a fuga aos assaltantes e de impedir um contra-ataque A a fim de <u>cortar</u> a fuga aos assaltantes e de impedir um contra-ataque

Entre os acidentes de cópia patentes nas provas, destacam-se por mais comuns as lacunas fruto de um salto do mesmo ao mesmo ou salto por *homoioteleuton*. Estas consistem em erros provocados pela leitura, que ocorrem «si la palabra o frase en cuestión se halla situada en la misma disposición o muy similar a otra de la línea anterior o posterior»⁵⁵. Durante o processo de cópia, o copista, ao regressar ao texto, dirige o seu olhar para uma palavra igual à que viu pela última vez, provocando inadvertidamente a supressão de um segmento de texto. No caso concreto, tratando-se de uma cópia de um texto distribuído por colunas, a palavra que desencadeia este acidente de escrita ocupa por vezes o mesmo lugar na linha a copiar. Vejamos os seguintes exemplos, o primeiro foi retirado do ensaio «Sobre uma profecia de Daniel» e os restantes do ensaio «Em paisagem tropical alma branca missa preta»:

<i>O Independente</i>	Provas	Revisão de provas
¹⁴ e os trabalhadores indígenas, descalços, sem qualquer roupa/ <u>da cintura</u> para cima e muito pouca da/ <u>cintura</u> para baixo	e os trabalhadores indígenas, descalços, sem qualquer roupa da cintura para baixo	R e os trabalhadores indígenas, descalços, sem qualquer roupa da cintura para cima e muito pouca da cintura para baixo
⁵ a pequena livraria Lello,/ em <u>toda</u> a cidade, e por	a pequena livraria Lello, em toda a província de	R a pequena livraria Lello, em toda a cidade, e por

⁵⁵ Blecua, Alberto, *Manual de Crítica Textual*, p. 25.

consequên-/cia em <u>toda</u> a província de Ango-/la, a única loja de música	Angola, a única loja de música	consequência em toda a província de Angola, a única loja de música
²⁵ Como a pe-/quena cidade de facto se encon-/trava construída sobre <u>uma</u> elevação, tinha-se do adro <u>uma</u> vista/ sumptuosa sobre toda a serra	Como a pequena cidade de facto se encontrava construída sobre uma vista sumptuosa sobre toda a serra.	R Como a pequena cidade de facto se encontrava construída sobre uma elevação, tinha-se do adro uma vista sumptuosa sobre toda a serra

No primeiro caso, o erro é de fácil justificação visto que a palavra «cintura» causadora do salto se encontra em ambas as situações no início da linha. Do mesmo modo no segundo caso, a palavra «toda» não só ocupa um lugar idêntico em ambas as linhas como é precedida pela mesma proposição. No último caso, depois de escrever «sobre uma» o copista retornou ao texto e procurando «uma» no mesmo fim de linha, acabou por suprimir parte da frase.

Remetidas as provas ao autor, desencadeou-se um segundo momento de revisão. Para além de rectificar alguns erros introduzidos pelo jornal e que não foram alvo da atenção do revisor, o autor efectuou outro tipo de alterações. A mais significativa foi a anexação de um segmento de texto que fora suprimido aquando da publicação do jornal e a modificação do título do ensaio «Em paisagem tropical alma branca missa preta», que passou a designar-se «A neblina cai sobre a serra».

A primeira versão do título destacava a circunstância da presença portuguesa em Angola, com ênfase na prática da religião. Logo no primeiro parágrafo se faz referência à forma como a religião é vivida pelos residentes: «o padre Luís Mendes, que nessa altura já se tinha habituado a dividir o seu tempo entre a missa preta no musseque a missa na Baixa de Luanda»⁵⁶(jornal *O Independente*). O título serve de introdução ao primeiro parágrafo, onde se expõe uma estratificação da religião e assim a forma como

⁵⁶ A revisão de provas vem acrescentar um qualificativo à missa na baixa de Luanda, passando a ler-se: «o padre Luís/ Mendes, que nessa altura já se tinha habituado a dividir o seu tempo/ entre a missa preta no musseque e a missa branca na Baixa de Luanda./».

esta condicionava a integração portuguesa no lugar. O segundo título atribui destaque a um assunto desenvolvido no final do ensaio. «A neblina cai sobre a serra» alude ao penúltimo parágrafo do texto, onde é narrada a fórmula de ataque às sanzalas elaborada pelo alferes Teles:

³⁸ O já conhecido alferes Teles tem uma fórmula que nunca falha. Quando ataca uma sanzala corta as cabeças de dois dos mortos. Espeta uma estaca em cada cabeça e enterra as estacas, com as cabeças em cima, à entrada da sanzala. ³⁹Quando o nevoeiro cai e os sobreviventes tentam regressar à sanzala, são confrontados com as duas cabeças, uma de cada lado, à entrada. Fogem e nunca mais voltam. Se esperar pelo nevoeiro ainda pode atacar pelos sobreviventes.

O ensaio abre e fecha com ênfase no nevoeiro e o que ele esconde. Assim, no último parágrafo podemos ler: «Já à porta do hotel, depois do precoce pôr-de-sol que a serra implica, olhando para a serra via-se o nevoeiro descer».

Foram poucas as intervenções autorais na revisão de provas; consistiram sobretudo na alteração pontual de alguns tempos verbais, de forma a clarificar as diferentes acções que decorrem em parte simultaneamente. Já no capítulo anterior referimos intervenções do autor que resultaram numa mais nítida marcação dos tempos da narrativa através da utilização de marcadores temporais e lógicos. Os exemplos seguintes foram retirados do ensaio «Sobre uma profecia de Daniel»:

<i>O Independente</i>	Provas	Revisão de provas
⁶ nós agora usámos como quartel	nós agora usámos como quartel	A nós agora usávamos como quartel
³⁵ ouço um conjunto de vozes que reconheço serem de indígenas ³⁶ e/ analisando o facto com o médico/ chegámos à conclusão que se deve tratar dos trabalhadores, que sobem o morro	ouço um conjunto de vozes que reconheço serem de indígenas e analisando o facto com o médico chegámos à conclusão que se deve tratar dos trabalhadores, que sobem o morro	A ouvi um conjunto de vozes que reconheci serem de indígenas e analisando o facto com o médico chegámos à conclusão que se devia tratar dos trabalhadores, que sobem [->iam] o morro
³⁹ outros de regresso com a	outros de regresso com a	R outros de regresso coma

sua arma. Rebentou, de facto, à nossa volta	sua arma. Rebenou de facto, à nossa volta	sua arma. Reben-/tou de facto, à nossa volta A outros de regresso com a sua arma, que rebenta de facto, à nossa volta
---	---	--

No primeiro caso, o verbo *usar* passa de pretérito perfeito para imperfeito. O sentido da frase assim o exigia, na medida em que «usávamos» transmite uma ideia de continuidade. Este é o tempo verbal próprio para quando, narrando um acontecimento passado, nos referimos ao que então era presente. Diz-se que o quartel era usado pelos soldados naquela época, o que é diferente de ter sido usado uma única vez ou durante um período circunscrito.

No segundo caso, assistimos a uma passagem do presente para o pretérito perfeito do indicativo: ouço, ouvi; reconheço, reconheci. De facto desde o início do mesmo parágrafo que os tempos verbais foram registados no passado. O pretérito perfeito foi usado para representar uma acção já concluída e que se afasta do tempo presente; por outro lado, as outras duas formas do presente foram passadas para o pretérito imperfeito: deve, devia; sobem, subiam. Neste caso, o pretérito imperfeito tem um valor de acção durativa e mais próxima do presente. O autor conseguiu através do emprego dos dois pretéritos distinguir as diferentes acções da narrativa.

O último caso é o único exemplo de passagem para o presente: rebentou, rebenta. O revisor manteve o passado, o autor passou o tempo para o presente, eliminando também um ponto final. A primeira edição viria a consagrar uma mistura das duas emendas: «com a sua arma, que rebentou de facto, à nossa volta». A emenda autoral foi assim preterida e aparentemente com razão, pois, a ser mantida, destoaria da direcção geral das intervenções autorais.

Uma rectificação importante foi a relativa a um caso de pontuação errada que o jornal introduzira e o revisor não corrigira. No manuscrito do ensaio «Sobre uma profecia de Daniel» o autor escrevera a propósito de uma descrição que faz do capitão Jorge Pais: «casamento sem filhos»; no jornal, uma vírgula foi introduzida, passando a

significar que Jorge Pais tinha filhos e contrariando a informação registada pelo autor. Na revisão de provas o autor apercebeu-se do erro e corrigiu-o:

O Independente	Provas	Revisão de provas
¹⁹ A sua/ história pessoal não era invulgar e,/ como ele me contou, a sua profissão/ na infantaria teria sido tolerável sem/ esta guerra, sem um casamento, sem/ filhos,	A sua his-/tória pessoal não era invulgar e, como ele me contou, a sua profiss-/ção na infantaria teria sido tolerável sem esta guerra, sem um/ casamento, sem filhos,	A A sua his-/tória pessoal não era invulgar e, como ele me contou, a sua profiss- são na infantaria teria sido tolerável sem esta guerra, sem um/ casamento sem filhos

Apesar de os erros de cópia terem sido quase sempre detectados pelo revisor, houve um caso no ensaio «Sobre uma profecia de Daniel» em que tal não aconteceu. O autor, contudo, em vez de corrigir o erro de acordo com o manuscrito acabou por integrá-lo, optando por alterar a estrutura frásica, como podemos ver no quadro seguinte:

<i>O Independente</i>	Provas	Revisão de provas
³⁴ para depois de beber café com o/ médico ficar na sala <u>a ler. E chego/ assim àquela tarde em que fiquei com/ o médico na sala</u> , ele a fazer paciên-/cias com cartas e eu a ler a <i>Corres-/pondência</i> entre Rilke e a princesa/ Maria von Thurn und	para depois de beber café com o médico ficar na sala, ele fazer paciências com cartas e em ler a <i>Correspondência</i> entre Rilke e a princesa Maria von Thurn und Taxis, ³⁵ quando no silêncio pristino da tarde africana ouço	A para depois de beber café com o médico ficar na improvisada sala de oficiais, ele a fazer paciências com cartas e eu a ler a <i>Correspondência</i> entre Rilke e a princesa Maria von Thurn und Taxis. ³⁵ E foi no silêncio pristino de uma dessas tardes africanas que ouvi

Taxis, ³⁵ quando/ no silêncio pristino da tarde africana ouço		
--	--	--

Neste caso a versão do jornal consagra o texto fixado no manuscrito. As provas introduziram um erro fruto do acto de cópia ao suprimir o segmento sublinhado e algumas gralhas, que seriam corrigidas pelo editor. O autor poderá ou não ter-se apercebido da existência do erro e integrou-o, efectuando várias alterações naquele lugar do texto.

Um caso diferente, precisamente por não ter sofrido qualquer intervenção autoral, foi o da supressão de um segmento de texto no ensaio «Sobre uma profecia de Daniel». A eliminação da frase deu-se inicialmente na publicação do jornal, as provas repetiram-na e a revisão não a reintegrou. Consiste numa supressão fruto de um salto do mesmo ao mesmo, como se percebe pela análise do quadro seguinte. O passo omitido, como veremos, acabará por ser integrado na segunda edição da obra.

Manuscrito	Jornal	Revisão de provas
¹⁷ O/ capitão Jorge Pais não era, em princípio, um defensor de Angola portuguesa. Não era na verdade um defensor de causa alguma	¹⁷ O capitão Jorge/ Pais não era, em princípio, um defen-/ sor de causa alguma,	¹⁷ O capitão Jorge Pais não era, em princípio, um defensor de/ causa alguma

Outra intervenção pontual pelo autor foi a adição de palavras, associada quer à introdução de precisões gramaticais quer a um conteúdo com informação mais detalhada. Seguem-se três exemplos retirados do ensaio «Sobre uma profecia de Daniel» (sublinhados meus):

<i>O Independente</i>	Provas	Revisão de provas
¹⁴ um pequeno ritual que todos/ os dias, quatro vezes	um pequeno ritual que todos os dias, quatro vezes	A um pequeno ritual que todos os dias, quatro vezes

por dia, o cabo/ de serviço e os trabalhadores indíge- nas, descalços, sem qualquer roupa/ da cintura para cima e muito pouca da/ cintura para baixo, tinham de cele- brar: ¹⁵ O depósito e a contagem das/ catanas, os trabalhadores em fila/ indiana, depositando ou levantando a/ sua catana, o cabo de dia a fazer a/ contagem./	por dia, // o cabo de serviço e os trabalhadores indígenas, descalços, sem qual-/ quer roupa da cintura para cima e muito pouca da cintura para baixo, tinham de celebrar: ¹⁵ O depósito e/ a contagem das catanas, os trabalhadores em fila indiana, depositando/ ou levantando a sua catana, o cabo de dia a fazer a contagem./	por dia, // o cabo de serviço e os trabalhadores indígenas, descalços, sem qual-/ quer roupa da cintura para cima e muito pouca da cintura para baixo, tinham de celebrar: ¹⁵ o depósito e/ a contagem das catanas, <u>com</u> os trabalhadores em fila indiana, depositando/ ou levantando a sua catana, <u>e</u> o cabo de dia a fazer a contagem./
³⁴ para depois de beber café com o médico ficar na sala	para depois de beber café com o médico ficar na sala	A para depois de beber café com o médico ficar na <u>improvisada sala de oficiais</u>
⁴⁶ me apercebi da tétrica existência de um número de cadáveres	me apercebi da tétrica existência de um número de cadáveres	A me apercebi da tétrica existência de um <u>elevado</u> número de cadáveres

No primeiro caso, o autor introduziu a proposição *com* e a copulativa *e*. Com estas alterações conseguiu-se um maior rigor gramatical. Nos restantes exemplos as palavras adicionadas alteraram o conteúdo anteriormente fixado e constituem um tipo de reescrita semelhante às correcções mediatas que pudemos observar no manuscrito. O autor acrescenta informação de forma exacta e que não implica a alteração de outros elementos da frase.

O novo título «A neblina cai sobre a serra» representou uma mudança relevante para compreendermos o modo como o autor se posiciona perante a narrativa, neste caso atribuindo ênfase a um lugar diferente do texto e assim dando prioridade à reflexão

sobre a morte causada pela presença portuguesa em detrimento do título relacionado com a estratificação da religião. Outra variante autoral pode auxiliar na compreensão da mudança de posição do autor. A substituição de «estampido infernal» por «fogo convulsivo» no ensaio «Sobre uma profecia de Daniel» realça o lado visual do confronto e torna apenas deduzível uma leitura religiosa do uso das armas.

O Independente	Provas	Revisão de provas
³⁹ o estampido infernal das espingardas e das metralhadoras	o estampido infernal das espingardas e das metralhadoras	o fogo convulsivo das espingardas e das metralhadoras A

O terceiro momento de revisão, como foi assinalado, coube ao revisor e foi desencadeado pela intervenção autoral, nomeadamente pela anexação de uma folha cujo conteúdo seria integrado na primeira edição em livro do ensaio «A neblina cai sobre a serra». O conteúdo da folha anexada consiste numa parte do texto que não fora publicada pelo jornal, nomeadamente o segmento compreendido entre «Ao princípio o café Coimbra» e «labirinto que se tinha fechado à sua volta».

As rectificações introduzidas pela nova intervenção do editor foram então registadas a verde e limitaram-se a aspectos gráficos.

Primeira edição

A primeira edição da obra reproduz quase exactamente o texto fixado pelas provas, a avaliar pela parte deste último testemunho que permite comparação. Foram apenas três as variantes introduzidas na 1.^a ed. no que aos dois ensaios em análise diz respeito.

No quadro seguinte, o primeiro caso mostra um erro detectado e corrigido. O segundo revela um erro não corrigido. Ambos se encontram no ensaio «Sobre uma profecia de Daniel».

Provas	1. ^a edição
⁵⁴ compreendeu que tinha <u>que</u> atirar a	compreendeu que tinha <u>de</u> atirar a matar e

matar e fê-lo	fê-lo
³⁶ trabalhadores, que <u>sobiam</u> o morro para levantar as suas catanas e regressar ao trabalho na tonga	trabalhadores, que <u>sobiam</u> o morro para levantar as suas catanas e regressar ao trabalho na tonga

O primeiro caso mostra uma alteração de *ter que* para *ter de*, fixada também pela segunda edição. Esta lição parece corrigir um erro que escapara à atenção de autor e revisor durante a preparação da obra. Este tipo de correcções fora realizado na passagem do manuscrito para o texto jornalístico. De facto, a análise das variantes do jornal face ao texto manuscrito revelou sete casos⁵⁷ em que a expressão *ter que* foi substituída por *ter de*, por se querer exprimir uma ideia de necessidade ou dever. O segundo caso mostra um erro inadvertidamente introduzido pelo autor na revisão de provas, ao efectuar a mudança do tempo verbal : ³⁶ «e [→ que] analisando o facto com o médico chegámos à conclu-/ são que se dev[→ia] tratar dos trabalhadores, que sobem[→iam] o morro para/ levantar as suas catanas e regressar ao trabalho na tonga».

Quanto ao ensaio «A neblina cai sobre a serra» identificámos uma variante de pontuação. No quadro seguinte vemos como a primeira edição suprimiu uma vírgula. A segunda edição acabaria por destacar aquela oração através da introdução de um ponto final.

Provas	1. ^a edição
¹³ Não deixei de levar co-/ migo dois dos seus desenhos, jus-/ tamente sobre os homens e o seu/ trabalho na baía de Luanda ou,/ mais exactamente, um com o per-/ fil e o segundo sobre um torso ape-/ nas de um pescador, ¹⁴ e este dese-/ nho acabei por oferecer ao major/ comandante da unidade que a/ nossa companhia teve a incumbên-/ cia de reforçar./	¹³ Não deixei de levar comigo dois dos seus desenhos, justamente sobre os homens e o seu trabalho na baía de Luanda ou, mais exactamente,/ um sobre o perfil e o segundo sobre um torso apenas de um pesca-/ dor ¹⁴ e este desenho acabei por oferecer ao major comandante da uni-/ dade que a nossa companhia teve a incumbência de reforçar./

⁵⁷ No ensaio «Em paisagem tropical alma branca missa preta» foram quatro as variantes encontradas, cláusulas 8, 22, 30, 40; no ensaio «Sobre uma profecia de Daniel» registaram-se três casos, cláusulas 4,14, 16.

--	--

Relativamente às vírgulas, nomeadamente as que precedem a copulativa *e*, vemos que de uma forma geral visam isolar elementos de valor explicativo, que surgem assim entre duas vírgulas. Por exemplo, no ensaio «Sobre uma profecia de Daniel»: «⁶de tal modo o pequeno conjunto construído pelo chefe/ de posto para a sua residência, e que nós agora usávamos como quar-/tel, tinha a recolhida modéstia de um pequeno lugar de culto». Por duas vezes encontramos o que se designa por vírgula Oxford, ou vírgula serial. Esta precede obrigatoriamente a copulativa que por sua vez precede o último elemento de uma enumeração. No primeiro caso, a vírgula foi anulada na primeira revisão de provas, realizada pelo editor:

¹⁸ É de resto a iminência da morte/ em combate que explica o retorno/ à religião da infância por parte de/ muitos militares, os quais, aca-/ bada a guerra, regressam ao cep-/ ticismo da classe média, e voltam/ a considerar a alma e o seu destino/ último como uma questão destituí-/ da de sentido.

No segundo caso, registado no ensaio «A neblina cai sobre a serra», a vírgula foi mantida na revisão de provas e fixada na primeira edição:

⁴⁴E começando agora a subir a rampa em direcção ao Grande Hotel/ do Uíge, onde o major ia telefonar à sua mulher, voltou ao tema da/ minha patrulha para me dizer que era preciso atacar a sanzala onde/ os cabecilhas se escondem, e depois simplesmente deitar-lhe fogo.

Segunda edição

A segunda edição de *Os Degraus do Parnaso* veio introduzir muitas alterações face à primeira edição da obra. As variantes autorais introduzidas conduziram a uma simplificação da estrutura frásica e a mudanças, que passaram muitas vezes por uma maior especificação e detalhe.

Na análise que se segue, os ensaios serão referidos pelos títulos fixados na segunda edição. O ensaio «Sobre uma profecia de Daniel» passou a designar-se «Sombras sobre a mata ao fundo». O ensaio «A neblina cai sobre a serra», título que constituía já uma novidade introduzida nas provas para a primeira edição, foi novamente alterado, passando a intitular-se «Duas semanas sem *Yardley*».

No que concerne ao novo título do primeiro ensaio, «Duas semanas sem *Yardley*», verificamos que, tal como acontecera aquando da primeira alteração, a resposta para o sentido de tal alteração se encontra no fim do ensaio. Deste modo, no último parágrafo podemos ler: «⁴⁸O major Capelo tinha que telefonar à sua mulher em Lisboa – e já estava preparado para uma espera de duas horas – para se queixar que o correio, há já duas semanas, não trazia a *after shave Yardley*.» A escolha de um título é importante na medida em que para além de inaugurar o texto, designa-o e revela algo ao leitor, que poderá nada saber acerca do texto em si. A nova designação atribuída não deixa de transparecer o conteúdo do texto. O ensaio versa sobre o quotidiano da guerra, vivido pelo narrador e outras personagens com as quais este se relacionou, entre as quais o major Capelo. A ele se refere o título, ao evidenciar uma preocupação que poderá parecer excessivamente trivial em contexto de guerra.

Relativamente ao título «Sombras sobre a mata ao fundo», este quase parece ter sido decalcado de uma das variantes introduzidas na segunda edição do ensaio e assinalada com o sublinhado no quadro seguinte (sublinhados meus):

1. ^a edição	2. ^a edição
⁵⁷ Ao pôr-do-sol o acampamento inseriu-se de novo no silêncio da paisagem e, eu e o médico, dando mais uma volta ao arame farpado, ficámos a ver as grandes sombras cair sobre o horizonte.	Com o pôr-do-sol o acampamento voltou a inserir-se no silêncio da paisagem e eu e o médico, dando mais uma volta ao arame farpado, ficámos também sem palavras a ver as grandes <u>sombras que desciam sobre a mata, ao fundo</u>

A adição de «sem palavras» e a especificação introduzida pela substituição de «horizonte» por «mata» realçam o episódio de confronto entre soldados e indígenas que fora desenvolvido no parágrafo anterior. De facto, «mata» era o lugar onde se encontravam os indígenas e «grandes sombras» adquirem aqui um duplo significado: o início da escuridão que chega com o pôr-do-sol e os espectros, as almas dos indígenas mortos no confronto descrito.

Através das operações de adição e substituição de palavras, o autor incluiu nova informação e a pormenorização conseguida permitiu ao leitor um grau de envolvimento diferente na narrativa, pela sua mais fácil visualização.

Foram várias as alterações que vieram introduzir uma maior precisão ou detalhe na narrativa. No quadro seguinte podemos ler três exemplos retirados do ensaio «Sombras sobre a mata ao fundo» (sublinhados meus):

1.ª edição	2.ª edição
⁹ uma visão de conjunto da pequena povoação do Alto Dange, em baixo, onde as poucas construções a pedra e cal estavam inabitáveis, ¹⁰ em virtude de em tempos terem sido bombardeadas pela nossa Força Aérea,	uma visão de conjunto da pequena povoação do Alto Dange, em baixo, onde as poucas construções a pedra/ e cal estavam inabitáveis, ¹⁰ em virtude <u>de no início da guerra</u> terem sido bombardeadas pela nossa Força Aérea,
²³ na imensa solenidade da paisagem africana me encontrei à frente de uma companhia de infantaria.	me encontrei posto, na imensa solenidade da paisagem africana, à frente de uma <u>Companhia de Caçadores</u> .
³⁴ o meu uso das horas entre o meio-dia e as duas, para depois de beber café com o médico ficar na improvisada sala de oficiais, ele a fazer paciências com cartas e eu a ler a Correspondência entre Rilke e a princesa Maria von Thurn und Taxis.	o meu uso das horas entre o meio-dia e as duas da tarde, para depois de beber café com <u>o médico da Companhia</u> ficar com ele na improvisada sala de oficiais, ele a fazer paciências com cartas e eu a aprender, nessa altura ainda pela primeira vez, a ler a Correspondência entre a Princesa Marie (Von Thurn und Taxis) e Rilke.

No primeiro caso a expressão «em tempos» foi substituída por «no início da guerra», ocorrendo assim uma especificação temporal. A datação da narrativa, ainda que esteja dependente do conhecimento de outros conteúdos por parte do leitor, ajuda-o a contextualizar temporalmente a acção.

No segundo caso, a variante «Caçadores» introduz uma especificação de conteúdo. Uma Companhia de Caçadores é, tal como uma Companhia de Infantaria, uma unidade militar. Várias companhias formam um Batalhão. A especificação consiste no facto de uma companhia de Caçadores ser na verdade um tipo específico de Infantaria.

No terceiro caso, «o médico» passou a ser referido como «o médico da Companhia», qualificação que confere um tom de distanciamento do autor perante a personagem. A outra variante introduzida na frase «a aprender, nessa altura ainda pela primeira vez» reforça a mesma ideia de distanciamento, desta vez temporal; «a aprender» foi também a forma escolhida pelo autor no ensaio «A Imagem», publicado na revista *O Tempo e o Modo*,⁵⁸ para descrever a sua experiência no Dange. A adição de «nessa altura ainda pela primeira vez» implica necessariamente um afastamento do tempo em que decorre a acção narrada. Aqui, o autor posiciona-se perante a narrativa revelando um conhecimento adquirido posterior ao tempo do que narra e anterior ao tempo em que faz a emenda.

No mesmo ensaio assistimos a outra forma de especificação da informação, a qual orientou o autor nos seguintes casos:

1.ª edição	2.ª edição
⁴ O nosso acampamento era justamente num desses morros	O nosso acampamento era justamente num morro ainda mais elevado
³¹ edifício, agora reduzido a umas paredes, parcialmente sem telhado, e em que a pequena capela fora manifestamente vandalizada.	edifício, agora reduzido às paredes da fachada, parcialmente sem telhado, e no qual a pequena capela tinha sido manifestamente vandalizada.
⁵¹ convergiram para o nosso acampamento grupos/ de homens, num manifesto estado de agitação, ⁵² gritando frases que o/	convergiram para o/ nosso acampamento grupos de homens, num manifesto estado de/ excitação, gritando frases que o

⁵⁸ *O Tempo e o Modo*, n.º5, 1963, p.94-97: «Eu estava no Dange a aprender. Era nessa altura e aprendia. E um dia nomeio das coisas surge o volume de Arqueologia Chinesa. E então via-se e penetrava-se até em coisas novas. Via então como os poetas trabalhavam o jade. Escreviam nele. E não foi essa a primeira vez que percebi que a Poesia era para ser vista e não para ser lida – já havia uns meses que tinha lido os «Cantos». Já havia uns meses que tinha começado com os provençais.» A relação entre poesia e escultura patente neste excerto também pode ser encontrada no ensaio «Duas semanas sem Yardley» onde M.S.Lourenço relata a experiência vivida com o escultor José Rodrigues: «Aprendi assim a ir com ele para a Estrada Marginal estudar; (...) aprendi sobretudo a identificar a percepção do escultor».

sargento não conseguiu compreender, e, ao chegarem junto dele, um deles/ dirigiu-se-lhe em português	sargento não conseguiu compreender/ e, ao chegarem junto dele já no arame farpado, um deles dirigiu-se-/-lhe em português
⁵⁴ Os outros começaram a gritar ainda mais tumultuosamente	Os outros atrás dele começaram a gritar ainda mais tumultuosamente

Os quatro casos, embora tenham particularidades diferentes, apresentam duas características em comum: a adição de nova informação e o facto de com esta se construir uma imagem mais nítida e pormenorizada na mente do leitor. Assim, nos dois primeiros exemplos, o autor particularizou a informação já introduzida. Logo no primeiro caso, o autor começa por descrever a paisagem do Alto Dange, «os morros e vales esparsamente cobertos de um capim de meio metro de altura» para a partir dela fazer sobressair uma diferença, afirmando que o morro, onde se localizava o acampamento, era ainda mais elevado. No segundo caso, a imagem da capela em ruínas ganha exactidão com a substituição de «umas paredes» por «paredes da fachada». Nos últimos dois casos, descreve-se o confronto entre indígenas e militares e as variantes introduzidas «já no arame farpado» e «atrás dele» precisam o lugar que cada interveniente ocupou no confronto, detalhes que preenchem a imagem já criada na 1.ª edição.

O quadro seguinte mostra um caso, retirado do ensaio «Sombras sobre a mata ao fundo», em que o autor optou por alterar o sentido do texto:

1.ª edição	2.ª edição
²⁹ Mas uma tal imagem de morte, sobre a neblina da manhã ensanguentada do Suege	Mas uma tal imagem de morte, sob a neblina da manhã ensanguentada do Suege

A palavra introduzida na segunda edição vem determinar uma conclusão diferente. Deste modo, a variante «sob» pode ser explicada pelo facto de «imagem de morte» se referir aos cadáveres que flutuavam no rio e, portanto, sob a neblina. A variante parece corrigir um erro não detectado até então.

O texto da segunda edição revela, por vezes, um tom diferente do da primeira edição. Algumas mudanças efectuadas provocaram uma oscilação na ênfase e um discurso subjectivo parece dar lugar a observações mais objectivas e determinadas. Os dois primeiros exemplos foram retirados do ensaio «Duas semanas sem Yardley», o terceiro do ensaio «Sombras sobre a mata ao fundo»:

1.ª edição	2.ª edição
¹⁸ regressam ao cepticismo da classe média e voltam a considerar a alma e o seu destino último como uma questão destituída de sentido	regressariam à irreligiosidade da classe média e voltariam a considerar a alma e o seu destino como um problema do passado
²¹ numa voz clara mas completamente destituída de emoção, leu a epístola do dia, extraída da primeira de São Paulo aos Coríntios	numa voz clara mas que traía logo a incompreensão do sentido do que estava a dizer, leu a epístola do dia um passo da primeira de São Paulo aos Coríntios

Logo no primeiro exemplo, a variante «irreligiosidade» vem clarificar uma ideia já suscitada pela leitura do texto da primeira edição. A expressão «cepticismo da classe média» sugere pelo menos as seguintes interpretações: dúvida permanente ou descrença. Na segunda edição o autor prefere «irreligiosidade», acabando por conduzir a interpretação do leitor.

No segundo exemplo, a variante realça uma ideia que fora já desenvolvida na primeira edição. No mesmo parágrafo se faz referência à dificuldade do major Capelo: «Sem hábitos de/ leitura ou de reflexão, o major Capelo teve de forçar o seu caminho,/ laboriosamente». Na primeira versão, a referência «destituída de emoção» suscitava já a interpretação de que a leitura do major evidenciava a incompreensão do texto que lia. Na segunda edição, o autor clarificou o que pretendia dizer, impondo uma interpretação ao escrever «numa voz clara mas que traía logo a incompreensão do sentido do que estava a dizer».

A par da nova informação e detalhe introduzidos, houve lugar à reestruturação de algumas frases. O autor optou em vários casos por frases mais curtas, substituindo a vírgula pelo ponto final. A simplificação da estrutura passou por vezes pela reordenação

dos elementos da frase. Vejamos dois exemplos retirados do ensaio «Duas semanas sem Yardley»:

1. ^a edição	2. ^a edição
<p>¹³ Não deixei de levar comigo dois dos seus desenhos, justamente sobre os homens e o seu trabalho na baía de Luanda ou, mais exactamente, um sobre o perfil e o segundo sobre um torso apenas de um pescador ¹⁴e este desenho acabei por oferecer ao major comandante da unidade que a nossa companhia teve a incumbência de reforçar.</p>	<p>¹³Não deixei de levar comigo dois dos seus desenhos, justamente sobre os homens e o seu trabalho na baía de Luanda, ou mais exactamente: um sobre uma cabeça de perfil e o segundo sobre um torso de um pescador. ¹⁴E foi este segundo desenho que acabei por oferecer ao major, comandante da unidade, que a minha Companhia teve a incumbência de reforçar.</p>
<p>²³ Aprendi logo nesse domingo que o major Capelo já tinha criado o hábito de, logo no fim da missa, ficar no adro a falar com os oficiais presentes, no nosso caso apenas eu e o meu capitão, ²⁴enquanto os sargentos e os soldados se constituíam também em pequenos grupos autónomos, aliviando assim a tensão causada pelo contacto com o sagrado e o destino último do homem.</p>	<p>²³Aprendi logo nesse domingo que o major Capelo já tinha estabelecido o hábito de, logo no fim da missa, ficar no adro a falar com os oficiais presentes, no nosso caso eu e o meu capitão. ²⁴Os sargentos e os soldados constituíam-se também em pequenos grupos, separados por classe, e os temas falados, quer no nosso grupo quer nos outros, já eram aliviadamente profanos</p>

A substituição da vírgula por ponto final foi uma das alterações mais frequentes ao nível da pontuação, registando-se catorze vezes ao longo dos dois ensaios. Verificou-se apenas um caso em sentido inverso, substituição do ponto final pela vírgula, no final do ensaio «Sombras sobre a mata ao fundo», cláusula 58, que surge no entanto associado a uma mudança na estrutura frásica dos dois períodos anteriores. A reestruturação do texto verificou-se também ao nível da sua distribuição por parágrafos. Na segunda edição, o autor estruturou o primeiro ensaio em mais três parágrafos e o segundo ensaio em mais quatro parágrafos do que na primeira edição.

A segunda edição da obra foi publicada onze anos após a primeira edição em livro. O factor tempo⁵⁹ é relevante na medida em que as alterações realizadas pelo autor na preparação da primeira edição em livro se encontram mais próximas do tempo da escrita. Na segunda edição, o escritor posiciona-se de forma diferente perante a narrativa. Neste caso, M.S. Lourenço fez mais do que rever pontualmente o texto; mudou-lhe a estrutura, a pontuação, os títulos e, por vezes, o sentido. O cerne do texto permanece o mesmo, mas algumas das intervenções criaram, como já referimos, uma ênfase diferente em alguns lugares do texto, como pontuais recriações de cada ensaio.

⁵⁹ O factor tempo foi objecto de breve reflexão pelo autor no ensaio «Sombras sobre a mata ao fundo», a propósito da descrição de um ataque, referindo então: «⁴⁴Hoje, à distância, e assim regressado ao tempo, inclino-me a/ dizer que tudo não durou mais do que uma meia hora» (2.^a edição); esta medida de tempo destoa, contudo, da fixada anos antes, aquando a redacção do manuscrito: «⁴⁴mas hoje à distância, e assim regressado/ ao tempo, inclino-me a dizer q tudo não durou mais de um quarto de hora» (manuscrito).

Transcrições

Normas de transcrição

A transcrição que se segue é bastante conservadora, tendo sido mantidas a capitalização e a pontuação presentes em cada testemunho. Foram introduzidos números em expoente para efeitos de clausulação do texto.

Nas transcrições dos textos publicados no jornal e nas edições em livro, usámos os seguintes símbolos:

/ indica mudança de linha

// indica mudança de página ou de coluna (no caso do jornal)

Na transcrição do manuscrito cada página é representada por uma tabela. Na tabela, a coluna da esquerda representa a margem esquerda, destinada à numeração de linhas. Mantiveram-se as cores usadas na redacção dos diferentes parágrafos. Reproduziram-se os sinais fruto do estilo privado do autor: & o símbolo usado para a translineação (=); e o símbolo usado para a numeração de páginas (↓).

Símbolos usados exclusivamente na transcrição do manuscrito :

□ espaço deixado em branco pelo autor

// lição dubitada pelo autor

/*/ leitura conjecturada

† palavra ilegível

< > segmento autógrafo riscado

< > / \ substituição por sobreposição

< > [↑] substituição e acréscimo na entrelinha superior

[← *página da esquerda*] acréscimo na página da esquerda

[→] acréscimo na margem direita

[←] acréscimo na margem esquerda

[↑ *margem superior*] acréscimo na margem superior

Manuscrito

	<□> ¹ /EM PAISAGEM TROPICAL ALMA BRANCA MISSA ↓ PRETA\
	§ ² Em 1961 a reverência perante o Apóstolo Paulo e <a>/o\ <influência>[↑poder] q este exercia sobre a consciência dos fieis pode ser bem medida pelo facto de o Padre Luís [↑Mendes],
	q era o Padre do <nosso> [↑meu] Batalhão, ³ com <sinceridade> [↑genuina dor] lamentar o facto de se ter perdido o
	hábito de <designar>[↑usar] o nome completo da cidade de Luanda, q era precisamente S.
5	Paulo de Luanda, e se ter passado a usar a forma abreviada “Luanda”<.>/,\ sem mais referência – e logo sem <†> [↑†] a permanência – do Apóstolo dos Gentios: ^{4c} É como se tirassem a cabeça à cidade” dizia o P ^e Luís [↑Mendes,] o <que> /qual\ [↑já se tinha habituado a] nessa altura dividia o seu
	tempo entre a a missa [↑preta] no musseque & a missa na Baixa de Luanda<.>/,\.<além das suas>
	<†> § ⁵ Depois da missa [↑do P Luís Mendes] o meu destino era invariavelmente a pequena <†> livraria
10	Lelo, <nessa altura> [↑em toda a cidade] a única <possibilidade de comprar discos, para o meu> [↑ </*e/> loja de música, onde <onde> com um [↑<pequeno>][→ abreviado] catálogo Swan
	era possível fazer encomendas ⁶ e foi numa dessas ocasiões, ao ir resgatar a minha encomenda da “Salomé”, <de> /q\ conheci o <escultor> [↑hoje] abundantemente conhecido escultor <José>
	<Rodrigues>, <† com um> [↑num encontro que veio a] ter [↑para mim] as mais ricas ricas consequências. < ⁷ José Rodrigues>
	estava de baixa no Hospital [↑Militar] em virtude de uns ligeiros ferimento [↑e †] na cabeça q tinha
15	sofrido [,] durante um ataque <a> /a\ q a [↑sua] unidade <dele> tinha sido vítima <à volta> [↑nos <arredo> †] da cidade de
	Bessa Monteiro. ⁸ Na <verdade> [↑realidade] pouco mais <fizeram> [↑<lhe> aconteceu] [↑à sua cabeça do] do q ter q rapar algum cabelo
	e [,] [↑ <†> de facto] a maior parte do seu tempo em Luanda José Rodrigues passava-o a desenhar <.>/,\
	⁹ §<Aprende> [←Aprendi] [↑assim] a ir com ele para a Estrada Marginal <†> [↑escre]ver <do> [↑estudar <†> o] movimento das
	pequenas embarcações indígenas <na> /no\ [↑silêncio da] baía azul & branca, ¹⁰ aprendi sobretudo a iden=
20	tificar a percepção do escultor, o processo de selecção e de <†>[↑†] q o seus desenhos
	<mostram> [↑documentam], a [↑sua] obsessiva concentração no contraste [↑dramático] entre os volumes da cabeça, do
	pescoço e do torso dos [↑invariavelmente semi-nus] trabalhadores indígenas <.>/,\.<sem †>
	§ ¹¹ Quando já estava prestes a criar a capacidade de prever como é q um de=
	senho do meu amigo evolui<ra>[← página da esquerda dos traços iniciais para a forma final,] fui chamado a juntar-me à minha Companhia, nessa
25	altura na Serra do Uíge, ¹² <e fiquei> [↑tendo começado] assim o padrão da minha amizade com o escultor,
	o padrão da guerra, <q ora † ora> [↑umas vezes juntos outras vezes] separados. ¹³ Não deixei de levar comigo dois

	dos seus desenhos <.>/,\ justamente sobre motivos piscatórios na baía de Luanda <.>/,\ ou mais exactamente [↑um] sobre <o>/a<s corpos> [↑parte] superior dos corpos <dos> <↑ semi> <-nus>[↑dos] <†> /indíg\enas e o segundo
29	sobre um torso apenas de um pescador<.>/,\ ¹⁴ <o>/<n>o\ qual [↑desenho] acabei por oferecer ao </ *com/> [↑major] coman=

	JJ
	dante da unidade a <qual>/q\ a nossa Companhia <veio> [↑teve] a incumbência de reforçar.
	§ ¹⁵ O Major Capelo, ou Armando Capelo como ele assinava a ordem do dia, era a suprema autoridade militar da pequena povoação do Uíge, q a população europeia local & as autoridades admistrativas consideravam uma cidade, <com> [↑mesmo] a dignidade de
5	capital d<o> /e\ distrito. ¹⁶ Na realidade consistia essencialmente numa avenida principal, agradavelmente arborizada de ambos os lados, com edifícios de um modesto mas bem
	2 1
	conservado ar português provinciano, ¹⁷ com escola, estação de Rádio e uma I=
	greja, a Igreja de S. João Baptista do Uíge <.>/,\ onde os militares portugueses ou=
	viam a missa de domingo ou a missa de finados, pelos camaradas mortos em
10	combate.
	§ ¹⁸ É de resto a eminência da morte em combate q explica o retorno à re=
	ligião da infância <de> [↑por parte de] muitos <dos> militares <q , con> [↑os quais] acabada a guerra, regressam
	ao cepticismo burguês [↑da classe média] <d>e <considerarem > [↑voltam a considerar] a alma & o seu destino último como um
	<tema sem signi> [↑questão sem sentido]. ¹⁹ Mas sob a pressão da morte provável na próxima emboscada,
15	<a> /o\ <religião [↑fé] na entrega> [↑regresso] mesmo q </ *parcial/> [↑provisório] a Deus <parece ser> [↑torna-se assim] <o> /no\ equivalente <†> [↑in=]
	culto da aposta de Pascal. ²⁰ Assim, no domingo q se seguiu à minha che=
	gada, na missa [↑das doze lá] estava <.> /,\ além do meu capitão, ²¹ <também> [↑o] (inevitável) major Cape=
	lo, o qual de resto <.>/,\ [↑<num>/numa\] <com> voz clara mas [↑completamente] destituída de emoção <.> /,\ leu a Epísto=
	la do dia, <†>[↑ex]traída da Primeira Epístola de S. Paulo aos Coríntios. ²² Sem hábitos
20	de leitura, o Major Capelo teve q forçar [↑laboriosamente] o seu caminho através da traiçoeira <†= >
	prosódia do Apóstolo: “Sigam-me, como eu segui Cristo<.> // \ Recordem-me em
	todas as coisas e conservem </ *as/> /o\ q eu vos ensinei <.> // \ Mas quero q saibam q
	a cabeça de cada homem é Cristo e q a cabeça da mulher é o homem e q
	a cabeça de Cristo é Deus /.”
25	§ ²³ Aprendi logo nesse domingo q o <hábito> [↑Major] Capelo já tinha criado o hábito de,
	<logo> [↑no] fim da missa, ficar no ábrio a falar com os oficiais presentes, no nosso
	caso apenas eu e o meu capitão, ²⁴ enquanto q os sargentos & os soldados se
	constituíam também em [↑pequenos] grupos autónomos, aliviando assim a tensão causada
29	[<i> marg. esq. pelo contacto com</i>] <do> /o\ sagrado e <do> /o\ destino último [↑do] homem. ²⁵ Como a <†> pequena cidade de

29	<-me dele> [<i>margin. inferior</i> o rápido envio da after shave Yardley] voltei a percorrer a rua principal em direcção ao quartel <.> /\ < & †> [↑ Desapare]
----	--

	<p style="text-align: center;">3 4</p> <p>cido por completo o sol <,> /: \ [↑a noite &] o nevoeiro <descia[↑m] agora sobre a pequena</p> <p>2 1</p> <p>cidade> [↑<tinham> agora começa<do> /va\] [.]</p>
--	--

	<□> ¹ /SOBRE UMA [↓] PROFECIA DE DANIEL\ [<i> marg. dir.</i> lugar]
	§ ² Um as boas duas horas de jeep e uma escolta composta por uma secção de infantaria eram
	necessárias para fazer a em si deliciosa viagem de Vista Alegre para o Alto Dange <.>/,\
	³ onde a minha companhia se encontrava já desde o fim das chuvas, uma viagem através de uma paisagem dividida em floresta de montanha, por um lado, & morros & vales
5	<completamente> [↑esparsamente] <desflorestados, com> [↑cobertos de um ca]pim de meio metro de altura, por outro. ⁴ O nosso acam=
	pamento era justamente num desses morros, <espectacularmente colocado acima> [↑no topo de um outeiro] [↑ <i> marg. superior</i> tão íngreme] [q obrigava] o já em si po=
	deroso jeep a ter q <†> /fazer\ o percurso em primeira velocidade <.>/,\ desde a estrada até ao fim da
	subida, já dentro do perímetro do aquartelamento. ⁵ Se não fosse o arame farpado à volta, <de †> [↑poder-]se-ia, <di>/do\ ponto de vista da estrada em baixo, ter a ideia q <no topo do outeiro> [↑o nosso acampamento]
10	<do alto Dange se situ> [↑era a <capela>] [← <i>página da esquerda</i> Igreja] [↑do Alto] Dange, ⁶ de tal modo o pequeno conjunto construído pelo <c> /C\hefe de Posto,
	[← <i>página da esquerda</i> para a sua residência,] e q nós agora usávamos como quartel, <† da Capela ou da Missal do Alto Dange.> [↑ tinha a modestia recolhida de um pequeno luga do]
	culto. ⁷ Mas uma vez lá em cima era-se [↑ <i>amplamente</i>] recompensado pela vista magestática q se
	tinha <das> [↑para as] montanhas dos Dembos, <a nascente> [↑do lado poente], ⁸ & <da imagem> [↑pela visão] pastoral <de> [↑das] tongas de ca=
	3 1 2 5 4
	fê, já do lado <poente do> [↑nordeste] para nós em direcção a<o> [↑um] Congo indefinido.
15	§ ⁹ Ainda do alto do q foi em tempos a casa do chefe de Posto era-nos possível ter também uma
	visão de conjunto da pequena povoação do Alto Dange, em baixo, onde as poucas construções
	a pedra e cal <†> /estavam\ praticamente a cair <.>/,\ ¹⁰ em virtude de em tempos terem sido bombarde=
	adas pela nossa Força Aérea, ¹¹ e era justamente numa delas, q <em tempo> [↑antes da guerra] tinha <servido> [↑funcionado]
	[←como] <de> <e>/E\scola <p>/P\rimária, agora completamente sem telhado, q se alojavam uma meia dúzia
20	de trabalhadores indígenas. ¹² Estes homens – e algumas mulheres [↑ e duas ovelhas] – eram tolerados pelo
	nosso <c> /C\omando & tinham autorização para trabalhar </*na mais/> [↑numa] tonga <.>/,\ não muito longe
	do nosso quartel, ¹³ sem qualquer protecção da nossa parte <:> a sua única obrigação era o depósito da catana com q trabalhavam a tonga. ¹⁴ <&> <e>/E\ste depósito dava origem a um
	pequeno ritual q todos os dias, <duas> [↑quatro] vezes por dia, o cabo de serviço & os trabalhadores
25	indígenas [← <i>página da esquerda</i> descalços, sem qualquer roupa da cintura para cima & muito pouca da cintura para baixo,] tinham q celebrar: ¹⁵ o depósito & a contagem das catanas, os trabalhadores
	em fila indiana, depositando ou levantando a sua catana, sob a supervisão do cabo

	de dia.
	§ ¹⁶ Foi neste quartel q, durante <os meses> [↑alg. tempo] da minha permanência no Alto Dange, vim a
29	usufruir da intimidade <com> [↑de] Jorge Pais, o comandante da minha companhia & a pessoa com

	JJ
	quem, por assim dizer, tive q partilhar a minha experiência do mundo da guerra à nossa volta. ^{17o}
	capitão Jorge Pais não era, em princípio, um defensor de Angola portuguesa. Não era na verdade um defensor de causa alguma, era um homem sem causas, parcialmente perdido para a
	realidade exterior à sua família, ¹⁸ cujas vicissitudes o tinham conduzido a uma forma <†> [↑mixta] de me=
5	lancolia & ansiedade q lhe tinha valido o sarcástico epíteton ornans de “capitão sem medo”. ¹⁹ A
	sua história pessoal não era invulgar e, como ele me contou, a sua profissão na Infantaria teria sido
	tolerável sem a guerra, sem um casamento sem filhos, ²⁰ sem a sua mulher há já dez anos em trata=
	mento psiquiátrico, e sem quaisquer perspectivas de êxito ou de melhoras consideráveis. ²¹ Ao fim de quatro
	semanas d<o>/e\ isolamento total no Alto Dange ²² [↑J. Pais] foi acometido de uma depressão [↑tão] profunda <&>/q\ teve q ser eva=
10	cuado para Luanda ²³ <tendo eu> [↑& foi assim q], como oficial mais antigo, [↑me] encontrei à frente de uma companhia de
	Infantaria <, > na <solene> [↑imensa] <solidão> solen<e>/idade\ da paisagem africana,
	§ ²⁴ Não foi para mim e para os nossos soldados um tempo particularmente difícil, essencial=
	mente em virtude da <†> [↑redu]zida densidade de população indígena na área, ²⁵ <†> [↑e]
	o trabalho de organização & endoutrinação nacionalistas, <q nessa altura ainda divid> [↑por parte de um movimento nessa] al=
15	tura ainda dividido em duas organizações rivais, era de preferência exercido <↑nou> em <partes> [↑áreas]
	mais habitadas dos Dembos. ²⁶ As minhas patrulhas tinham assim um curso & um desfecho
	sem acontecimentos - e logo sem [↑grande] significado militar – e tornaram-se <ass> [↑ a] breve trecho
	numa experiência de união com a <esmagadora> [↑extática] ² & primordial paisagem circundante, ²⁷ a
	qual das montanhas até <ao> /às\ terras mais baixas era organizada pelo <grande> [↑<magní>]<fico> [↑esmagador] rio Suege,
20	q já [↑fora da] área da nossa Companhia corria ainda dentro da floresta. ²⁸ Foi no caudal deste rio,
	já perto de Vista Alegre, q fomos um[a] <dia> [↑manhã] surpreendidos <pelas> [↑por] manchas vermelhas <à> [na]
	sua corrente, à superfície da qual fluuavam um número incontável de cadáveres de nacionalistas mortos pela organização rival. ²⁹ Mas esta imagem de horror, <q contrasta

	com>
	a grandiosidade mágica da corrente ensanguentada do Suege, era [↑logo] <s> redimível por uma
25	exploração das terras altas onde <o> /a\ <silêncio> continuidade inquebrável do silêncio era já [uma]
	imagem da eternidade. ³⁰ Numa destas elevações, <e> um pouco para o interior em relação
	à estrada principal, situavam-se os restos do q fora em tempos uma missão de pa=
	dres canadianos adventistas. ³¹ Nunca consegui <†> [↑estabe]lecer quem teria sido responsável
29	pela destruição do edifício agora reduzido a umas paredes <†> [↑parci]almente sem telhado

	♪♪♪
	e em q a pequena capela foi manifestamente vandalizada. ³² <No> /Qu\anto ao q deve ter sido o altar
	<estava> [↑tinha] sido gravado a profecia de Daniel “o teu povo & a tua cidade têm setenta semanas
	para acabar coma transgressão, para acabar com o pecado, para passar da iniquidade à recon=
	ciliação.”
5	§ ³³ Os meus dias sem patrulha obedeciam a um reconhecível plano, <† q> [↑cuja] finalidade era fazer
	a todo o tempo conciliar as exigências do serviço com as minhas necessidade de leitura & recolhimento,
	³⁴ <†>/&\ uma parte essencial desse plano era o meu uso das horas entre o meio dia & as duas [,] para <,> de=
	pois <do>/de\ <café & um pouco> <†> [↑<falar> beber café] com o médico <,> ficar na sala a ler. <Numa dessas> [↑E chego assim <a uma> aquela] tarde<s> em q fiquei com
	<ele> [←o médico] na sala, ele a fazer paciências com cartas & eu a ler a “<c>/C\orrespondência” entre Rilke e a Prin=
10	cesa Maria von Thurn und Taxis, ³⁵ quando no silêncio pristino da tarde africana <,> ouço um con=
	junto de vozes < q a princípio> [↑q reconheci] [↑ser]em de indígenas [,] ³⁶ & <comentando> [↑analizando] o facto com o médico chegamos à con=
	clusão q deve<m> <ser> [↑ tratar] [d]os trabalhadores q vêm levantar as suas catanas para regressar ao trabalho [↑na tonga].
	³⁷ <simplesmente> [↑Mas] sucedeu q o número de vozes foi <sempre au> [↑gradualm]ente aumentando , sem q nem ele deixasse
	de fazer paciências nem eu deixasse de ler, quando nos apercebemos q já estávamos no meio de
15	uma gritaria <infernai> [↑tumultuosa]. ³⁸ E foi <justa> [↑exacta]mente no momento em q eu poisei o meu livro sobre a mesa
	& o médico, lívido, se começou a levantar, q rebentou à nossa volta o <tumultuoso> [↑estampido] infernal
	das espingardas & das metralhadoras, da gritaria dos soldados a correr pelo acampamento,
	³⁹ à procura das suas armas, ou [↑já] de regresso com a sua arma [,] <e> ⁴⁰ [↑de tal modo q] quando cheguei à porta <para me>[↑já]
	<dirigir para> [↑todo o perímetro] do acampamento estava protegido pelos nossos soldados [,] q atiravam a
20	matar sobre uns indígenas ⁴¹ q ainda mal <vi> [↑me apercebi] <a>/q\ <descer>

	[↑fugi<r>/am\] pelo morro abaixo em direcção à
	mata. ⁴² <Ainda me> [↑<só me ocorreu>][↑ <i>margin superior</i> Lutando contra a confusão <instalada> causada pelo medo da morte eminente] mand<ar>/ei\ instalar os morteiros e disparar [,] <para> [↑ a fim] evitar a fuga [↑aos <u>assaltantes</u>] e [de]
	eventualmente impedir um contra-ataque. ⁴³ Este contacto vivo com a morte passa-se numa
	zona da consciência <q> [↑onde] não <tem>/há\ a experiência do tempo, uma vez q a morte é a eternidade &
	[←eu] estava<mos> nesse momento diante da eternidade, ⁴⁴ mas hoje à distância, e assim regressado
25	ao tempo, inclino-me a dizer q tudo não durou mais de um quarto de hora <.>/\ <Isto é, uns <u>quinze</u> > [desde a minha pri-]
	<minutos> <as tropas †> [↑<a morte apareceu e <u>desapareceu</u> ,>] meira percepção d<e>/a\ <gritaria> [↑natureza] hostil da gritaria
	[←até] <&> a <última> [↑descobri]ta de q o ataque estava terminado <&>. ⁴⁵ E [↑foi] com a nova segurança ganha <com> nesta
	descoberta, [↑q] comecei com o sargento de serviço a dar a volta ao [↑perímetro] acampamento, a verificar uma
29	vez mais o [↑estado do] arame farpado, ⁴⁶ quando [↑subitamente me] me apercebi <do elevado número>[↑da existência dos] de cadáveres <precisamente>

	♪♪♪♪
	<†> [↑do lado] de fora da vedação, [↑os cadáveres] dos <†> [↑indígenas] mortos no assalto[.]
	§ ⁴⁷ Depois de telefonar para o Comando, a minha <principal> [↑única] actividade consistiu em man=
	dar reunir todo os ‘spolia’ deixados pelos assaltantes, analisar o seu conteúdo & escre=
	ver um relatório acerca do seu significado militar. ⁴⁸ [↑Mas] O espólio era essencialmente constituí=
5	do por bengalas, umas mais primitivas outras mais trabalhadas, e um elevado número de
	livros q acabei por descobrir serem todos Bíblias, umas em português outras em inglês<.> ⁴⁹ /&\ [de]
	[←Outros] Documentos escritos havia apenas cartas, <de> [↑mas claramente de] carácter pessoal, de <quase impossivel> [↑muito difficil] leitura
	⁵⁰ as quais davam <alguma> [↑por vezes] informação acerca <dos>/de\ <costumes> [↑algumas] práticas mágicas a q estas pessoas estavam
	associadas. ⁵¹ <À † para> [↑Para elaborar] o relatório sobre o ataque propriamente dito tive q chamar a mim o
10	sargento de <serviço> [↑ronda] na altura em q o ataque teve lugar <.>/\ e foi dele q <†> [↑ouvi] † pela primeira vez
	a completa sequência dos acontecimento: de várias direcções da mata convergiram para o nosso acampamento grupos de homens, num manifesto estado de agitação, ⁵² gritando frases
	q o sargento não conseguiu compreender, e ao chegarem junto dele, um de entre eles dirigiu-se-
	<ao sargento> [↑-lhe] em português ⁵³ e disse-lhe q os portugueses tinham q se ir embora, q estava escrito
15	no livro q ele trazia na mão. <† seguindo o sargento, > ⁵⁴ <os>/Os\[↑os] outros /* † da comitiva/
	2
	começaram a gritar ainda mais alto quando foi [↑se sentiu] agredido por uma bengala e uma chuva

	de pedras<.>/,\ <Foi> [↑foi] nesse momento q <começou †> [↑ele compreendeu] q tinha q atirar <de †> [↑ a matar e fe-lo, ⁵⁵ embora]
	só depois de o ter feito , e de os soldados terem começado também a atirar, <q compreendeu> [↑tenha descoberto] q os
	assaltantes <†> [↑não <tinham> eram] portadores de arma de fogo.
20	§ ⁵⁶ Um grupo de soldados tomou a iniciativa de abrir uma vala profunda junto ao arame
	farpado <, o q foi um trabalho> [↑& durante algumas] horas <.>/,\ enquanto o dia caminhava para o seu fim, os soldados
	<†> terminaram a <sua> vala & [↑<mas>] os cadáveres foram <†sem qualquer†> [↑restituídos à terra.] ⁵⁷ <†> [↑<†> Ao por]
	do sol o acampamento regressou à sua /*inserção/ [↑†e assim] na <paisagem> silêncio da paisagem & apenas
	<†> [↑ o † ver] grande astro laranja a cair no horizonte, <q>/e\ dando mais uma volta ao quartel . ⁵⁸ O
25	médico era ateu & não acreditava na ressurreição dos mortos. [↑Ainda assim] Quebrou o silêncio para me
	dizer: ⁵⁹ “ Não acredito na ressurreição dos morto, mas agora vejo q é uma ideia justa.”

Jornal *O Independente*

¹Em paisagem tropical/ alma branca missa preta

²EM 1961 a reverência pe-/ rante o Apóstolo Paulo e o/ poder que este exercia so-/bre a consciência dos fiéis,/ podiam ser bem medidos/ pelo facto de o padre Luís Men-/ des, que era o padre do meu ba-/ talhão, ³com genuína dor lamentar/ a perda do hábito de usar o nome/ completo da cidade de Luanda,/ que era precisamente São Paulo de/ Luanda, e se ter passado a usar a/ forma abreviada, sem mais refe-/ rência – e logo sem reforçar a/ permanência – do Apóstolo dos/ Gentios. ⁴«É como se tirassem a ca-/ beça à cidade», dizia o padre Luís/ Mendes, que nessa altura já se ti-/ nha habituado a dividir o seu/ tempo entre a missa preta no mus-/ seque a missa na Baixa de Luanda./

⁵Depois da missa do padre Luís/ Mendes o meu destino era invaria-/ velmente a pequena livraria Lello,/ em toda a cidade, e por consequên-/ cia em toda a província de Ango-/ la, a única loja de música onde,/ por meio de um abreviado catá-/ logo Swann, era possível fazer en-/ comendas, ⁶e foi precisamente/ numa dessas ocasiões, ao ir resga-/ tar a minha encomenda da *Sa-/ lomé*, que conheci o hoje abun-/ dantemente conhecido escultor/ Paulo Espada, num encontro que/ veio a ter para mim as mais fatí-/ dicas consequências./

⁷Paulo Espada estava de baixa/ no Hospital Militar, em virtude de/ uns ligeiros ferimentos que tinha/ sofrido na cabeça, durante um/ ataque que a sua unidade tinha/ sido vítima nas imediações de/ Bessa Monteiro. ⁸Na realidade/ pouco mais aconteceu à sua ca-/ beça do que ter de rapar algum ca-/ belo e, de facto, a maior parte do/ seu tempo em Luanda Paulo Es-/ pada passava-o a desenhar./ ⁹Aprendi assim a ir com ele para a/ Estrada Marginal estudar, no si-/ lêncio quente da baía azul e/ branca, o movimento das elegan-/ tíssimas embarcações indígenas;/ ¹⁰aprendi sobretudo a identificar a/ percepção do escultor, a sua ob-/ sessiva concentração no contraste/ dramático entre os volumes da ca-/ beça, do pescoço e do torso dos in-/ variavelmente seminus trabalha-/ dores indígenas./

¹¹Quando já estava prestes a ter/ a capacidade de prever como é que/ um desenho do meu amigo evolui,/ dos traços iniciais para a sua// forma final, fui chamado a juntar/ -

me à minha companhia, nessa al- tura na serra do Uíge, ¹²tendo assim/ começado o padrão da minha ami- zade com o escultor, o padrão da/ guerra, umas vezes juntos, outras/ separados. ¹³Não deixei de levar co- migo dois dos seus desenhos, jus- tamente sobre os homens e o seu/ trabalho na baía de Luanda ou,/ mais exactamente, um com o per- fil e o segundo sobre um torso ape- nas de um pescador, ¹⁴e este dese- nho acabei por oferecer ao major/ comandante da unidade que a/ nossa companhia teve a incumbên- cia de reforçar./

¹⁵O major Capelo, ou Armando/ Capelo como ele assinava a ordem/ do dia, era a suprema autoridade/ militar da pequena povoação do/ Uíge, que a população europeia/ local e as autoridades administra- tivas consideravam ser uma ci- dade, mesmo com a dignidade de/ capital do distrito. ¹⁶Na realidade,/ consistia essencialmente numa/ avenida principal, agradavelmente/ arborizada de ambos os lados,/ com edifícios de um modesto mas/ bem conservado ar provinciano/ português, ¹⁷com escola, estação de/ rádio e uma igreja, a igreja de São/ João Baptista do Uíge, onde os/ militares portugueses ouviam a/ missa de domingo, ou a missa de/ finados, pelos camaradas mortos/ em combate./

¹⁸ É de resto a iminência da morte/ em combate que explica o retorno/ à religião da infância por parte de/ muitos militares, os quais, aca- bada a guerra, regressam ao cep- ticismo da classe média, e voltam/ a considerar a alma e o seu destino/ último como uma questão destituí- da de sentido. ¹⁹Mas sob a pressão/ da morte provável na próxima em- boscada, o regresso mesmo que/ provisório a Deus torna-se no/ equivalente inculto da aposta de/ Pascal. ²⁰E foi assim que no do- mingo que se sucedeu à minha che- gada, na missa das dez lá estava,/ além do meu capitão, ²¹o já calvo/ major Capelo, o qual, de resto,/ numa voz clara mas completa- mente destituída de emoção, leu a/ epístola do dia, extraída da pri- meira de São Paulo aos Coríntios./ ²²Sem hábitos de leitura, o major/ Capelo teve de forçar o seu cami- nho laboriosamente através da/ traiçoeira prosódia do Apóstolo:/ *«Sigam-me como eu segui Cristo.// Recordem-me em todas as coisas/ e conservem o que eu vos ensinei. Mas quero que saibam que a ca- beça de cada homem é Cristo, e/ que a cabeça da mulher é o ho- mem e que a cabeça de Cristo é/ Deus.»*

²³ Aprendi logo nesse domingo/ que o major Capelo já tinha/ criado o hábito de, logo no fim da/ missa, ficar no adro a falar com/ os oficiais presentes, no nosso caso/ apenas

eu e o meu capitão, ²⁴en-/ quanto os sargentos e os soldados/ se constituíam também em peque-/ nos grupos autónomos, aliviando/ assim a tensão causada pelo con-/ tacto com o sagrado e o destino/ último do homem. ²⁵Como a pe-/ quena cidade de facto se encon-/ trava construída sobre uma ele-/ vação, tinha-se do adro uma vista/ sumptuosa sobre toda a serra. ²⁶E/ agradecendo uma vez mais o de-/ senho do meu amigo Espada, o/ major apresentou-me a serra como/ o nosso teatro de operações, ²⁷e su-/ geriu ao meu capitão a necessidade/ de em breve subir à serra e fazer/ uma batida, uma vez que todos os/ cabecilhas do terrorismo se tinham/ escondido lá. ²⁸Esta cerimónia da/ missa de domingo só terminava,/ verdadeiramente, quando o ca-/ pelão da igreja de São João Bap-/ tista se despedia dos oficiais, que/ logo a seguir à continência se-// guiam, como eu nesse dia, para o/ café local./

²⁹Foi neste café que, durante os/ dois meses da minha permanência/ na cidade, verdadeiramente vim a/ conhecer a intimidade de Jorge/ Pais, ³⁰o capitão da minha compa-/ nhia e a pessoa com quem, por as-/ sim dizer, tive de partilhar a mi-/ nha experiência do novo mundo à/ nossa volta. ³¹Vergada sob o peso das/ suas circunstâncias, a alma do capi-/ tão Pais não podia ser atraída para/ os voos da imaginação heróica e, as-/sim, a perspectiva de morrer aos/ 35 anos, uma morte sem sentido,/ era-lhe tão insuportável que o seu/ medo era o motivo dos incontá-/ veis *dicta* que circulavam na com-/ panhia a seu respeito. ³²Ouvi o som/ dessa angústia logo no dia seguinte/ à nossa conversa depois da missa/ com o major, quando o capitão/ me procurou no café Coimbra,// acompanhado de uma ordenança,/ e com a voz rouca e a garganta/ seca me deu a conhecer que tinha/ vindo pelo rádio a ordem de eu su-/ bir à serra e fazer lá uma patrulha/ de dois dias./

³³Recebi do major Capelo os por-/ menores da operação no seu ga-/ binete, onde ele, enterrado na sua/ cadeira, parecia ainda mais pe-/ queno do que na realidade era. ³⁴A/ tonga da firma Almeida & Filhos/ tinha sido atacada na véspera, um/ dos trabalhadores morrerá no ata-/ que, e os restantes recusavam-se/ agora a trabalhar o café sem o/ nosso apoio e a nossa presença. ³⁵E/ depois de me delinear o percurso/ e a situação da tonga Almeida &/ Filhos descemos até à rua, falando/ agora acerca de Leiria, ³⁶onde o ma-/ jor Capelo e eu tínhamos prestado/ serviço, ele na Infantaria e na Le-/ gião Portuguesa e eu apenas, num/ episódio de seis meses, no regi-/ mento de infantaria./

³⁷E começando agora a subir a/ rampa em direcção ao Grande Ho-/ tel do Uíge, onde o major ia tele-/ fonar à sua mulher, voltou ao/ tema da minha patrulha para me/ dizer que era preciso atacar a san-/ zala onde os cabecilhas se descon-/ dem, e depois simplesmente/ deitar-lhe o fogo. ³⁸« *O já conhecido/ alferes Teles tem uma fórmula que/ nunca falha. Quando ataca uma/ sanzala corta as cabeças de dois/ dos mortos. Espeta uma estaca em/ cada cabeça e enterra as estacas,/ com as cabeças em cima, à entrada/ da sanzala.* ³⁹ *Quando o nevoeiro cai/ e os sobreviventes tentam regres-/ sar à sanzala, são confrontados/ com as duas cabeças, uma de cada/ lado, à entrada. Fogem e nunca/ mais voltam. Se esperar pelo ne-/ voeiro ainda pode atacar os sobre-/ viventes.»/*

⁴⁰Já à porta do hotel, depois do/ precoce pôr de sol que a serra im-/ plica, olhando para a serra via-se/ o nevoeiro descer. ⁴¹O major Capelo/ tinha de telefonar à sua mulher em/ Lisboa – e já estava preparado/ para esperar duas horas pela cha-/ mada – para se queixar que a *af-/ ter shave* Yardley não tinha che-/ gado. ⁴²Desejando-lhe o rápido en-/ vio da *after shave* Yardley, voltei/ a percorrer a rua principal em di-/ recção ao quartel, devagar, sob as/ árvores do passeio, agora comple-/ tamente sem sol: começava o ne-/ voeiro e a seguir era a noite.

¹Sobre uma profecia de Daniel

²UMAS boas duas ho- ras de jeep e uma/ escolta composta por/ uma secção de infan- taria eram neces- sárias para fazer a em/ si deliciosa viagem de Vista Alegre/ para o Alto Dange, ³onde a minha/ companhia se encontrava já desde o/ fim das chuvas, uma viagem através/ de uma paisagem dividida em floresta/ de montanha, por um lado, e morros e/ vales esparsamente cobertos de um/ capim de meio metro de altura, por/ outro. ⁴O nosso acampamento era/ justamente num desses morros, no/ topo de um outeiro tão íngreme que/ obrigava o já em si poderoso jeep a/ ter de fazer o percurso em primeira/ velocidade, desde a estrada até ao fim/ da subida, já dentro do perímetro do/ aquartelamento. ⁵Se não fosse o arame/ farpado à volta poder-se-ia, do ponto/ de vista da estrada em baixo, ter a/ ideia que o nosso acampamento era a /igreja do Alto Dange, ⁶de tal modo o/ pequeno conjunto construído pelo/ chefe de posto para a sua residência, e/ que nós agora usámos como quartel,/ tinha a recolhida modéstia de um/ pequeno lugar de culto. ⁷Mas uma vez/ lá em cima era-se amplamente recom- pensado pela vista majestática que se/ tinha para as montanhas dos Dembos,/ do lado poente, ⁸e pela visão pastoral e/ inocente das tongas de café, já do/ lado nordeste, em direcção a um para/ nós indefinido Congo. /

⁹Ainda do alto do que foi em tempos/ a casa do chefe de posto era-nos/ possível ter também uma visão de/ conjunto da pequena povoação do/ Alto Dange, em baixo, onde as/ poucas construções a pedra e cal/ estavam inabitáveis, ¹⁰em virtude de/ em tempos terem sido bombardeadas/ pela nossa Força Aérea, ¹¹e era justa- mente numa delas que antes da guerra/ tinha funcionado como escola pri- mária, agora completamente sem te- /lhado, que se alojavam uma meia/ dúzia de trabalhadores indígenas. ¹²Es- tes homens, algumas mulheres e duas/ ovelhas eram tolerados pelo nosso/ comando e tinham autorização para/ trabalhar numa tonga, não muito/ longe do nosso quartel, ¹³sem qualquer/ protecção da nossa parte, sendo a sua/ única obrigação depositar na nossa/ companhia a catana com que traba- lhavam a tonga. ¹⁴Este depósito dava/ origem a um pequeno ritual que todos/ os dias, quatro vezes por dia, o cabo/ de serviço e os trabalhadores indíge- nas, descalços, sem qualquer roupa/ da cintura para cima e muito pouca da/ cintura para baixo, tinham de cele- brar: ¹⁵O depósito e a contagem das/ catanas, os trabalhadores em fila/ indiana, depositando ou levantando a/ sua catana, o cabo de dia a fazer a/ contagem.//

¹⁶Foi neste quartel que, durante al- / gum tempo da minha permanência no / Alto Dange, vim a conhecer na / intimidade Jorge Pais, o comandante / da minha companhia e a pessoa com / quem, por assim dizer, tive de parti- / lhar a minha experiência do mundo da / guerra à nossa volta. ¹⁷O capitão Jorge / Pais não era, em princípio, um defen- / sor de causa alguma, era um homem / sem causas, parcialmente perdido / para a realidade exterior à sua fa- / mília, ¹⁸cujas vicissitudes o tinham / conduzido a uma forma difusa de / melancolia e ansiedade, a qual lhe / tinha valido o sarcástico *epiteton / ornans* de «capitão sem medo». ¹⁹A sua / história pessoal não era invulgar e, / como ele me contou, a sua profissão / na infantaria teria sido tolerável sem / esta guerra, sem um casamento, sem / filhos, ²⁰sem a sua mulher há já dez / anos em tratamento psiquiátrico e / sem quaisquer perspectivas de êxito / ou de melhoras consideráveis. ²¹Ao fim / de quatro semanas do, para ele, / angustiante silêncio do Alto Dange, e / na perspectiva de ter que comandar / um ataque a uma posição nos cumes / de Zemba, ²²Jorge Pais foi acometido / de uma doença ainda mais difusa, de / uma angústia tão profunda que teve / de ser evacuado para Luanda. ²³E foi / assim que, como oficial mais antigo, / na imensa solenidade da paisagem / africana, me encontrei à frente de / uma companhia de infantaria. /

²⁴ Não foi para mim e para os nossos / soldados um tempo particularmente / árduo, essencialmente em virtude da / reduzida densidade de população in- / dígena na área, ²⁵e o trabalho de / endoutrinação e organização nacio- / nalistas, por parte de um movimento / nessa altura ainda dividido em duas / organizações rivais, era de preferên- / cia exercido em áreas mais habitadas / dos Dembos. ²⁶As minhas patrulhas / tinham assim um curso e um desfecho / sem acontecimentos e logo sem / grande significado militar, tornava-se / a breve trecho numa experiência de / união com a primordial e estática / paisagem dos Dembos, ²⁷a qual das / montanhas até às terras mais baixas / era organizada pelo nebuloso rio / Suege, que já fora da área da nossa / companhia corria dentro da floresta, / donde provinham os nevoeiros. ²⁸Foi / no caudal deste rio, já perto de Vista / Alegre, que fomos uma manhã sur- / prendidos por grandes manchas ver- / melhas na sua corrente, à superfície / da qual flutuavam um número incon- / tável de cadáveres de nacionalistas / mortos pela organização rival. ²⁹Mas / uma tal imagem de morte, sobre a / neblina da manhã ensanguentada do / Suege, era logo redimível por uma / exploração das terras altas, onde a / indestrutível continuidade do silêncio / era já uma experiência da eternidade. // ³⁰ Numa dessas elevações, e um pouco / para o interior em relação à

estrada/ principal, situavam-se os restos do/ que fora em tempos uma missão de/ padres canadianos adventistas. ³¹Nunca/ consegui estabelecer quem teria sido/ responsável pela destruição do edifí-/ cio, agora reduzido a umas paredes,/ parcialmente sem telhado, e em que a/ pequena capela fora manifestamente/ vandalizada. ³²No que deve ter sido o/ altar tinha sido gravada a profecia de/ Daniel: « *E muitos dos que dormem no/ pó da terra serão acordados, alguns/ para a vida eterna, outros para uma/ vergonha e um desprezo sem fim.*»/

³³Os meus dias sem patrulha abede-/ ciam a um reconhecível plano, cuja/ finalidade era fazer a todo o tempo/ conciliar as exigências do serviço/ com as minhas necessidades de lei-/ tura e de recolhimento, ³⁴e uma parte/ essencial desse plano era o meu uso/ das horas entre o meio-dia e as duas,/ para depois de beber café com o/ médico ficar na sala a ler. E chego/ assim àquela tarde em que fiquei com/ o médico na sala, ele a fazer paciên-/ cias com cartas e eu a ler a *Corres-/ pondência* entre Rilke e a princesa/ Maria von Thurn und Taxis, ³⁵quando/ no silêncio pristino da tarde africana/ ouço um conjunto de vozes que/ reconheço serem de indígenas, ³⁶e/ analisando o facto com o médico// chegámos à conclusão que se deve/ tratar dos trabalhadores, que sobem o/ morro para levantar as suas catanas e/ regressar ao trabalho na tonga. ³⁷Mas/ sucedeu que o número de vozes foi/ gradualmente aumentando, sem que/ nem ele deixasse de fazer paciências/ nem eu deixasse de ler, quando nos/ apercebemos que já estávamos no/ meio de uma gritaria tumultuosa. ³⁸E/ foi exactamente no momento em que/ eu pousei o meu livro sobre a mesa e/ o médico, lívido, se começou a/ levantar, que rebentou à nossa volta a/ gritaria dos nossos soldados a correr/ pelo acampamento, ³⁹uns à procura das/ suas armas outros de regresso com a/ sua arma. Rebentou, de facto, à nossa/ volta o estampido infernal das espin-/ gardas e das metralhadoras, ⁴⁰de tal/ modo que quando cheguei à porta já/ todo o perímetro do acampamento/ estava protegido pelos nossos solda-/ dos, que atiravam a matar sobre uns/ indígenas, ⁴¹os quais, naquela altura,/ confusamente me apercebi que fu-/ giam pelo morro abaixo em direcção/ à mata. ⁴²Lutando contra a confusão/ causada pela sensação da morte à/ superfície da pele mandei instalar os/ morteiros e disparar, a fim de contar a/ fuga aos assaltantes e de impedir um/ contra-ataque. ⁴³Este contacto vivo/ com a morte passa-se numa zona da/ consciência onde não há a experiência/ do tempo, uma vez que a morte é a/ eternidade e eu estava nesse momento/ diante da eternidade, ⁴⁴mas hoje à/ distância, e assim regressado ao/ tempo, inclino-me a dizer que tudo/ não durou mais do que um quarto

de/ hora desde a minha primeira percep- ção da natureza hostil da gritaria até à/ descoberta de que o ataque estava// terminado. ⁴⁵E foi com a nova se-/ gurança ganha nesta descoberta que/ comecei, com o sargento de serviço,/ a fazer a ronda do acampamento, a/ verificar uma vez mais o estado do/ arame farpado, ⁴⁶quando subitamente/ me apercebi da tétrica existência de/ um número de cadáveres do lado de/ fora da vedação, os cadáveres dos/ indígenas mortos no assalto./

⁴⁷ Além de enviar uma mensagem/ para o comando, a minha única/ actividade consistiu em mandar reunir/ os *spolia* deixados pelos assaltantes,/ analisar o seu conteúdo e escrever um/ relatório acerca do seu significado/ militar. ⁴⁸Mas o espólio era essencial-/ mente constituído por bengalas, umas/ mais primitivas outras mais trabalha-/ das, e um elevado número de livros/ que acabei por descobrir serem todos/ Bíblias, umas em português outras/ em inglês, ⁴⁹e de outros documentos/ escritos havia apenas cartas, de muito/ difícil leitura e de conteúdo, obvia-/ mente pessoal, ⁵⁰as quais davam por/ vezes informações acerca de algumas/ práticas mágicas a que estas pessoas/ estavam associadas. ⁵¹Para elaborar o/ relatório tive que chamar a mim o/ sargento da ronda e foi dele que ouvi,/ pela primeira vez, a completa sequên-/ cia dos acontecimentos: de várias/ direcções da mata convergiram para o/ nosso acampamento grupos de ho-/ mens, num manifesto estado de agita-/ ção,⁵² gritando frases que o sargento/ não conseguiu compreender, e, ao/ chegarem junto dele, um deles diri-/ giu-se-lhe em português ⁵³e disse-lhe/ que os portugueses tinham que se ir/ embora, que estava escrito na Bíblia,/ no livro que ele trazia na mão./

⁵⁴Os outros começaram a gritar ainda/ mais tumultuosamente, e foi só/ quando se sentiu agredido por uma/ bengala e uma chuva de pedras, foi só/ nesse momento que compreendeu que/ tinha que atirar a matar e fê-lo,/ ⁵⁵embora só depois de o ter feito, e de/ os soldados terem começado também/ a atira, tenha descoberto que os/ assaltantes não eram portadores de/ armas de fogo./

⁵⁶Um grupo de soldados tomou a/ iniciativa de abrir uma vala profunda/ junto ao arame farpado, e durante/ algumas horas, enquanto o dia cami-/ nhava para o seu fim, os soldados/ terminaram a vala e os cadáveres/ foram restituídos à terra. ⁵⁷Ao pôr-do-/ -sol o acampamento inseriu-se de/ novo no silêncio da paisagem e, eu e/ o médico, dando mais uma volta ao/ arame farpado, ficámos a ver as/ grandes sombras cair sobre o hori-/ zonte. ⁵⁸O nosso médico não acreditava/ na ressurreição dos mortos. Só que-/ brou o

silêncio quando chegou a/ noite, para me dizer: ⁵⁹« *Não acredito/ na ressurreição dos mortos, mas/ agora vejo que é uma ideia justa.*»

Primeira edição

¹A neblina cai sobre a serra

² Em 1961 a reverência perante o Apóstolo Paulo e o poder que/ este exercia sobre a consciência dos fiéis podiam ser bem medidos/ pelo facto de o padre Luís Mendes, que era o padre do meu bata-/ lhão, ³com genuína dor lamentar a perda do hábito de usar o nome/ completo da cidade de Luanda, que era precisamente São Paulo de/ Luanda, e se ter passado a usar a forma abreviada, sem mais referên-/ cia – e logo sem reforçar a permanência – do Apóstolo dos Gen-/ tios. ⁴«É como se tirassem a cabeça à cidade», dizia o padre Luís/ Mendes, que nessa altura já se tinha habituado a dividir o seu tempo/ entre a missa preta no musseque e a missa branca na Baixa de Luanda./

⁵ Depois da missa do padre Luís Mendes o meu destino era inva-/ riavelmente a pequena livraria Lello, em toda a cidade, e por conse-/ quência em toda a província de Angola, a única loja de música onde,/ por meio de um abreviado catálogo Swann, era possível fazer enco-/ mendas, ⁶e foi precisamente numa dessas ocasiões, ao ir resgatar a/ minha encomenda da *Salomé*, que conheci o hoje abundantemente/ conhecido escultor Paulo Espada, num encontro que veio a ter para/ mim as mais fatídicas consequências./

⁷Paulo Espada estava de baixa no Hospital Militar, em virtude de/ uns ligeiros ferimentos que tinha sofrido na cabeça, durante um ata-/ que de que a sua unidade tinha sido vítima nas imediações de Bessa/ Monteiro. ⁸Na realidade pouco mais aconteceu à sua cabeça do que ter/ de rapar algum cabelo e, de facto, a maior parte do seu tempo em/ Luanda Paulo Espada passava-o a desenhar. ⁹Aprendi assim a ir com/ ele para a Estrada Marginal estudar, no silêncio quente da baía azul/ e branca, o movimento das elegantíssimas embarcações indígenas;/ ¹⁰aprendi sobretudo a identificar a percepção do escultor, a sua obsessiva/ concentração no contraste dramático entre os volumes da cabeça, do/ pescoço e do torso dos invariavelmente seminus trabalhadores indígenas./

¹¹Quando já estava prestes a ter a capacidade de prever como é que/ um desenho do meu amigo evolui, dos traços iniciais para a sua forma/ final, fui chamado a juntar-me à minha companhia, nessa altura na// serra do Uíge,¹² tendo assim começado o padrão da minha amizade com/ o escultor, o padrão da guerra, umas vezes juntos, outras

separados./ ¹³Não deixei de levar comigo dois dos seus desenhos, justamente sobre/ os homens e o seu trabalho na baía de Luanda ou, mais exactamente,/ um sobre o perfil e o segundo sobre um torso apenas de um pesca-/ dor,¹⁴ e este desenho acabei por oferecer ao major comandante da uni-/ dade que a nossa companhia teve a incumbência de reforçar./

¹⁵ O major Capelo, ou Armando Capelo como ele assinava a ordem/ do dia, era a suprema autoridade militar da pequena povoação do Uíge,/ que a população europeia local e as autoridades administrativas con-/ sideravam ser uma cidade, mesmo com a dignidade de capital de dis-/ trito. ¹⁶Na realidade, consistia essencialmente numa avenida principal,/ agradavelmente arborizada de ambos os lados, com edifícios de um/ modesto mas bem conservado ar provinciano português, ¹⁷com escola,/ estação de rádio e uma igreja, a igreja de São João Baptista do Uíge,/ onde os militares portugueses ouviam a missa de domingo, ou a missa/ de finados pelos camaradas mortos em combate.

¹⁸ É de resto a iminência da morte em combate que explica o retorno/ à religião da infância por parte de muitos militares, os quais, acabada/ a guerra, regressam ao cepticismo da classe média e voltam a consi-/ derar a alma e o seu destino último como uma questão destituída/ de sentido.¹⁹ Mas sob a pressão da morte provável na próxima embos-/ cada, o regresso mesmo que provisório a Deus torna-se no equiva-/ lente inculto da aposta de Pascal. ²⁰E foi assim que no domingo que/ se sucedeu à minha chegada, na missa das dez lá estava, além do meu/ capitão, ²¹o já calvo major Capelo, o qual, de resto, numa voz clara mas/ completamente destituída de emoção, leu a epístola do dia, extraída/ da primeira de São Paulo aos Coríntios. ²²Sem hábitos de leitura, o/ major Capelo teve de forçar o seu caminho laboriosamente através/ da traiçoeira prosódia do Apóstolo: «Sigam-me como eu segui Cristo./ Recordem-me em todas as coisas e conservem o que eu vos ensinei./ Mas quero que saibam que a cabeça de cada homem é Cristo, e que/ a cabeça de cada mulher é o homem e que a cabeça de Cristo é Deus»./

²³Aprendi logo nesse domingo que o major Capelo já tinha criado/ o hábito de, logo no fim da missa, ficar no adro a falar com os ofi-/ ciais presentes, no nosso caso apenas eu e o meu capitão,²⁴ enquanto/ os sargentos e os soldados se constituíam também em pequenos gru-/ pos autónomos, aliviando assim a tensão causada pelo contacto com/ o

sagrado e o destino último do homem. ²⁵Como a pequena cidade/ de facto se encontrava construída sobre uma elevação, tinha-se do adro// uma vista sumptuosa sobre toda a serra. ²⁶E agradecendo uma vez mais/ o desenho do meu amigo Espada, o major apresentou-me a serra como/ o nosso teatro de operações, ²⁷e sugeriu ao meu capitão a necessidade/ de em breve subir à serra e fazer uma batida, uma vez que todos/ os cabecilhas do terrorismo se tinham escondido lá. ²⁸Esta cerimónia/ da missa de domingo só terminava, verdadeiramente, quando o cape-/ lão da igreja de São João Baptista se despedia dos oficiais, que logo/ a seguir à continência seguiam, como eu nesse dia, para o Café local./

²⁹Foi neste Café que, durante os dois meses da minha permanência/ na cidade, verdadeiramente vim a conhecer a intimidade de Jorge Pais,/ ³⁰o capitão da minha companhia e a pessoa com quem, por assim dizer,/ tive de partilhar a minha experiência do novo mundo à nossa volta./ ³¹No princípio o Café Coimbra deve ter sido como qualquer dos cafés/ de província à volta e dentro da cidade universitária, os proprietários/ do qual certamente emigraram desta parte de Portugal, ³²mas as cir-/ cunstâncias da guerra tinha agora conduzido a um completo corte com/ todas as convenções do estilo e do comportamento: no Café Coim-/ bra a imagem dominante da mesa de Café era a espingarda Mauser/ ou a espingarda-metralhadora Uzi sobre a mesa, ³³que os civis e os mili-/ tares que frequentavam o Café depositavam sobre a mesa, numa inten-/ ção de repouso nunca alcançado, uma vez que era impossível deixar/ de falar sobre a guerra e logo deixar de sentir a sua garra. ³⁴O capitão/ Jorge Pais não era um defensor, em princípio, de Angola portuguesa./ Não era na verdade um defensor de causa alguma, era um homem/ sem causas, parcialmente perdido para a realidade exterior à sua famí-/ lia.³⁵ A sua história pessoal não era invulgar e, como ele me contou,/ a sua profissão na Infantaria teria sido tolerável sem a guerra, sem/ um casamento sem filhos e sem a sua mulher, ³⁶Maria Emília, há já/ dez anos em tratamento psiquiátrico e sem quaisquer perspectivas de/ êxito ou de melhoras consideráveis. ³⁷A sua presença na missa de/ domingo era apenas uma extensão dos seus deveres e não uma forma/ de encontrar uma saída para fora do labirinto que se tinha fechado/ à sua volta. ³⁸Vergada sob o peso das suas circunstâncias, a alma do/ capitão Pais não podia ser atraída para os voos da imaginação heróica/ e, assim, a perspectiva de morrer aos 35 anos, uma morte sem sen-/ tido, era-lhe tão insuportável que o seu medo era o motivo dos incon-/ táveis *dicta* que circulavam na companhia a seu respeito. ³⁹Ouvi o som/

dessa angústia logo no dia seguinte à nossa conversa depois da missa/ com o major, quando o capitão me procurou no Café Coimbra, acom-/ panhado de uma ordenança, e com a voz rouca e a garganta seca me// deu a conhecer que tinha vindo pelo rádio a ordem de eu subir à/ serra e fazer lá uma patrulha de dois dias./

⁴⁰Recebi do major Capelo os pormenores da operação no seu gabi-/ nete, onde ele, enterrado na sua cadeira, parecia ainda mais pequeno/ do que na realidade era.⁴¹ A tonga da firma Almeida & Filhos tinha/ sido atacada na véspera, um dos trabalhadores morrerá no ataque, e/ os restantes recusavam-se agora a trabalhar o café sem o nosso apoio/ e a nossa presença. ⁴²E depois de me delinear o percurso e a situação/ da tonga Almeida & Filhos descemos até à rua, falando agora acerca/ de Leiria, ⁴³onde o major Capelo e eu tínhamos prestado serviço, ele/ na Infantaria e na Legião Portuguesa e eu apenas, num episódio de/ seis meses, no regimento de Infantaria./

⁴⁴E começando agora a subir a rampa em direcção ao Grande Hotel/ do Uíge, onde o major ia telefonar à sua mulher, voltou ao tema da/ minha patrulha para me dizer que era preciso atacar a sanzala onde/ os cabecilhas se escondem, e depois simplesmente deitar-lhe fogo.⁴⁵ «O/ já conhecido alferes Teles tem uma fórmula que nunca falha. Quando/ ataca uma sanzala corta as cabeças de dois dos mortos. Espeta uma/ estaca em cada cabeça e enterra as estacas, com as cabeças em cima,/ à entrada da sanzala. ⁴⁶Quando o nevoeiro cai e os sobreviventes ten-/ tam regressar à sanzala, são confrontados com as duas cabeças, uma/ de cada lado, à entrada. Fogem e nunca mais voltam. Se esperar pelo/ nevoeiro ainda pode atacar os sobreviventes».

⁴⁷Já à porta do hotel, depois do precoce pôr-de-sol que a serra/ implica, olhando para a serra via-se o nevoeiro descer. ⁴⁸O major Capelo/ tinha de telefonar à sua mulher em Lisboa – e já estava preparado/ para esperar duas horas pela chamada – para se queixar que a *after/ shave* Yardley não tinha chegado. ⁴⁹Desejando-lhe o rápido envio da *after/ shave* Yardley, voltei a percorrer a rua principal em direcção ao quar-/ tel, devagar, sob as árvores do passeio, agora completamente sem sol:/ começava o nevoeiro e a seguir era a noite.

¹Sobre uma profecia de Daniel

²Um das boas duas horas de jeep e uma escolta composta por uma/ secção de infantaria eram necessárias para fazer a em si deliciosa via-/gem de Vista Alegre para o Alto Dange, ³onde a minha companhia/ se encontrava já desde o fim das chuvas, uma viagem através de uma/ paisagem dividida em floresta de montanha, por um lado, e morros/ e vales esparsamente cobertos de um capim de meio metro de altura,/ por outro. ⁴O nosso acampamento era justamente num desses morros,/ no topo de um outeiro tão íngreme que obrigava o já em si poderoso/ jeep a ter de fazer o percurso em primeira velocidade, desde a estrada/ até ao fim da subida, já dentro do perímetro do aquartelamento. ⁵Se/ não fosse o arame farpado à volta poder-se-ia, do ponto de vista da/ estrada em baixo, ter a ideia de que o nosso acampamento era a igreja/ do Alto Dange, ⁶de tal modo o pequeno conjunto construído pelo chefe/ de posto para a sua residência, e que nós agora usávamos como quar-/tel, tinha a recolhida modéstia de um pequeno lugar de culto. ⁷Mas/ uma vez lá em cima era-se amplamente recompensado pela vista majes-/tática que se tinha para as montanhas dos Dembos, do lado poente,/ ⁸e pela visão pastoral e inocente das tongas de café, já do lado nor-/deste, em direcção a um para nós indefinido Congo./

⁹Ainda do alto do que foi em tempos a casa do chefe de posto era-/ -nos possível ter também uma visão de conjunto da pequena povoação/ do Alto Dange, em baixo, onde as poucas construções a pedra e cal/ estavam inabitáveis, ¹⁰em virtude de em tempos terem sido bombardea-/ das pela nossa Força Aérea, ¹¹e era justamente numa delas que antes/ da guerra tinha funcionado como escola primária, agora completamente/ sem telhado, que se alojavam uma meia dúzia de trabalhadores indíge-/ nas. ¹²Estes homens, algumas mulheres e duas ovelhas eram tolerados/ pelo nosso comando e tinham autorização para trabalhar numa tonga,/ não muito longe do nosso quartel, ¹³sem qualquer protecção da nossa par-/ te, sendo a sua única obrigação depositar na nossa companhia a catana/ com que trabalhavam a tonga. ¹⁴Este depósito dava origem a um pequeno/ ritual que todos os dias, quatro vezes por dia, o cabo de serviço e os// trabalhadores indígenas, descalços, sem qualquer roupa da cintura para/ cima e muito pouca da cintura para baixo, tinham de celebrar: ¹⁵o depósi-/ to e a contagem das catanas, com os trabalhadores em fila indiana, depo-/ sitando ou levantando a sua catana, e o cabo de dia a fazer a contagem./

¹⁶Foi neste quartel que, durante algum tempo da minha permanên- / cia no Alto Dange, vim a conhecer na intimidade Jorge Pais, o coman- / dante da minha companhia e a pessoa com quem, por assim dizer, / tive de partilhar a minha experiência do mundo da guerra à nossa / volta. ¹⁷O capitão Jorge Pais não era, em princípio, um defensor de / causa alguma, era um homem sem causas, parcialmente perdido para / a realidade exterior à sua família, ¹⁸cujas vicissitudes o tinham condu- / zido a uma forma difusa de melancolia e ansiedade, a qual lhe tinha / valido o sarcástico *epiteton ornans* de «capitão sem medo». ¹⁹A sua his- / tória pessoal não era invulgar e, como ele me contou, a sua profissão / na infantaria teria sido tolerável sem esta guerra, sem um casamento / sem filhos, ²⁰sem a sua mulher há já dez anos em tratamento psiquiá- / trico e sem quaisquer perspectivas de êxito ou de melhoras conside- / ráveis. ²¹Ao fim de quatro semanas, do, para ele, angustiante silêncio / do Alto Dange, e na perspectiva de ter que comandar um ataque a / uma posição nos cumes de Zemba, ²²Jorge Pais foi acometido de uma / doença ainda mais difusa, de uma angústia tão profunda que teve / de ser evacuado para Luanda.²³ E foi assim que, como oficial mais / antigo, na imensa solenidade da paisagem africana me encontrei à / frente de uma companhia de infantaria. /

²⁴Não foi para mim e para os nossos soldados um tempo parti- / cularmente árduo, essencialmente em virtude da reduzida densidade / de população indígena na área, ²⁵e o trabalho de endoutrinação e orga- / nização nacionalistas, por parte de um movimento nessa altura ainda / dividido em duas organizações rivais, era de preferência exercido em / áreas mais habitadas dos Dembos. ²⁶As minhas patrulhas tinham assim / um curso e um desfecho sem acontecimentos e logo sem grande signi- / ficado militar, e tornavam-se a breve trecho numa experiência de união / com a primordial e extática paisagem dos Dembos, ²⁷a qual das mon- / tanhas até às terras mais baixas era organizada pelo nebuloso rio Suege, / que já fora da área da nossa companhia corria dentro da floresta, donde / provinham os nevoeiros.²⁸ Foi no caudal deste rio, já perto de Vista / Alegre, que fomos uma manhã surpreendidos por grandes manchas / vermelhas na sua corrente, à superfície da qual flutuavam um número / incontável de cadáveres de nacionalistas mortos pela organização rival. / ²⁹Mas uma tal imagem de morte, sobre a neblina da manhã ensanguen- // tada do Suege, era logo redimível por uma exploração das terras altas, / onde a indestrutível continuidade do silêncio era já uma experiência / da eternidade. ³⁰Numa dessas elevações, e um pouco para o interior / em relação à estrada principal, situavam-se os restos do que fora em / tempos uma missão de padres

canadianos adventistas. ³¹Nunca conse-/ gui estabelecer quem teria sido responsável pela destruição do edifí-/ cio, agora reduzido a uma das paredes, parcialmente sem telhado, e em/ que a pequena capela fora manifestamente vandalizada. ³²No que deve/ ter sido o altar tinha sido gravada a profecia de Daniel: «E muitos/ dos que dormem no pó da terra serão aordados, alguns para a vida/ eterna, outros para uma vergonha e um desprezo sem fim»./

³³Os meus dias sem patrulha obedeciam a um reconhecível plano,/ cuja finalidade era fazer a todo o tempo conciliar as exigências do ser-/ viço com as minhas necessidades de leitura e recolhimento, ³⁴e uma/ parte essencial desse plano era o meu uso das horas entre o meio-dia/ e as duas, para depois de beber café com o médico ficar na improvi-/ sada sala de oficiais, ele a fazer paciências com cartas e eu a ler a *Corres-/ pondência* entre Rilke e a princesa Maria von Thurn und Taxis. ³⁵E foi no/ silêncio pristino de uma dessas tardes africanas que ouvi um conjunto de/ vozes que reconheci serem de indígenas, ³⁶e que analisando o facto com o/ médico chegámos à conclusão que se devia tratar dos trabalhadores,/ que sobiam o morro para levantar as suas catanas e regressar ao trabalho/ na tonga. ³⁷Mas sucedeu que o número de vozes foi gradualmente aumen-/ tando, sem que nem ele deixasse de fazer paciências nem eu deixasse de/ ler, quando nos apercebemos de que já estávamos no meio de uma grita-/ ria tumultuosa. ³⁸E foi exactamente no momento em que eu pousei o meu/ livro sobre a mesa e o médico, lívido, se começou a levantar, que reben-/ tou à nossa volta a gritaria dos nossos soldados a correr pelo acampa-/ mento, ³⁹uns à procura das suas armas, outros de regresso com a sua arma,/ que rebentou de facto, à nossa volta, o fogo convulsivo das espingardas/ e das metralhadoras, ⁴⁰de tal modo que quando cheguei à porta já todo o/ perímetro do acampamento estava protegido pelos nossos soldados, que/ atiravam a matar sobre uns indígenas, ⁴¹os quais, naquela altura, confu-/ samente me apercebi que fugiam pelo morro abaixo em direcção à mata./ ⁴²Lutando contra a confusão causada pela sensação da morte à superfí-/ cie da pele, mandei instalar os morteiros e disparar, a fim de cortar/ a fuga aos assaltantes e de impedir um contra-ataque. ⁴³Este contacto/ vivo com a morte passa-se numa zona da consciência onde não há a/ experiência do tempo, uma vez que a morte é a eternidade e eu estava/ nesse momento diante da eternidade, ⁴⁴mas hoje à distância, e assim// regressado ao tempo, inclino-me a dizer que tudo não durou mais do/ que um quarto de hora desde a minha primeira percepção da natureza/ hostil da gritaria até à descoberta de que o ataque estava terminado. ⁴⁵E/ foi

com a nova segurança ganha nesta descoberta que comecei, com o/ sargento de serviço, a fazer a ronda do acampamento, a verificar uma/ vez mais o estado do arame farpado, ⁴⁶quando subitamente me apercebi/ da tétrica existência de um elevado número de cadáveres do lado de/ fora da vedação, os cadáveres dos indígenas mortos no assalto./

⁴⁷Além de enviar uma mensagem para o comando, a minha única/ actividade consistiu em mandar reunir os *spolia* deixados pelos assal-/ tantes, analisar o seu conteúdo e escrever um relatório acerca do seu/ significado militar. ⁴⁸Mas o espólio era essencialmente constituído por/ bengalas, umas mais primitivas outras mais trabalhadas, e um elevado/ número de livros, que acabei por descobrir serem todos Bíblias, umas/ em português outras em inglês, ⁴⁹e de outros documentos escritos havia/ apenas cartas, de muito difícil leitura e de conteúdo obviamente pes-/ soal, ⁵⁰as quais davam por vezes informações acerca de algumas práti-/ cas mágicas a que estas pessoas estavam associadas. ⁵¹Para elaborar o/ relatório tive que chamar a mim o sargento da ronda e foi dele que/ ouvi, pela primeira vez, a completa sequência dos acontecimentos: de/ várias direcções da mata convergiram para o nosso acampamento grupos/ de homens, num manifesto estado de agitação, ⁵²gritando frases que o/ sargento não conseguiu compreender, e, ao chegarem junto dele, um deles/ dirigiu-se-lhe em português ⁵³e disse-lhe que os Portugueses tinham que se/ ir embora, que estava escrito na Bíblia, no livro que ele trazia na mão./ ⁵⁴Os outros começaram a gritar ainda mais tumultuosamente, e foi só/ quando se sentiu agredido por uma bengala e uma chuva de pedras,/ foi só nesse momento que compreendeu que tinha de atirar a matar/ e fê-lo, ⁵⁵embora só depois de o ter feito, e de os soldados terem come-/ çado também a atirar, tenha descoberto que os assaltantes não eram/ portadores de armas de fogo./

⁵⁶Um grupo de soldados tomou a iniciativa de abrir uma vala pro-/ funda junto ao arame farpado, e durante algumas horas, enquanto o/ dia caminhava para o seu fim, os soldados terminaram a vala e os/ cadáveres foram restituídos à terra.⁵⁷ Ao pôr-do-sol o acampamento/ inseriu-se de novo no silêncio da paisagem e, eu e o médico, dando/ mais uma volta ao arame farpado, ficámos a ver as grandes sombras/ cair sobre o horizonte. ⁵⁸O nosso médico não acreditava na ressurreição/ dos mortos. Só quebrou o silêncio quando chegou a noite, para me dizer: ⁵⁹«Não acredito na ressurreição dos mortos, mas agora vejo que é uma ideia justa».

Segunda edição

¹DUAS SEMANAS SEM YARDLEY

²Em 1961 a reverência perante o Apóstolo Paulo e o poder que/ este exercia sobre a consciência dos fiéis podiam ser bem medidos pelo/ facto de o P.^e Luís Mendes, em serviço no meu batalhão, ³com genuína/ dor lamentar ainda a perda do hábito de se usar o nome completo da/ cidade de Luanda, precisamente São Paulo de Luanda, em favor da/ forma abreviada, esta sem qualquer referência – e logo sem reforçar a/ permanência eficaz – do Apóstolo dos Gentios. ⁴«É como se tirassem/ a cabeça à cidade», dizia o P.^e Luís Mendes, nessa altura já incons-/ cientemente habituado a dividir o seu tempo entre a missa preta no/ musseque e a missa branca na baixa de Luanda./

⁵Depois da missa branca do P.^e Luís Mendes o meu destino era/ invariavelmente a pequena livraria Lello, em toda a cidade – e por/ consequência em toda a província de Angola – a única loja de Música/ onde, por meio de um abreviado catálogo *Swann*, era possível fazer en-/ comendas. ⁶Foi justamente num desses momentos de depois da missa,/ na companhia do meu pesado *missal de Solesmes*, que ao ir resgatar a/ minha encomenda da *Salomé* conheci o, hoje imensamente conheci-/ do, escultor Paulo Espada, num encontro que veio para mim a ter as/ mais fatídicas consequências./

⁷ Paulo Espada estava de baixa no Hospital Militar, em virtude de/ uns ligeiros ferimentos que tinha sofrido na cabeça, durante um ata-/ que nas imediações de Bessa Monteiro, de que a sua unidade tinha/ sido vítima. ⁸Na realidade, pouco mais aconteceu à sua cabeça do que/ ter de rapar algum cabelo e *factum erat* que a maior parte do seu// tempo em Luanda Paulo Espada passava-o a desenhar. ⁹Aprendi assim a/ ir com ele para a Estrada Marginal estudar, no silêncio quente da baía/ azul e branca, o movimento das elegantíssimas embarcações indígenas,/ ¹⁰e desta maneira acabei por perceber qual é o foco da percepção de um/ escultor, a sua obsessiva concentração no contraste dramático entre os/ *volumes* da cabeça, do pescoço e do torso dos invariavelmente seminus/ trabalhadores indígenas./

¹¹ Quando já estava prestes a ter a capacidade de prever a evolução/ de um dos seus desenhos, dos traços iniciais para a sua forma final,/ a minha Companhia foi chamada a

entrar em acção na Serra do/ Uíge e ¹²comecei assim com o escultor um novo padrão da nossa ami-/ zade, um padrão de guerra, umas vezes juntos, outras separados. / ¹³Não deixei de levar comigo dois dos seus desenhos, justamente so-/ bre os homens e o seu trabalho na baía de Luanda ou, mais exacta-/ mente: um sobre uma cabeça de perfil e o segundo sobre um torso/ de um pescador. ¹⁴E foi este segundo desenho que acabei por oferecer/ ao major, comandante da unidade, que a minha Companhia teve a/ incumbência de reforçar./

¹⁵O major Capelo, ou Armando Capelo, como ele assinava a Or-/ dem do Dia, era a suprema autoridade militar da pequena povoação/ do Uíge, a qual era considerada pela então já residual população eu-/ ropeia e pelas autoridades administrativas como uma cidade, mesmo/ com a dignidade de capital de distrito. ¹⁶Na realidade, consistia essen-/ cialmente numa avenida principal, agradavelmente arborizada de/ ambos os lados, com edifícios de um modesto mas bem conservado/ ar provinciano português, ¹⁷com uma escola, uma estação de rádio,/ um hotel e uma igreja, a igreja de São João Baptista do Uíge, onde os/ militares portugueses ouviam a missa de domingo ou a missa de fina-/ dos pelos seus camaradas mortos em combate.//

¹⁸Era de resto através do permanente contacto com a morte e da/ sua iminência em combate que eu me explicava o retorno à religião/ da infância por parte de muitos dos nossos militares, os quais, acaba-/ da a guerra, regressariam à irreligiosidade da classe média e voltariam/ a considerar a alma e o seu destino como um problema do passado./ ¹⁹Mas agora sob a pressão irresistível de uma morte provável na próxi-/ ma curva de estrada, o regresso mesmo que provisório a Deus torna-/ va-se numa espécie de um equivalente instintivo da raciocinada apos-/ ta de Pascal./

²⁰ E foi assim que no domingo, que se sucedeu à nossa chegada, na/ missa das dez lá estava o capitão da minha Companhia ²¹e o já calvo/ major Capelo, o qual, de resto, numa voz clara mas que traía logo a/ incompreensão do *sentido* do que estava a dizer, leu a epístola do dia,/ um passo da primeira de São Paulo aos Coríntios. ²²Sem hábitos de/ leitura ou de reflexão, o major Capelo teve de forçar o seu caminho,/ laboriosamente, até ao surpreendente desfecho: «Sigam-me como eu se-/ gui Cristo. Recordem-me em todas as coisas e conservem o que eu vos/ ensinei. Mas quero que saibam que a cabeça de cada homem é Cristo,/ e que a cabeça de cada mulher é o homem e que a cabeça de Cristo é/ Deus.»/

²³Aprendi logo nesse domingo que o major Capelo já tinha esta-/ belecido o hábito de, logo no fim da missa, ficar no adro a falar com/ os oficiais presentes, no nosso caso eu e o meu capitão. ²⁴Os sargentos/ e os soldados constituíam-se também em pequenos grupos, separa-/ dos por classe, e os temas falados, quer no nosso grupo quer nos outros, já eram aliviadamente profanos. ²⁵Como a pequena cidade de/ facto se encontrava construída sobre uma elevação, tinha-se do adro/ uma vista em semicírculo de toda a serra. ²⁶E agradecendo uma vez /mais o desenho do meu amigo Espada, o major apresentou-me a// serra como o nosso teatro de operações ²⁷e sugeriu ao meu capitão a/ necessidade de em breve subir à serra e procurar o contacto com o/ inimigo, uma vez que todos os cabecilhas do terrorismo se tinham/ escondido lá. ²⁸Esta reunião à volta da missa de domingo só terminava/ verdadeiramente quando o padre da igreja de São João Baptista se/ despedia dos oficiais os quais, logo a seguir à continência, seguiam,/ como eu nesse dia, para o café local./

²⁹ Foi neste café que, durante os dois meses da nossa permanência/ na cidade, verdadeiramente vim a conhecer a intimidade de Jorge/ Pais,³⁰ o capitão da minha Companhia e a pessoa com quem mais ime-/ diatamente tive de partilhar a minha experiência do novo mundo à/ nossa volta. ³¹Ao tempo da sua abertura o Café Coimbra deve ter sido/ como qualquer dos cafés toscos da província portuguesa, à volta ou/ mesmo dentro de Coimbra, os proprietários do qual tinham certa-/ mente emigrado dessa parte do País para o Uíge. ³²As circunstâncias da/ guerra tinham entretanto conduzido a um completo corte com todas/ as convenções de estilo e de comportamento: no café Coimbra a/ imagem dominante na mesa de café era a espingarda *Mauser*, ou a es-/ pingarda-metralhadora *Uzi*, ³³que os militares e os civis depositavam/ em cima da mesa, para iniciar a conversa que deveria produzir uma/ pausa no constantemente presente tema da guerra, uma pausa nunca/ alcançada, uma vez que era impossível deixar de falar sobre a guerra e/ deixar de sentir a sua garra./

³⁴O capitão Jorge Pais não era um defensor, em princípio, da/ causa de Angola portuguesa. Não era na verdade um defensor de/ coisa alguma, era antes um homem sem causas, parcialmente perdido/ para a realidade exterior a si próprio e à sua família. ³⁵A sua história/ pessoal não era alheia ao sofrimento e, como ele me contou, se não/ fosse o terrorismo, a sua profissão na Infantaria tê-lo-ia compensado// de um casamento sem filhos e de uma mulher, ³⁶Maria Emília, há já/ dez anos em tratamento psiquiátrico, sem melhoras consideráveis/ nem perspectivas de êxito. ³⁷A sua presença na missa de

domingo era/ também uma extensão dos seus deveres militares e não uma forma de encontrar um sentido para a sua vida.³⁸ Vergado sob o peso das cir-/ cunstâncias, a alma do capitão Pais não podia ser atraída para os voos/ da imaginação heróica e, por isso mesmo, a perspectiva de morrer/ aos trinta e cinco anos uma morte sem sentido era-lhe tão insuportá-/ vel que o seu medo do combate era o motivo dominante dos incon-/ táveis *dicta*, que circulavam na Companhia a seu respeito./

³⁹Ouvi o som desse medo logo no dia seguinte à nossa conversa de-/ pois da missa com o major, quando o capitão me procurou no Café/ Coimbra, acompanhado de uma ordenança e, com a sua voz rouca e a/ garganta seca, me deu a conhecer que tinha vindo pelo rádio a ordem/ de eu subir à serra e fazer operações de patrulha durante dois dias./

⁴⁰Recebi do major Capelo os pormenores da operação no seu ga-/ binete onde ele, enterrado na sua cadeira, parecia ainda mais peque-/ no do que na realidade era. ⁴¹A plantação de café Almeida & Filhos/ tinha sido atacada na véspera, um dos trabalhadores morrera no ata-/ que e os restantes recusavam-se agora a trabalhar a tonga sem o apoio/ e a presença dos militares portugueses. ⁴²E depois de me delinear o/ percurso a adoptar e a situação da plantação Almeida & Filhos desce-/ mos até à rua, falando agora já acerca de Leiria e de Santa Margarida,⁴³ onde ambos tínhamos prestado serviço, ele como oficial de infantaria/ (e instrutor da Legião Portuguesa local) e eu para receber instrução/ na minha especialidade, operações conjuntas Cavalaria-Infantaria./

⁴⁴E começando agora a subir a rampa em direcção ao Grande Ho-/ tel do Uíge, onde o major Capelo ia telefonar todas as semanas à sua/ mulher, voltou ao tema das operações na serra, para sublinhar que// era preciso encontrar e assaltar a sanzala onde os cabecilhas se escondem e depois simplesmente deitar-lhe fogo. ⁴⁵E acrescentou a seguir/ que o já conhecido alferes Teles tem uma fórmula que nunca falha./ «Quando ataca uma sanzala corta a cabeça de dois dos pretos mor-/ tos. Espeta uma estaca em cada cabeça e enterra as estacas, com as/ cabeças em cima, logo à entrada da sanzala. ⁴⁶Quando a cacimba cai/ sobre a sanzala os sobreviventes tentam regressar: mas quando se de-/ param com as cabeças nas estacas fogem e nunca mais voltam. E se/ você esperar pela cacimba ainda pode atacar os sobreviventes»./

⁴⁷Já à porta do hotel, depois de um precoce pôr-do-sol a que a al-/ tura da serra obriga, olhei para a serra e vi o que para mim sempre/ tinha sido nevoeiro e agora passava a ser

cacimba, a descer sobre a/ serra. ⁴⁸O major Capelo tinha que telefonar à sua mulher em Lisboa/ – e já estava preparado para uma espera de duas horas – para se/ queixar que o correio, há já duas semanas, não trazia a *after shave/ Yardley*. ⁴⁹Desejando-lhe uma rápida recepção da *after shave Yardley/* voltei a percorrer, devagar, a rua principal em direcção ao quartel,/ sob as árvores do passeio, agora já completamente sem sol.

¹SOMBRAS SOBRE A MATA AO FUNDO

²Um das boas duas horas de *jeep* e uma escolta composta por uma/ secção de Infantaria eram necessárias para fazer a em si deliciosa via-/ gem de Vista Alegre para o Alto Dange, ³onde a minha Companhia se/ encontrava desde o fim das chuvas, uma viagem através de uma pai-/ sagem dividida em floresta de montanha, por um lado, e morros e/ vales esparsamente cobertos de um capim de meio metro de altura,/ por outro. ⁴O nosso acampamento era justamente num morro ainda/ mais elevado, no topo de um outeiro tão íngreme que obrigava o já/ em si poderoso *jeep* a ter de fazer o percurso em primeira velocidade,/ desde a estrada até ao fim da subida, já dentro do perímetro do/ aquartelamento. ⁵Se não fosse o arame farpado à volta poder-se-ia, do/ ponto de vista da estrada em baixo, ter a ideia de que o nosso acam-/ pamento era a igreja do Alto Dange, ⁶de tal modo o pequeno conjun-/ to construído pelo então chefe de posto para a sua residência, e que/ nós agora usávamos como quartel, recriava a atmosfera de recolhida/ modéstia de um pequeno e perdido lugar de culto. ⁷Mas uma vez lá/ em cima era-se nobremente compensado pela vista majestática que se/ abria sobre as montanhas dos Dembos, do lado poente, ⁸e pela visão/ bucólica e pastoral das tongas de café, já do lado nordeste, em direc-/ ção a um para nós difuso ex-reino do Congo./

⁹ Ainda do alto do que foi em tempos a casa do chefe de posto/ era-nos possível ter também uma visão de conjunto da pequena po-/ voação do Alto Dange, em baixo, onde as poucas construções a pedra/ e cal estavam inabitáveis, ¹⁰em virtude de no início da guerra terem// sido bombardeadas pela nossa Força Aérea. ¹¹Era justamente numa/ destas construções de pedra e cal, agora completamente sem telhado,/ e que antes da guerra tinha funcionado como escola primária, que se/ alojava uma meia dúzia de trabalhadores indígenas. ¹²Estes homens, al-/ gumas mulheres e duas ovelhas eram tolerados pelo nosso comando e/ tinham autorização para trabalhar numa tonga, não muito longe do/ nosso quartel, ¹³sem qualquer protecção da nossa parte, sendo a sua/ única obrigação depositar na nossa companhia a catana com que tra-/ balhavam a tonga. ¹⁴Este depósito dava origem a um pequeno *ritual*/ que todos os dias, quatro vezes por dia, o cabo de serviço e os traba-/ lhadores indígenas, descalços, sem qualquer roupa da cintura para/ cima e muito pouca da cintura para baixo, tinham de celebrar: ¹⁵o de-/ pósito e a contagem das catanas, com os indígenas em fila indiana,/ depositando ou levantando a sua catana e o cabo-de-dia à sua frente,/ a fazer a contagem./

¹⁶E foi neste improvisado quartel de mato que durante algum/ tempo da minha permanência no Alto Dange vim a conhecer em/ maior intimidade Jorge Pais, o comandante da minha Companhia e a/ pessoa com quem, por assim dizer, tive de partilhar a minha experiên-/cia do mundo da guerra à nossa volta. ¹⁷O capitão Jorge Pais não era, em/ princípio, um defensor de causa alguma, era antes o que se podia cha-/ mar um homem sem causas, parcialmente perdido para a realidade ex-/ terior à sua família, ¹⁸as vicissitudes da qual o tinham conduzido a uma/ forma nebulosa de cobardia que lhe tinha valido, da parte dos solda-/ dos, o sarcástico *epíteton ornans* de «o capitão sem medo»./

¹⁹A sua história não era invulgar e, como ele me contou, a sua/ vida teria sido tolerável sem a profissão na Infantaria e sem esta guer-/ ra, sem um casamento estéril, ²⁰sem uma mulher há já dez anos em/ tratamento psiquiátrico, e este sem melhoras consideráveis ou pers-// pectivas de cura. ²¹Ao fim de quatro semanas do, para ele, perturbante/ *silêncio* do Alto Dange e prestes a ter de comandar um ataque a uma/ posição nos cumes de Zemba, ²²o capitão Pais foi acometido de uma/ doença ainda mais nebulosa do que a sua habitual angústia, e com a/ qual obtive enfim a sua evacuação para Luanda./

²³E foi assim que em virtude de ser o oficial mais antigo me en-/ contrei posto, na imensa solenidade da paisagem africana, à frente de/ uma Companhia de Caçadores. ²⁴Não foi para mim e para os nossos/ soldados um tempo particularmente árduo, essencialmente em virtu-/ de da reduzida densidade da população indígena na área. ²⁵O trabalho/ de endoutrinação e de organização por parte do movimento naciona-/ lista angolano, nessa altura já dividido em duas organizações rivais, era/ naturalmente exercido em áreas mais habitadas dos Dembos. ²⁶As mi-/ nhas patrulhas tinham assim um curso e um desfecho sem aconteci-/ mentos (e logo sem grande significado militar) e tornavam-se a breve/ trecho para mim numa vivência de encontro e de união com a pri-/ mordial e extática paisagem dos Dembos. ²⁷Esta paisagem era, desde as/ montanhas até às terras mais baixas, dividida pelo vaporoso rio Suege o/ qual, já fora da área da nossa Companhia, corria também dentro das/ neblinas da floresta. ²⁸Foi no caudal deste rio, já perto de Vista Alegre,/ que fomos uma manhã surpreendidos por grandes manchas de sangue/ na sua corrente, à superfície da qual flutuava um número incontável de/ cadáveres de nacionalistas mortos pela organização rival./

²⁹Mas uma tal imagem de morte, sob a neblina da manhã ensan- / guentada do Suege, era logo redimida por uma exploração das terras / altas, onde a incessante continuidade do silêncio era já uma antevi- / vência da eternidade. ³⁰Numa destas elevações, e um pouco para o in- / terior em relação à estrada principal, situavam-se os restos do que fora / em tempos uma missão de padres canadianos adventistas. ³¹Nunca con- // segui estabelecer quem teria sido responsável pela destruição do edifi- / cio, agora reduzido às paredes da fachada, parcialmente sem telhado, / e no qual a pequena capela tinha sido manifestamente vandaliza- / da. ³²No que deve ter sido o altar tinha sido gravada a frase do profeta / Daniel: «E muitos dos que dormem no pó da terra serão acordados, / alguns para a vida eterna, outros para uma vergonha e um desprezo / sem fim.» /

³³Os meus dias sem patrulha obedeciam a um plano que eu me / tinha estipulado, a finalidade do qual era a todo o tempo conciliar as / exigências do serviço com as minhas necessidades de leitura e refle- / xão. ³⁴Uma parte essencial desse plano era o meu uso das horas entre o / meio-dia e as duas da tarde, para depois de beber café com o médico / da Companhia ficar com ele na improvisada sala de oficiais, ele a / fazer paciências com cartas e eu a aprender, nessa altura ainda pela / primeira vez, a ler a *Correspondência* entre a Princesa Marie (Von Thurn und Taxis) e Rilke. /

³⁵E foi no silêncio pristino de uma dessas tardes de repouso que / fomos chocados por um perturbante conjunto de vozes, que reco- / nheci imediatamente serem de indígenas. ³⁶Discutindo no entanto o / facto com o médico chegámos à conclusão que se devia tratar dos / trabalhadores da tonga, que subiam o morro para levantar as suas ca- / tanas e regressar ao trabalho. ³⁷Mas sucedeu que o carácter inquietante / deste ruído foi gradualmente aumentando, sem que ele deixasse de / fazer paciências nem eu deixasse de ler, até que nos apercebemos, fi- / nalmente, estar no meio de uma gritaria tumultuosa. /

³⁸Exactamente no momento em que pousei o meu livro sobre a / mesa e o médico, lívido, se começou a levantar, rebentou à nossa / volta não só a gritaria excitada dos nossos soldados, a correr pelo / acampamento ³⁹à procura das suas armas, mas também o fogo convul- // sivo das espingardas e das metralhadoras. ⁴⁰E assim quando cheguei à / porta da improvisada sala de oficiais já todo o perímetro do acampa- / mento estava protegido pelos nossos soldados, que atirava a matar / sobre os indígenas, ⁴¹os quais me apercebi que fugiam confusamente / em direcção à mata em baixo. ⁴²Tentando vencer,

dentro de mim, a/ confusão causada pelo som da morte à superfície da pele, mandei/ instalar os morteiros e disparar, a fim de cortar a fuga e de impedir/ um novo ataque. ⁴³Este contacto vivo com a morte passa-se numa/ zona da consciência onde não há a experiência do tempo, uma vez/ que a morte é a eternidade e eu estava nesse momento diante da eter-/ nidade. ⁴⁴Hoje, à distância, e assim regressado ao tempo, inclino-me a/ dizer que tudo não durou mais do que uma meia hora, desde a/ minha primeira percepção da natureza hostil das vozes indígenas até/ à constatação de que o assalto estava dominado. ⁴⁵E foi com a nova se-/ gurança ganha nesta descoberta que comecei, com o sargento de servi-/ ço, a fazer a ronda do acampamento, a verificar uma vez mais o estado/ do arame farpado, ⁴⁶quando subitamente me apercebi da existência té-/ trica de um elevado número de cadáveres do lado de fora do períme-/ tro, os cadáveres dos indígenas mortos no assalto./

⁴⁷Além de enviar diversas mensagens para o comando, a minha/ única actividade consistiu em mandar reunir o *spolium* deixado pelos/ assaltantes, identificar o seu conteúdo e escrever um relatório descri-/ tivo do assalto e do seu significado militar. ⁴⁸Mas o espólio deixado/ pelos assaltantes era essencialmente constituído por bengalas, umas/ mais primitivas e outras mais trabalhadas, e por um elevado número/ de livros, que acabei por verificar serem todos *Bíblia*s, algumas em/ português e outras em inglês. ⁴⁹Um número de outros documentos es-/ critos era constituído por cartas, de muito difícil leitura e de conteú-/ do as mais das vezes pessoal, ⁵⁰das quais se obtinha também alguma in-/ formação acerca de práticas mágicas a que estas pessoas estavam liga-/ das. ⁵¹Para elaborar o relatório tive que chamar a mim o sargento da/ ronda e foi dele que ouvi, pela primeira vez, a completa sequência/ dos acontecimentos: de várias direcções da mata convergiram para o/ nosso acampamento grupos de homens, num manifesto estado de/ excitação, ⁵²gritando frases que o sargento não conseguiu compreender/ e, ao chegarem junto dele já no arame farpado, um deles dirigiu-se-/ -lhe em português ⁵³e disse-lhe que estava escrito na *Bíblia*, no livro/ que trazia na mão, que os portugueses tinham de sair do Alto Dange./ ⁵⁴Os outros atrás dele começaram a gritar ainda mais tumultuosamen-/ te e foi só quando se sentiu agredido por uma bengala e uma verda-/ deira chuva de pedras, foi só nesse momento apenas, que compreen-/ deu que tinha de atirar a matar e fê-lo. ⁵⁵Só depois de o ter feito, e de/ os soldados terem também começado a disparar, veio a constatar que/ os assaltantes não eram portadores de armas de fogo./

⁵⁶Um grupo de soldados tomou logo a seguir a iniciativa de abrir,/ já do lado de fora do arame farpado, uma vala profunda e ao fim de/ algumas horas de trabalho, quando o dia caminhava já para o seu/ fim, a vala ficou pronta e os cadáveres foram restituídos à sua terra./ ⁵⁷Com o pôr-do-sol o acampamento voltou a inserir-se no silêncio da/ paisagem e eu e o médico, dando mais uma volta ao arame farpado,/ ficámos também sem palavras a ver as grandes sombras que desciam/ sobre a mata, ao fundo. ⁵⁸O nosso médico, que não acreditava na res-/ surreição dos mortos, só quebrou o silêncio quando se fechou final-/ mente a noite, para me dizer: ⁵⁹«Já sabe que não acredito na ressurrei-/ ção, mas agora vejo que é uma ideia justa.»

Conclusão

De forma a traçar a história dos ensaios em estudo, analisámos o manuscrito e os sucessivos testemunhos. As variantes registadas entre os documentos foram o ponto de partida para esta análise, que pretendeu acompanhar as alterações textuais ao longo do tempo e assim compreender o processo de criação do texto pelo escritor.

O estudo dos testemunhos permitiu responder a questões diferentes relativas à criação do texto. O manuscrito, primeira materialização da narrativa, documenta a forma como as frases foram sendo construídas. Através das emendas autorais apercebemo-nos de que as hesitações do autor residiram sobretudo em questões estéticas e de forma e que o conteúdo a desenvolver em cada parágrafo fora delineado pelo escritor antes da passagem para o papel. Para além do texto, o manuscrito revela características próprias da forma de escrita do autor, nomeadamente o uso de várias cores e de símbolos destinados à mudança de linha (=) e à paginação (J). A forma de preenchimento da página e a numeração de linhas mostra-nos como o documento visou desde o início a publicação.

A segunda edição constitui outro testemunho onde a intervenção criadora do autor está bem presente. Nesta obra, o escritor introduziu nova informação e conferiu desse modo maior detalhe às descrições, a narrativa tornou-se mais visual, a linguagem e estruturas fráscas tornaram-se mais claras e menos abertas a interpretações dúbias por parte do leitor.

A mudança dos títulos, a par de outras intervenções registadas na segunda edição, revela a atribuição de ênfase a outros lugares do texto, manifestando uma reinterpretação da narrativa pelo autor.

No que se refere aos outros testemunhos estudados, nomeadamente a publicação jornalística, as provas e primeira edição da obra, verificou-se que registam poucas diferenças entre si. Estes testemunhos são importantes na medida em que documentam alterações úteis para a compreensão de algumas opções tomadas pelo autor. O caso da supressão de um segmento de texto, bem como a mudança de nome da personagem de uma das narrativas, são exemplos ilustrativos da circunstância da publicação no jornal.

Por outro lado, as provas para primeira edição revelam o outro lado da história do texto, resultado de vários intervenientes (autor, revisor e autor enquanto revisor), como a integração da parte do texto que não fora publicada pelo jornal. Assim, na primeira edição, publicada poucos anos após a redacção inicial, o autor interveio significativamente ao alterar um dos títulos. Este gesto espelha uma consciência do texto como algo inacabado e passível de ser alterado ao longo do tempo.

Para a elaboração do estudo sobre o processo de criação dos dois ensaios, a análise do manuscrito e das suas variantes foi essencial e reveladora de aspectos que a leitura de uma das edições não faria adivinhar. Por outro lado, o estudo exclusivo do manuscrito nunca poderia satisfazer a pretensão de compreender a obra na sua globalidade. Procurámos por isso conhecer o contexto em que o texto foi pensado e redigido e as sucessivas transformações a que foi sujeito. O estudo dos diferentes testemunhos permitiu-nos traçar os vários momentos da história do texto e compreender as intervenções do autor e de outros factores determinantes na fixação do texto. Daqui resulta que a conjugação dos ensinamentos da crítica genética e da variantística foi decisiva para uma reflexão mais alargada e completa sobre os mecanismos da escrita.

Bibliografia

Esta bibliografia contém os trabalhos que foram explicitamente mencionados não incluindo todas as leituras feitas durante a realização da presente tese.

Textos estudados de M. S. Lourenço

a. Manuscrito do autor

Caderno Notizbuch ab Sommer Semester 1984 (propriedade de João Dionísio)

b. Provas

Provas tipográficas de *Os Degraus do Parnaso*, 1.^a edição (propriedade de João Dionísio)

c. Impressos

«Em paisagem tropical alma branca missa preta», jornal *O Independente*, 19 de maio, 1989, caderno 3, p. 21.

«Sobre uma profecia de Daniel», jornal *O Independente*, 16 de junho, 1989, caderno 3, p. 30.

Os Degraus do Parnaso, Lisboa: O Independente, 1991.

Os Degraus do Parnaso, Lisboa: Assírio & Alvim, 2002.

Outros textos de M.S. Lourenço

Lourenço, M.S., *O Caminho dos Pisões*, Lisboa: Assírio & Alvim, 2009.

Lourenço, M.S., «A imagem», *O Tempo e o Modo*, n.º 5, Lisboa: 1963, pp. 94-97.

Lourenço, M.S., «Literatura entre duas guerras», *O Tempo e o Modo*, n.º 16-17, Lisboa: 1964, pp. 179-184.

Estudos

Barradas, Maria Filomena, «O Independente perante Portugal: identidades em formação e reavaliação no final do século XX»; disponível em:

http://comum.rcaap.pt/bitstream/123456789/1496/1/O_Independente_perante_Portugal.pdf (dezembro 2012).

Barthes, Roland, «A morte do autor», *O rumor da língua*, Lisboa: Edições 70, 1987, pp. 49-53.

Blecua, Alberto, *Manual de crítica textual*, Madrid: Castalia, 1990.

Castro, Ivo, Introdução à edição genética e crítica de *Amor de perdição*, de Camilo Castelo Branco, Lisboa : Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007.

Dionísio, João, *As escadas têm degraus*, texto inédito apresentado no *Encontro sobre edição de texto (moderno e contemporâneo)*, organização de Fernando Cabral Martins e João Luís Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2005.

Eco, Umberto, *Leitura do texto literário: lector in fabula*, Lisboa: Presença, 1979.

Ferrer, Daniel, «Les filiations divergentes: critique génétique et critique textuelle», *Escritural – Écritures d'Amérique Latine*, n.º2, 2009; disponível em http://www.mshs.univ-poitiers.fr/crla/contenidos/ESCRITURAL/ESCRITURAL2/ESCRITURAL_2_SITIO/PAGES/Ferrer.html (dezembro 2012).

Giaveri, Maria Teresa, «La critique génétique en Italie : Contini, Croce et l'étude des paperasses», *Genesis – Revue internationale de critique génétique*, Paris : ITEM, n.º 3, 1993, pp. 9-29.

Grésillon, Almuth, «La critique génétique: origines et perspectives», *Genética y edición de manuscritos hispánicos contemporáneos: aportaciones a una «poética de transición entre estados»*, Ediciones Universidad Salamanca, p.35; disponível em <http://f.hypotheses.org/wp-content/blogs.dir/329/files/2012/06/PRELIMINARES-.pdf> (dezembro 2012).

Grésillon, Almuth, *Éléments de critique génétique – Lire les manuscrits modernes*, Paris: PUF, 1994.

Grésillon, Almuth, «Ralentir: travaux», *Genesis – Revue internationale de critique génétique*, Paris : ITEM, n.º 1, 1992, pp. 9-31.

Hay, Louis, «L'édition critique et la génétique dans la longue durée», *Genesis – Revue internationale de critique génétique*; disponível em: <http://www.item.ens.fr/index.php?id=578138> (dezembro 2012).

Hay, Louis, «Génese de la génétique», *Genesis – Revue internationale de critique génétique*, disponível em: <http://www.item.ens.fr/index.php?id=172974> (dezembro 2012).

Hay, Louis, *La naissance du texte*, Paris : José Corti, 1989.

Hay, Louis, «Qu'est-ce que la critique génétique ?», *Genesis – Revue internationale de critique génétique*; disponível em <http://www.item.ens.fr/index.php?id=384032> (dezembro 2012).

Hay, Louis, «"Le texte n'existe pas". Réflexions sur la critique génétique», *Poétique*, n.º62, 1985, pp. 147-158.

Hay, Louis (org.), *Avant-texte, texte, après-texte: Colloque International de Textologie*, Mátrafüred, 1978, Paris : CNRS, 1982.

Lebrave, Jean-Louis, «La critique génétique : une discipline nouvelle ou un avatar moderne de la philologie?», *Genesis – Revue internationale de critique génétique*, Paris : ITEM, n.º 1, 1992, pp. 33-72.

Marinho, Maria de Fátima, *O surrealismo em Portugal*, Lisboa: INCM, 1987, pp. 292-294.

Martinho, Fernando J.B., *Literatura Portuguesa do séc. XX*, Lisboa: Instituto Camões, Lisboa, 2004.

McGann, Jerome John, *The Textual condition*, Princeton : Princeton University Press, 1991.

Segre, Cesare, «Critique des variantes et critique génétique», *Genesis – Revue internationale de critique génétique*, Paris : ITEM, n.º 7, 1995, pp. 29-45.

Tamen, Miguel, *Artigos Portugueses*, Lisboa: Assírio & Alvim, 2002.

Tamen, Miguel, «Os degraus do Parnaso» [*crítica a 'Os Degraus do Parnaso', de M. S. Lourenço*], *Revista Colóquio-Letras* n.º 127/128, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1993, pp. 246-248.

Tamen, Miguel, «Uma entrevista a M.S. Lourenço» , *A Teoria do Programa. Uma homenagem a Maria de Lourdes Ferraz e a M. S. Lourenço*, org. Miguel Tamen e António Feijó, Lisboa: Programa em Teoria da Literatura. 2007, pp. 313-64; disponível em: <http://ecastro.com.sapo.pt/entrevista%20tamen%20MSL.pdf> (dezembro 2012).

Zeller, Hans, «L'édition génétique dans le domaine germanique moderne: origines et développements», *Genesis – Revue internationale de critique génétique*, Paris : ITEM, n.º 9, 1996, pp.29-43.

